

NO REINO DA POLIGAMIA

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES**

entrega ao Brasil

suas

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.

49 MTS. 6.185 KLCS.



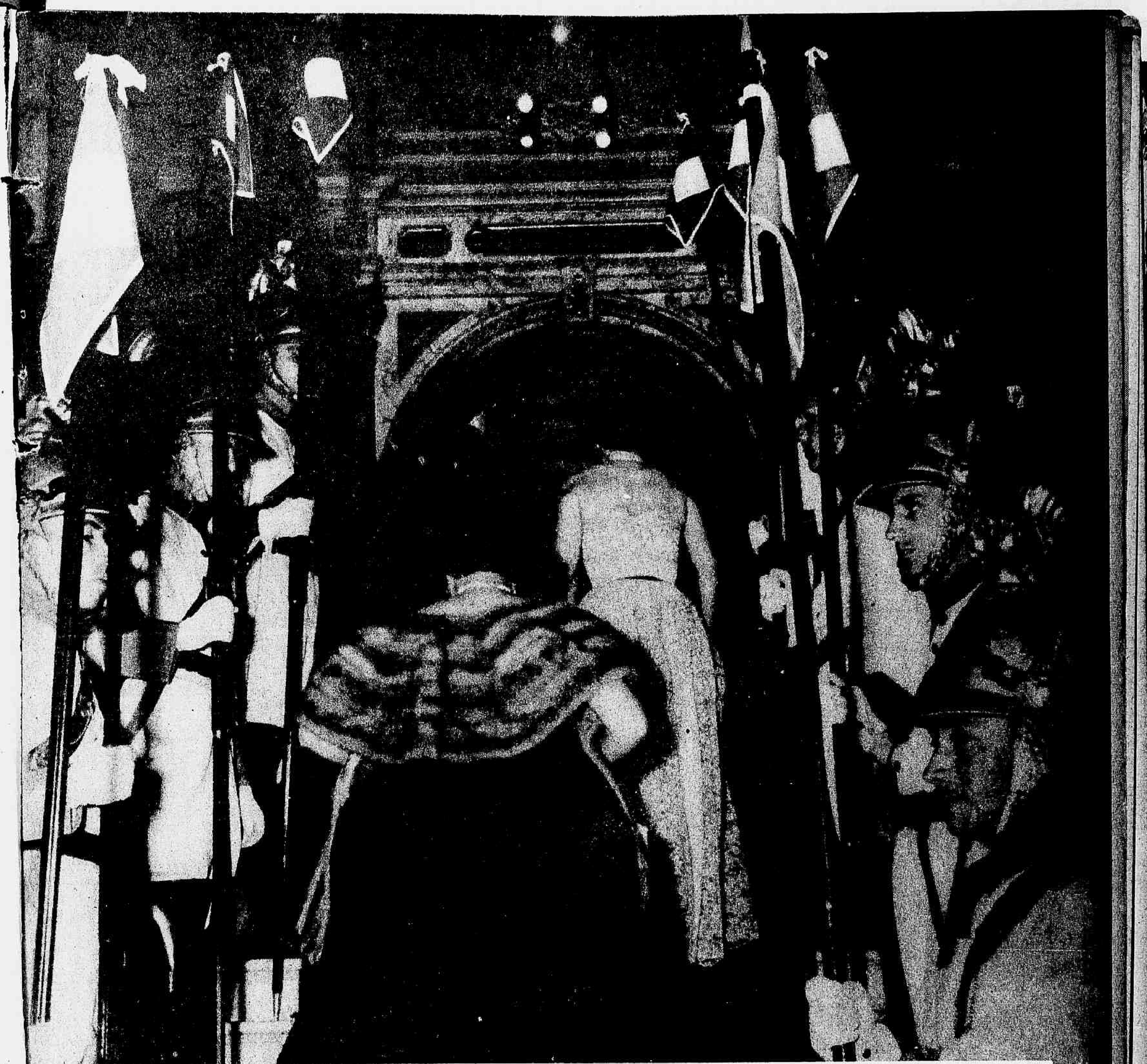
INAUGURAÇÃO EM SETEMBRO



RADIO BANDEIRANTES

a mais popular emissora paulista

PRH-9 - 840 KLCS.



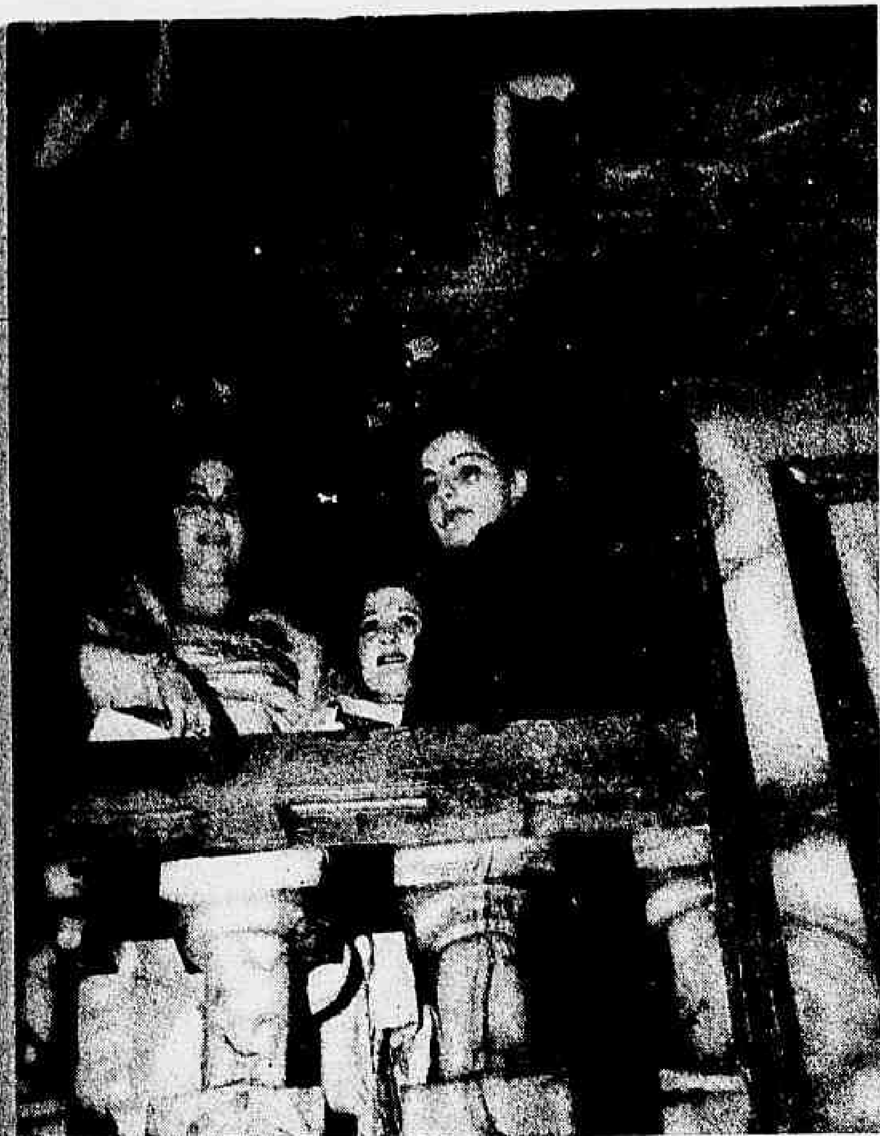
A ABERTURA DA

TEMPORADA LÍRICA DE 1953

TANNHAUSER, DE WAGNER, INAUGURA A TEMPORADA LÍRICA INTERNACIONAL DÊSTE ANO ★ O TEATRO MUNICIPAL, NA NOITE DE 7 DE AGÔSTO, ESPLENDE COM A PRESENÇA DO CORPO DIPLOMÁTICO, DO MUNDO OFICIAL E DO QUE DE MAIS FINO E ELEGANTE POSSUI A SOCIEDADE CARIOCA ★ ARTISTAS DO TEATRO DE VIENA, MUNICH E WIESBADEN SOB A REGÊNCIA DO MAESTRO HUGO BALZER ★ HERTA WILFERT EMPOLGOU A GRANDE ASSISTÊNCIA COM A SUA INTERPRETAÇÃO IMPECÁVEL.

Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

TEMPORADA LÍRICA DE 1953



Madame Djanira Ferro e senhoritas Lília Ferro e Maria Teresa Souto Jorge.

O nosso principal teatro voltou, na noite de sete de agôsto, a viver um dos seus mais belos dias, com a inauguração solene da temporada lírica internacional de 1953. A Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, sob a direção do sr. Barreto Pinto, tendo organizado, com o maior zêlo, a temporada artística ora iniciada, viu que os seus esforços não foram em vão, conquistando-se, para o grande teatro, mais uma etapa de glórias na seara da arte e da cultura, como em épocas passadas. Uma formação de «Dragões da Independência» estacionou nas escadarias do Municipal, desfilando entre alas dêsses garbosos soldados, o mundo elegante do que possui a capital da República, de seleto, culto, na sua vida social. Senhoras de nossa alta sociedade, exibiam vestidos caríssimos, modelados pelos mais famosos costureiros, enquanto se viam, no faustoso ambiente, embaixadores de missões diplomáticas aqui acreditadas, ministros, o prefeito do Distrito Federal, altos comerciantes, banqueiros, homens de imprensa, todo um mundo de elegância e bom gôsto, cultura e distinção social. O espetáculo da estréia foi a «Tannhauser», librêto e música de Richard Wagner. Êsse grande gênio alemão, criador do drama lírico sinfônico, nasceu em Leipzig, em 1813 e morreu em Veneza, em 1883. Inspirou-se, ao escrever essa ópera, numa velha e tradicional lenda germânica, cujo enrêdo pode ser assim resumido:

Tannhauser, cavaleiro alemão, divide seus afetos



Mmes. Oswaldo Rizzo, André Sávio, Ministro Waldemar Marques e dr. Oswaldo Rizzo.



Dr. Flávio Maranhão e senhora, quando trocavam idéias sôbre a magnificência da temporada, surpreendidos pelo nosso fotógrafo.



Madame Olga Novais, após adquirir um exemplar do programa da noitada de arte e elegância, dirige-se ao seu camarote.





Senhora Luciana Alencastro Guimarães e sr. Arnaldo Colasenti; madames Barreto Pinto e Renato Cataldi; madame Levy Neves e senhorita Diva Pieranti; dr. João Tavares e senhora.







Dr. Álvaro Dias, sra. Almirante Augusto do Amaral Peixoto, e srtas. Nilza Drummond e Ecila Drummond, antes de tomarem seus lugares.

entre um amor profano, personificado em Vênus, e um divino, representando Elizabeth, da Hungria. Vênus (soprano) é a deusa da beleza que consegue seduzir Tannhauser (tenor) e o mantém em seus domínios.

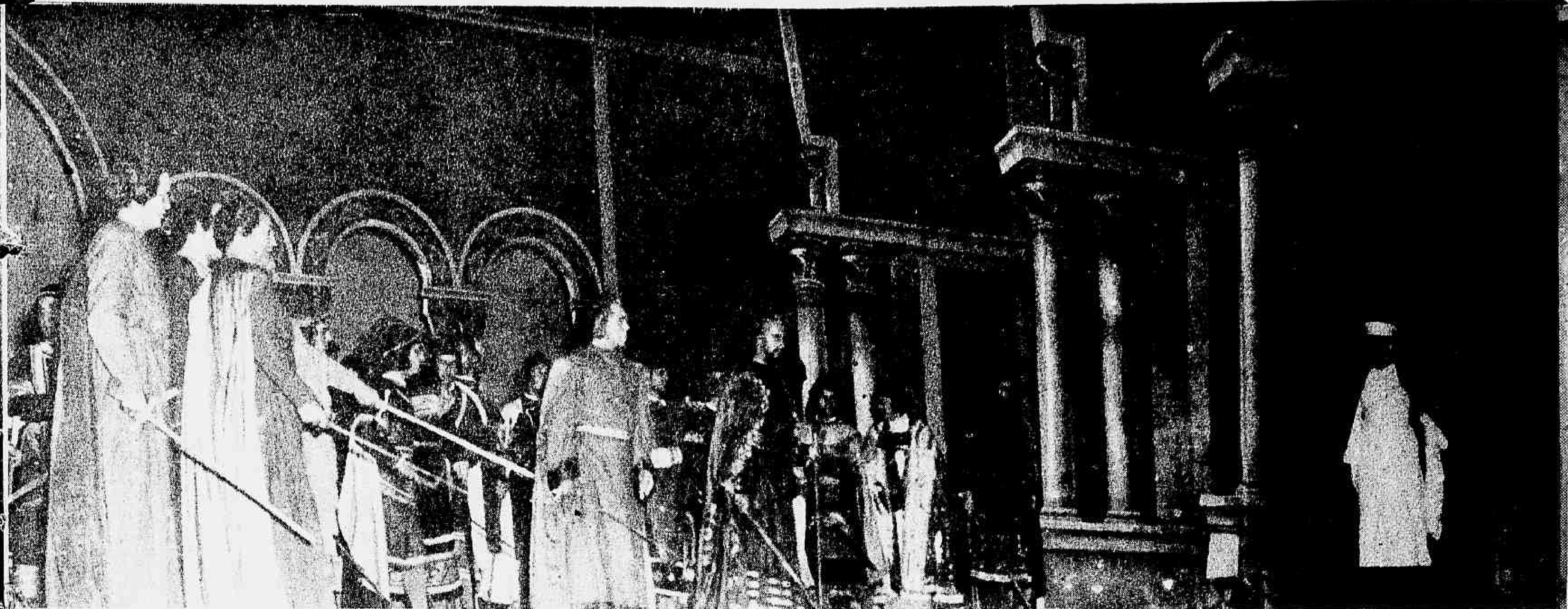
O enfeitiçado pela sedutora Vênus, que era cavaleiro o poeta, cantor e dono de uma alma de artista, ama a Elizabeth apaixonadamente, mas a abandona pela deusa do Amor. No enrêdo Wolfran, o Landgravio, tio de Elizabeth, também a ama, mas secretamente. Além dêsses personagens principais, Wagner utilizou outros, como Walter, Heinrich (tenores), Bitterolf (barítono), Reimar (baixo), que são outros cavaleiros-poetas e cantores. As sereias são representadas pelo côro feminino, ouvido a distância. Os Peregrinos são caracterizados pelo côro masculino. A ópera, cheia de poesia e encanto, divide-se em três atos. A primeira cena constitui o reino subterrâneo de Vênus, a Venusberg; a segunda corresponde ao campo, descrito em pungente melodia. O cenário do segundo ato nos mostra a sala dos Cantores de Warturg, onde se dará o torneio dos **Minnersingers** (trovadores da Germânia), os quais entram ao som da famosa marcha de sabor eminentemente italiano, muito conhecida entre nós. Os principais papéis couberam a Arnold Van Mill, Rudolf Lustig (Tannhauser), Herta Wilfert (Elizabeth), Margarida Kenney (Vênus). Hugo Balzer foi o regente e Heinrich Koehler, o **regisseur**. A Orquestra, o Côro e o Corpo de Baile do Municipal honraram as nossas tradições de cultura.



Almirante Dodsworth Martins, senhora Paulo Boiunga e senhoritas Gilda Boiunga e Izar Carneiro, comentam a beleza da festa do Municipal.



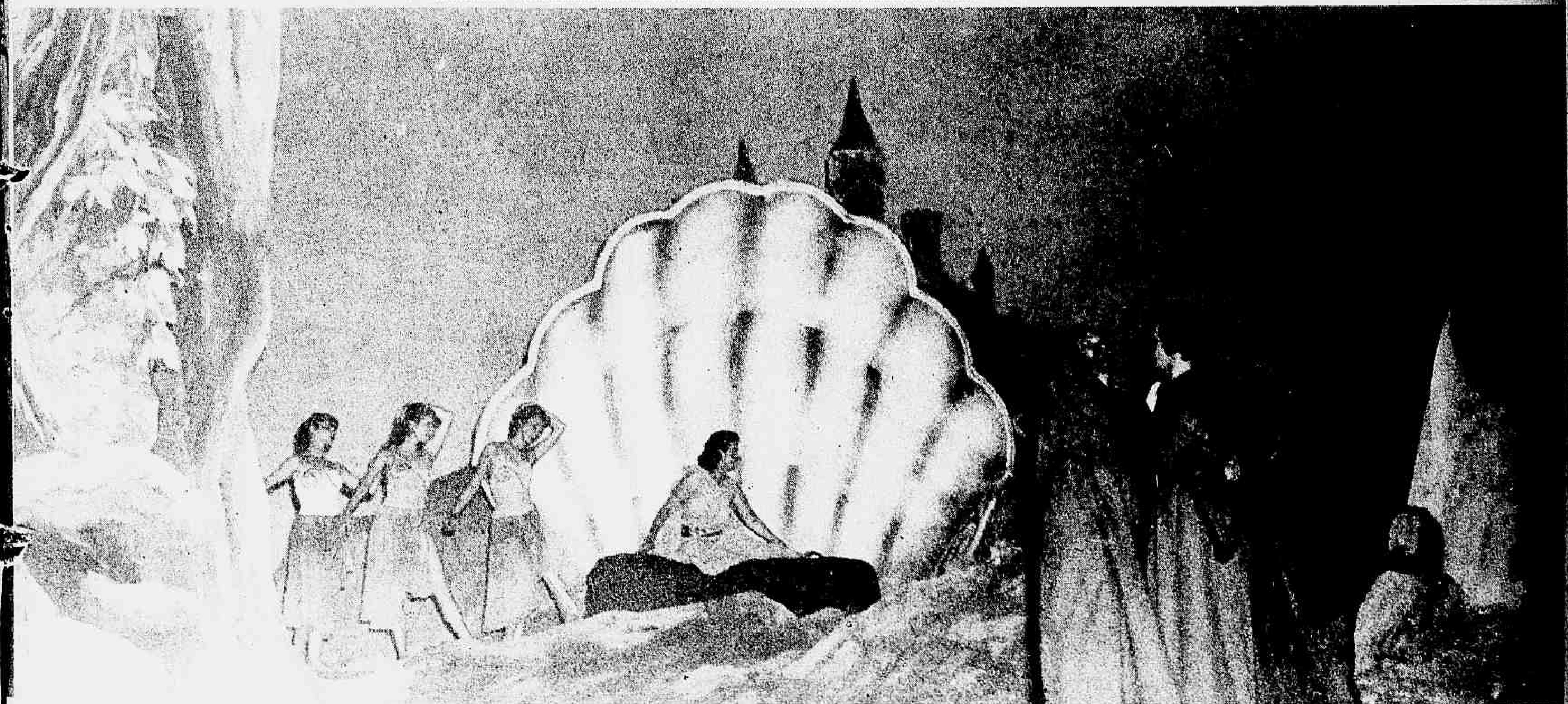
Chegada ao Municipal do Prefeito do Distrito Federal, general Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, tendo à sua esquerda o senhor Barreto Pinto.



Tannhauser enaltecendo o amor profano a Vênus, provoca o ardor dos demais trovadores, que se preparam decisivamente para a luta, desembainhando suas espadas, a seguir. Cena final do segundo ato, quando, o côro exalta, juntamente com os trovadores, o amor divino, personi-



ficado em Elizabeth da Hungria. Finalmente, Tannhauser, cavaleiro alemão, redime-se de seu amor por Vênus, e tem a visão que o transporta ao local do 1º ato. Nas cenas, se impõe a perfeição dos ambientes imaginados por Wagner, refletindo lendas e poesias de sua pátria.

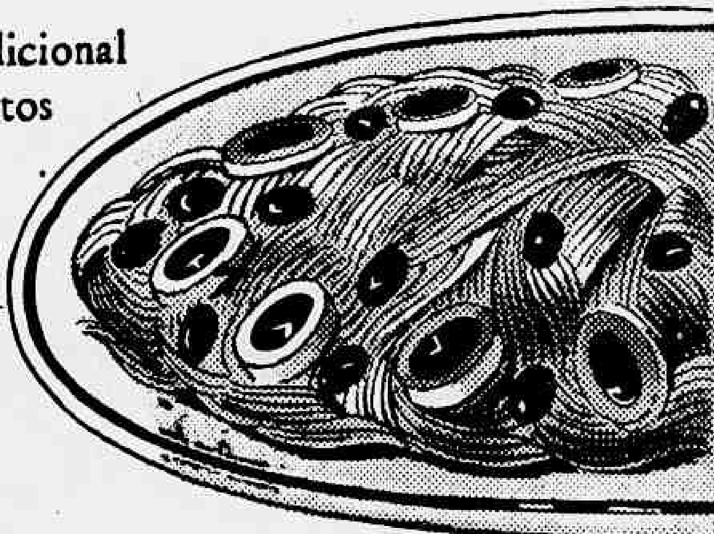


– Macarrão qualquer um faz...

...mas você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.



Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos





AYMORÉ

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª Edição Ampliada



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE».

a REVISTA há 50 anos

Rio, 23 de Agôsto de 1903

CHRONICA

PARECE-ME que este anno não se póde queixar a Leitora de falta de festas, de diversões, de reuniões onde possa ir encantar com a sua belleza, a sua elegancia, a sua graça, realçadas pelos adornos da moda, as «chics» novidades que dia a dia apparecem, brotados de cerebros fantasistas, de artistas habeis e fecundos que passam a vida a crear pequeninos nadas, que augmentem as seducções á mais seductora obra de Deus — a Mulher. Anno rico, este de 1903, que, por signal entrou carrancudo e feio, com chuva a potes, céo carregado, tristonho, a terra alagada e as almas a tiritar com frio encorujadas em casa, encolhidas, indispostas como soem ficar em dias humidos de tempestade.

Deste é que se não pode dizer entrada de leão, sahida de sendeiro. Pelo contrario... Dia a dia a animação augmenta, aquece, o ardor festivo se avigora e a vida, nesta terra, outr'ora monotone e desalentada, vae se tornando a mais e mais interessante, distincta, sociavel. Olhem que muito preciso era isso. O Rio, cidade de gente franca, amavel, dada, parecia um ouriço, sempre de espinhos espetados, aggressivamente, inaccessivel ao convivio cordeal hostil a «rendez-vous» de tom, onde se vêm pessoas, se admiram bellezas, correcções, onde se é visto, se conversa, se cumprimenta, onde se vive, enfim, socialmente, de accordo com as prescripções galantes do mundanismo indispensavel á capital de um paiz civilisado.

● Não sei se será isso o ideal dos ideaes. Acho, porém, que, uma vez que tomamos por molde os grandes centros europeus, justo é que os imitemos em tudo, principalmente no que elles têm de mais apreciavel, de mais gracioso. Para lá vamos caminhando e, d'esta vez, bem que se póde applicar a forma estafadissima: a passos largos.

Em oito dias tivemos disso prova incontestavel. A primeira batalha de flores alcançou um successo que as mais optimistas expectativas não haviam previsto. A concurrencia foi de pasmar. Os grandes premios de domingo, no Derby, arrastaram até lá uma multidão immensa, de impossibilitar o movimento, o transito nas archibancadas e na «pelouse».

Mal se imaginará o prazer com que a CHRONICA registra esses factos: é que a chronista é alegre e jovial e grato lhe é, portanto, ver que há riso e prazer na terra, que a ventura habita de novo a cidade que parecia haver abandonado. Esta vida são dous dias e consola uma alma, saber que esses dous dias são de céo muito azul, de muito lindo e muito vivo sol... (JOSÉ VARIO)

FABRICA MODELO de AULER & C.

Rua do Ouvidor 115

● Mobiliario completo com 35 peças manufactura e material de primeira qualidade, vidros de crystal e marmores de côr, Rs. 2.340$000. Dormitorio Santos Dumont: 1 guarda-vestidos, 180$000; 1 guarda-casacas, 240$000; 1 cama para casal, 110$000; 2 mesas para cabeceira, 70$000; 1 lavatorio, 170$000; 1 psiché, 220$000; 1 porta-toalhas, 10$000. 8 peças 1:000$000. Sala de Jantar CARLOS GOMES: 1 guarda-pratos, 210$000; 1 etagère, 220$000; 1 guarda-comidas, 80$000; 1 mesa com cinco taboas, 150$000; 12 cadeiras, 180$000. 16 peças, 840$000. Sala de visitas: um sofá, duas poltronas, seis cadeiras pequenas e dous porte-bibelots. 11 peças: Rs. 500$000.

● *Um individuo mostrando a outro o crystal japonez, contra as dores de cabeça:*

— E' infallivel!

— Deixe-me experimentar.

— Ah! está com dor de cabeça?

— Não; não mas é para ver se ella vem.

CURIOCIDADES

★ *Gastam-se uns 60 contos de réis em carvão para um cruzador inglez, como o "Powerful", ir desde a Inglaterra até a China.*

★ *Em Marrocos, quando um preso é detido, tem de pagar ao policial um tanto pelo trabalho de conduzil-o ao calabouço.*

★ *Os accordeons foram inventados no anno de 1829.*

★ *A Rainha Victoria, quando ficava satisfeita com um sermão que acabava de ouvir pedia uma copia d'elle e guardava-a com cuidado.*

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 34 ★ 22-8-1953

SUMÁRIO

Abertura da temporada lírica 3/ 7
O americano procura um otário .. 11/13
Expedição aos gelos do Ártico 16/17
Esmurrando caras para comer 20/22
Nunca tão poucos fizeram tanto .. 27/29
No Reino da Poligamia 30/33
Escândalo nas corridas 46/47
Até quando a confusão? 52/57

Osvaldo Cruz no jubileu do milagre 9
A Bem-Amada 23
Elizabeth da Inglaterra 34/35
Semana literária 43

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 10
De Rádio 14
De Cinema 15
Janela sôbre o mundo 24/25
Puxe pelo cérebro 44
Semana astrológica 45
Arabelle 49
Último flash 58

Conta-me teus sonhos 18
Peles para a «meia estação» 38/39
Violeta e Manon realmente existiram 40
Um pouco de beleza 41
Week-end na cozinha 42

CAPA: JANE POWELL
(Kodacrome MGM)

●

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

OSWALDO CRUZ — NO JUBILEU DO MILAGRE

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)



HÁ cinqüenta anos — em 1903 — dominou o Rio de Janeiro a figura estranha de Osvaldo Cruz. Até então era um desconhecido. Quando o dr. Salles Guerra, declinando do convite, o indicou para dirigir a saúde pública no govêrno de Rodrigues Alves, fêz-se-lhe, justificadamente, a pergunta: Mas quem é êste Osvaldo Cruz? No panegérico que, em 1917, Ruy Barbosa lhe dedicou, a ignorância do ministro a respeito do jovem sábio é comparada à de Luís Filipe, a propósito de Cuvier, e à de Napoleão III, quanto a Claude Bernard. Ruy exagerou. Seabra, o valente ministro do interior que lhe cometeu o grande encargo, podia, em verdade, não saber quem êle fôsse. Tratava-se de um bacteriologista especializado no Instituto Pasteur, de Paris, com belas credenciais de pesquisador encapuchadas numa altiva modéstia, apenas destacado dos companheiros pela obcessão do trabalho num discreto apostolado de higienista moderno — que acreditava no micróbio como Galileu acreditara no movimento da terra. Aceitara do barão de Pedro Afonso a tarefa de gerir, em Manguinhos, o incipiente Instituto Seroterápico; e quando se pediu ao professor Roux um especialista, que viesse comandar, no Brasil, a luta contra a febre amarela, o sucessor de Pasteur lhe dissera o nome. Não precisavam importar um sanitarista francês: chamassem Monsieur Cruz. Êste se apresentou à incredulidade do povo, na cidade mais refratária do globo às bruscas transformações, depois de nomeado para aquêle pôsto de combate. Revelou-se sob o aspecto em que os heróis se exibem na História, em que os homens de gênio se distinguem dos talentos infecundos ou das humanas vaidades, nesse papel insigne de chefe de uma campanha, que exigia, junto à consciência da vitória, a vontade de a alcançar. Osvaldo Cruz foi formidável nesse maravilhoso poder da fé — que, em um tempo, o elevou acima das paixões ambientes e o fixou, primeiro no ódio, depois na veneração pública.

★ Não se diga que descobriu para o Brasil, empesteado pelo trânsito das epidemias devastadoras, o segrêdo do tifo americano e a sua profilaxia. Os «yankees» já o haviam debelado em Cuba. Neste caso a guerra fôra providencial. As guerras são aliás — ai de nós! — as grandes oportunidades da medicina. Como os japonêses tinham acabado com o béri-béri da marinha antes de lutar com a Rússia, os norte-americanos exterminaram a febre-amarela de Cuba antes de ocupar a ilha. Finlay e Gorgas estavam certos. Precisava-se agora experimentar numa capital sem leis marciais nem ditadura de qualquer espécie, indócil, ufana do seu indisciplinado liberalismo, falando com arrogância dos direitos individuais, os métodos drásticos lá utilizados; e com o complemento prussiano da vacinação obrigatória.

★ O Rio de Janeiro cultivava o delicioso ceticismo da sua boêmia. Chorava os mortos da febre-amarela, mas ridicularizava os cientistas que apareciam com as invenções salvadoras. Sorriu dos mosquitos de Osvaldo Cruz. Bilac escreveu uma de suas mais alegres crônicas em homenagem à «stegomya». Pedira-se o vasto crédito de 5.500 contos para extingui-la! O Rio encrespou o sobrecenho, amuou e resmungou em face da polícia de focos, da «desratização» dos porões, da remoção dos monturos, da canalização das águas. Mas perdeu a cabeça à notícia da vacina forçada. Enfureceu-se; e gritou a mais popular, a mais desenfreada, a mais estúpida das revoltas de rua — que entre 10 e 16 de novembro de 1904 secudiu a cidade como um terremoto. Ironia dos apelidos, o seu núcleo situou-se no morro da... Saúde, onde a população, por paus e pedras, sustentou bravamente a sua fortaleza, chamada, ao gôsto do tempo, Pôrto-Artur. Essa rebelião arruaceira foi o Calvário do sábio, que queria apenas sanear o pôrto sujo: e a sua glória. Vendo crescer diante de si a vaga do descontentamento geral, correu ao palácio, e, dignamente, ofereceu a sua demissão. O presidente recusou-lha, admirado das suas convicções, da inabalável confiança que punha no seu sistema. Se resistissem, salvariam a metrópole do flagelo que há mais de meio século a seviciava. Rodrigues Alves não cedeu. Osvaldo Cruz perseverou. E passou a insurreição, e voltou a calma, e a profilaxia acabou com o mosquito e baniu a endemia, e das brumas de um passado triste surgiu, resplandecente de luzes, a cidade nova, êste «Rio que se civilizava», a «megápolis» contemporânea.

★ A honra do Pasteur brasileiro atestou-se, desafrontada, no imenso benefício que fêz à nação, legando-lhe, além de tudo, o exemplo incomparável de serena firmeza, em cuja rigidez se estampa um temperamento raro de missionário. Há de perguntar-se: por que mistério psicológico edificou, no seu complicado estilo árabe, o Instituto de Manguinhos? Desejava evidentemente dar as proporções de um monumento com a nobreza da Alhambra, ao seu generoso laboratório. No seu subconsciente estremecia o sentimento de que a ciência deve morar num pavilhão imperial. Essa noção de catedral, presenteada ao conhecimento que redime a humanidade, correspondia sem dúvida à sua íntima e humilde vocação de servidor místico da verdade e do bem. Venceu a cidade, contrariando a cidade. Salvou-a, apesar de tudo. Graças à fé, responsável pelo milagre, de que foi o duro e tranqüilo santo: são Osvaldo Cruz.

A PERSONAGEM DA SEMANA



MAIS UM SÔPRO violento está aumentando o vendaval de boatos e preocupações contra a estabilidade das instituições democráticas do país: a reforma constitucional para prorrogação, por mais um ano, dos mandatos dos atuais deputados federais, de dois terços do Senado, onze governadores, sete vice-governadores, dez prefeitos, um vice-prefeito, das assembléias legislativas estaduais e vereadores de catorze Estados. O motivo alegado é o da despesa, calculada em 30 milhões de cruzeiros, o que se economizaria, se as eleições de 1954 fôssem ajustadas à de 1955, para Presidente da República. Realizada a unificação, evitar-se-ia o dispêndio dessa quantia, numa hora em que o Tesouro Nacional está exausto. Pràticamente está certo; mas, sob o ponto de vista político, é perigoso à nação, ainda mal nutrida nos processos democráticos para a escolha de seus mandatários, reformar a Constituição para prorrogar certos mandatos, ou o de encurtar outros, para encontrar-se um ponto de coincidência entre as duas eleições próximas. O assunto merece reflexão e estudo, num momento cheio de suspeições e perigos antidemocráticos, definindo-se as posições, como já fêz o presidente do Supremo Tribunal Eleitoral, que contestou como sua a sugestão em debate. O sr. Nereu Ramos, na qualidade de presidente da Câmara dos Deputados, é objeto de tôdas as atenções, pois qualquer inadvertência viria aumentar ainda mais a campanha de desprestígio do Poder Legislativo do país. A reforma noticiada **parece justa, mas tudo indica que deveria ser feita de modo a não aproveitar** os que a votassem. Há um êrro a corrigir. Mas, é preciso saber quando e como realizar a correção.



MONUMENTO A MARIA QUITÉRIA — Maria Quitéria de Jesus, filha da cidade de Feira de Santana, perto da capital do Salvador, foi glorificada pelos historiadores como uma das mais autênticas heroínas das lutas da Independência Nacional. Embora ainda uma mocinha, iludiu a vigilância paterna e os regulamentos militares e entrou na tropa, combatendo bravamente. Descoberto o disfarce, foi mantida no exército e condecorada pelo Imperador Pedro I. Passa, agora, o primeiro centenário do seu falecimento. Numa das praças de Salvador vão erigir-lhe um monumento. É uma dívida de um século à grande heroína.

A SEMANA EM REVISTA



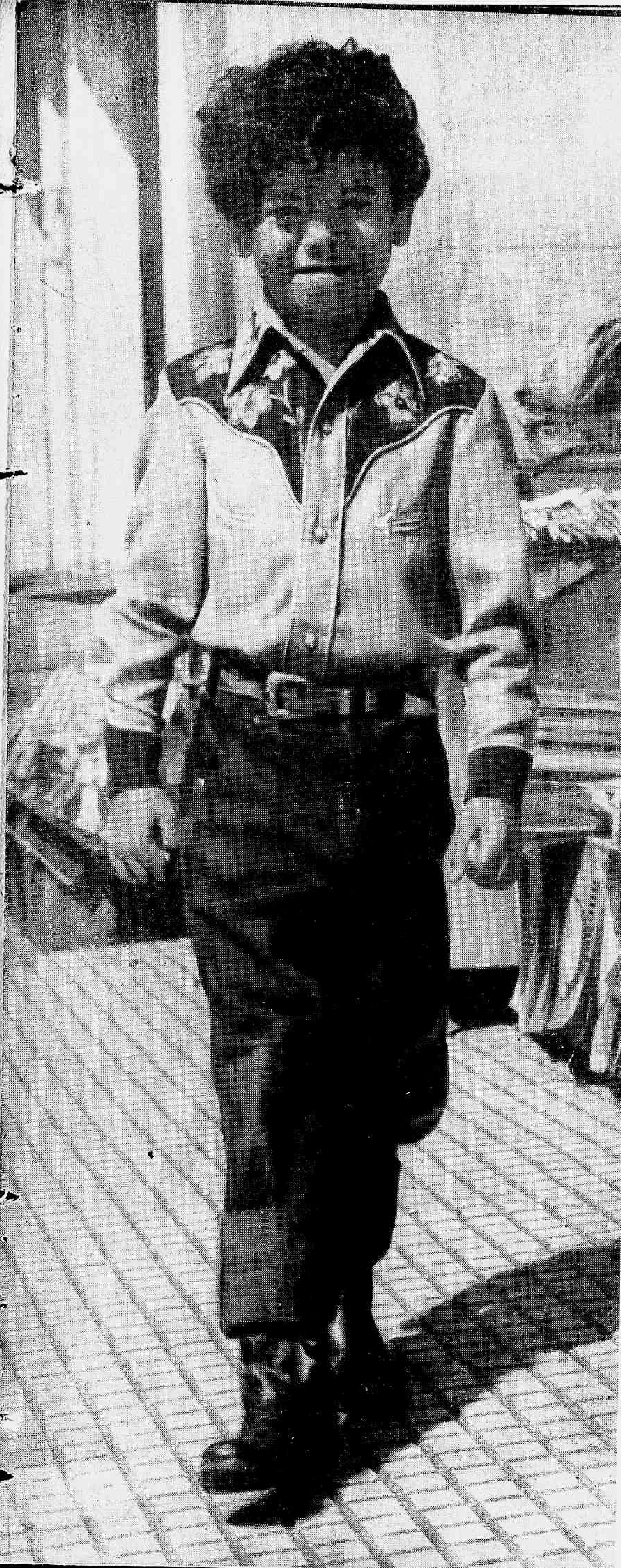
MAIS UMA EXPERIÊNCIA... Agora, a cidade está dividida em três zonas, para o serviço de táxis. Para duas delas, a «norte» e a «sul», os motoristas têm que efetuar matrícula. De tôda a confusão gerada com as novas medidas, depreendemos que os motoristas poderão recusar passageiros, no caso de uma possível transposição dos limites de sua zona. Sòmente na zona «obrigatória», isto é, o centro, é que o freguês ainda terá umas certas garantias. Ai daquele que tentar discutir com um motorista de táxi! Imediatamente terá, diante de si, um cartão de matrícula que isenta o «chauffeur» de abandonar o seu setor. E a discussão estará encerrada.

★



TIROS NA EMBAIXADA — Alta noite. Poucos transeuntes pela Av. Presidente Wilson e adjacências. De súbito vários disparos. Que foi? Tiros de revólver contra a Embaixada dos Estados Unidos. Rondantes ainda viram um carro em disparada pela Av. Calógeras. Talvez do mesmo houvessem partido os disparos. As balas atingiram janelas do grande edifício, como mostra a gravura. Não se apurou mais nada. Tudo, certamente, não passou de estupidez de notívagos em farra, e suas proezas tanto podiam visar a Embaixada como a Academia Brasileira de Letras, ali pertinho.



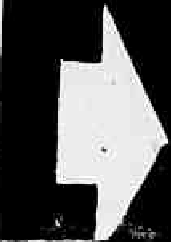


BRUCE DIONISIO, com «y», para estrangeiras o nome. E' a mascote da troupe que armou acampamento no «hall» de um hotel de São Paulo.

O AMERICANO PROCURA UM OTÁRIO

FILME QUE COMEÇOU NO TEXAS E PAROU NO "HALL" DE UM HOTEL EM S. PAULO ★ AS PROCISSÕES VERDE-AMARELO ★ ZAMPARI GANHA TERRENO ★ FARRA GROSSA ATRÁS DA "ESTRÊLA" DO FILME... ★ PRESENÇA DE ORSON WELLES

Reportagem de EDMAR MORÉL



O AMERICANO PROCURA...



Glenn Ford é um homem prevenido... Veio ao Brasil, em companhia da espôsa e do filho, em viagem de férias. «O Americano» é, apenas, um detalhe. E enquanto não rodam o filme, êle faz piqueniques em Guarujá. Como um ianque, também gosta de comida enlatada.



Eliane Lage, que tanto brilhou em «Sinhá Moça», não aceitou o convite para aparecer em «O Americano». E' uma pena, sem dúvida.

SÃO PAULO:

A cada instante surge uma novidade sôbre «O Americano», filme que Robert Stillman pretende rodar numa fazenda de Mato Grosso...

Poucos, em São Paulo, acreditam no sucesso do empreendimento, a despeito de Stillman ter produzido «O Invencível» e «Justiça Injusta», películas que marcaram época, principalmente a última, com Frank Lovejoy.

Aqui começa a história. Frank Lovejoy desembarcou no Galeão, em viagem de férias, em companhia de um cavalheiro meio magro, um tanto alquebrado pela idade, o qual não foi apresentado aos jornalistas. Era mais um norte-americano em turismo pelo Brasil...

Acontece que os dois seguiram para São Paulo e dias depois estourou a notícia: Robert Stillman, aquêle cidadão que saltara do avião, anônimamente, ao lado de Lovejoy, ia fazer o filme «O Americano», com Glenn Ford, que já estava viajando para Santos, a bordo de um transatlântico, com a sua espôsa Eleanor Powell e Peter, o filho do casal.

(Cont. na pág. 50)



Mary Gonçalves, ex-rainha do rádio, que não participará do filme mencionado, apontado como mais uma aventura comercial em S. Paulo.



Marly Sorel. Os norte-americanos não perderam muita coisa deixando de contratá-la para o filme. Elemento de segundo plano do cinema.



Tônia Carrero, a «estrêla» de «Apassionata», não foi aceita. A grande artista foi substituída por uma bailarina de terceira classe.

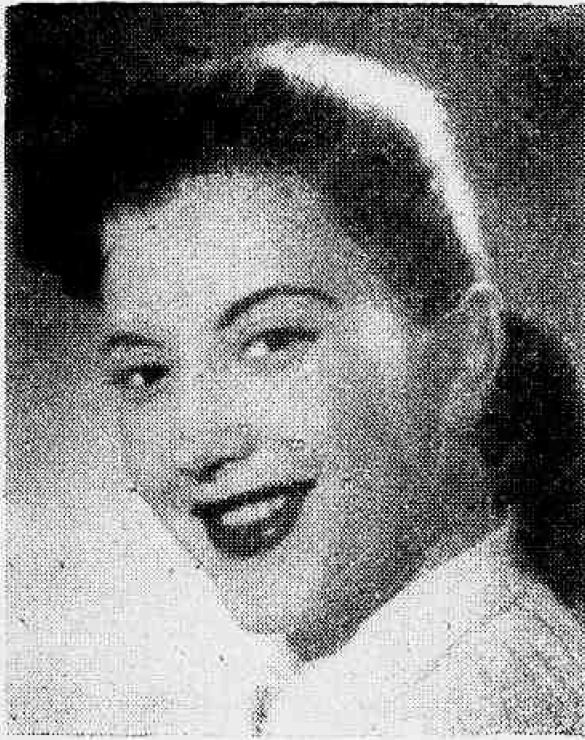


— «O SEU PAÍS É MUITO FORMOSO. Estou encantado com o Brasil» — é o disco gasto da «estrela» Sara Montei, espanhola nata e naturalizada mexicana.

DE RÁDIO

GUARACY

ANNE BERRYER NA NACIOAAL



Anny Berryer

ESTA se apresentando atualmente no Rio a cantora francesa Anny Berryer. Artista exclusiva da Radiodifusão Francesa, a graciosa intérprete de canções européias, traz ao Rio noturno os encantos e mistérios das noites parisienses, através de sua voz bonita, de seu charme gaulês e de sua interpretação às vêzes suave, às vêzes violenta, que marca a sua personalidade de grande «vedette» através das linhas das canções de seu repertório. Anny Berryer se apresenta ao público com tôda a jovialidade e o frescor de suas vinte e três primaveras e arrebata-o pelo seu gênio e talento, pelo seu movimento em cena e pelos seus atrativos pessoais, realçados por um traje elegante e um jôgo de luz estudado por ela mesma, que faz com que a platéia viva uma cena em tecnicolor dos melhores filmes revistas e traduza o seu deleite em vivos aplausos, que coroam o sucesso de Berryer. Dentre as suas canções de maior êxito, gravadas em disco da casa Pathé-Polydor, e esgotados no Velho Mundo, contam-se «Donne Moi», «Le Noel de La Rue», «Domino», «Actualités», «La Clairière Aux Amoureux», «Amour Perdu», e muitas outras, e são essas canções melódicas e maravilhosas que ela está apresentando ao nosso público. Anny Berryer está cantando na «Boite Beguin» e ao microfone da Rádio Nacional.

● **Silveira Lima acaba de estrear ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, onde está apresentando aos domingos de 12 às 15 horas, o seu programa de auditório.**

Heber de Bôscoli está apresentando ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, o seu famoso programa «Museu de Cêra», no horário de 22,10 às 24 horas.

Lamentamos profundamente a retirada do ar da emissora Rádio Clube do Brasil, que teve o seu canal cassado pelo govêrno.

● **Dick Farney reapareceu ao microfone da Rádio Nacional, apresentando-se no programa «Clube dos 500», que é irradiado todos os sábados às 21,55.**

O ator de rádio-teatro da Tupi, Paulo Maurício, vai atuar no teatro de revista na companhia de Joana D'Arc, que estreará no Teatro João Caetano com a revista «Bomba da Paz».

Dircinha Batista se encontra atuando em São Paulo ao microfone da Rádio Nacional, e cantando na «Boite Lord», ao lado de João Villaret.

● **Simone Morais, que se encontra trabalhando na Televisão Tupi, acaba de estrear ao microfone da Rádio Guanabara, apresentando o seu programa feminino intitulado «Chez Simone».**

A Rádio Eldorado vai lançar o programa «Presença da Criança», uma produção de Zito Batista Filho, apresentando a atuação das vozes infantis nos grandes conjuntos corais do mundo inteiro.

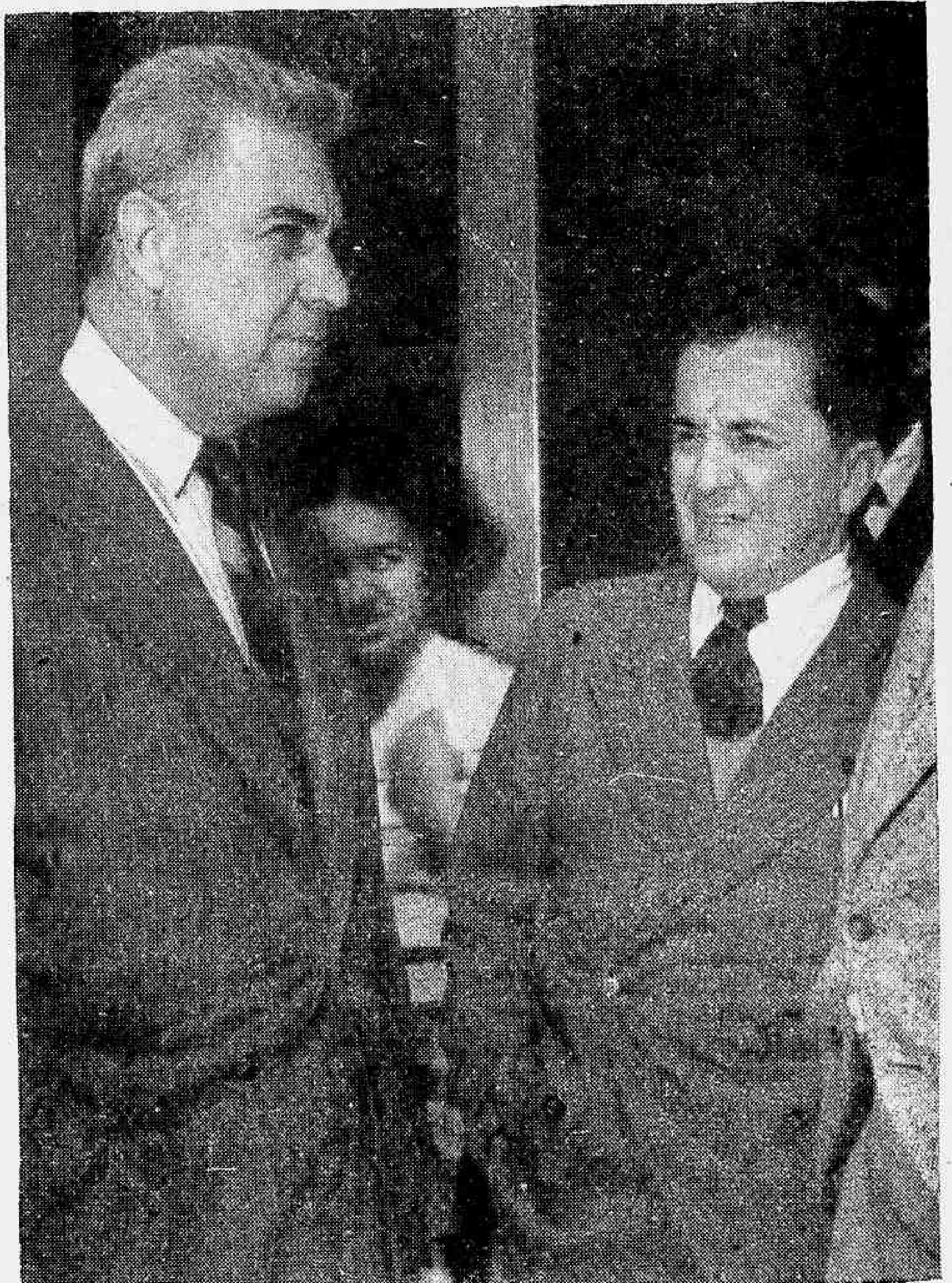
«Os Problemas da Família» é um programa que foi organizado pelo Centro de Estudos de Problemas da Família em colaboração com a Rádio Roquete Pinto, traduzido em uma série de palestras que serão proferidas pelo professor José de Albuquerque às terças-feiras às 22,45 horas.

● **Como prova do grande desenvolvimento que vem tendo o departamento de jornais falados, a Rádio Globo está apresentando oito noticiários por dia.**

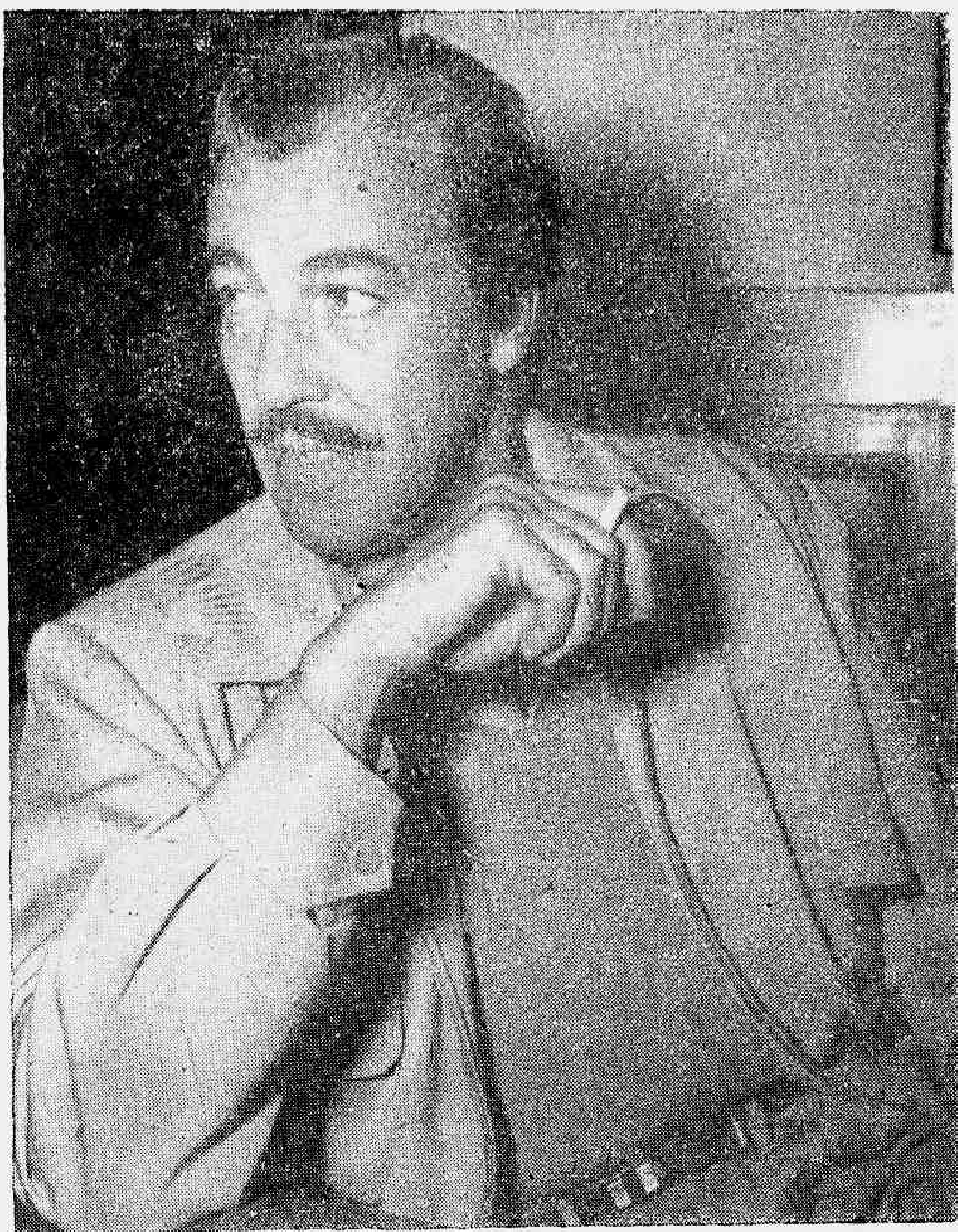
«Música do Nosso Tempo» é um programa que a Rádio Ministério da Educação irradia todos os sábados às 22 horas, sob a direção do jovem compositor Henrique Gandelman.



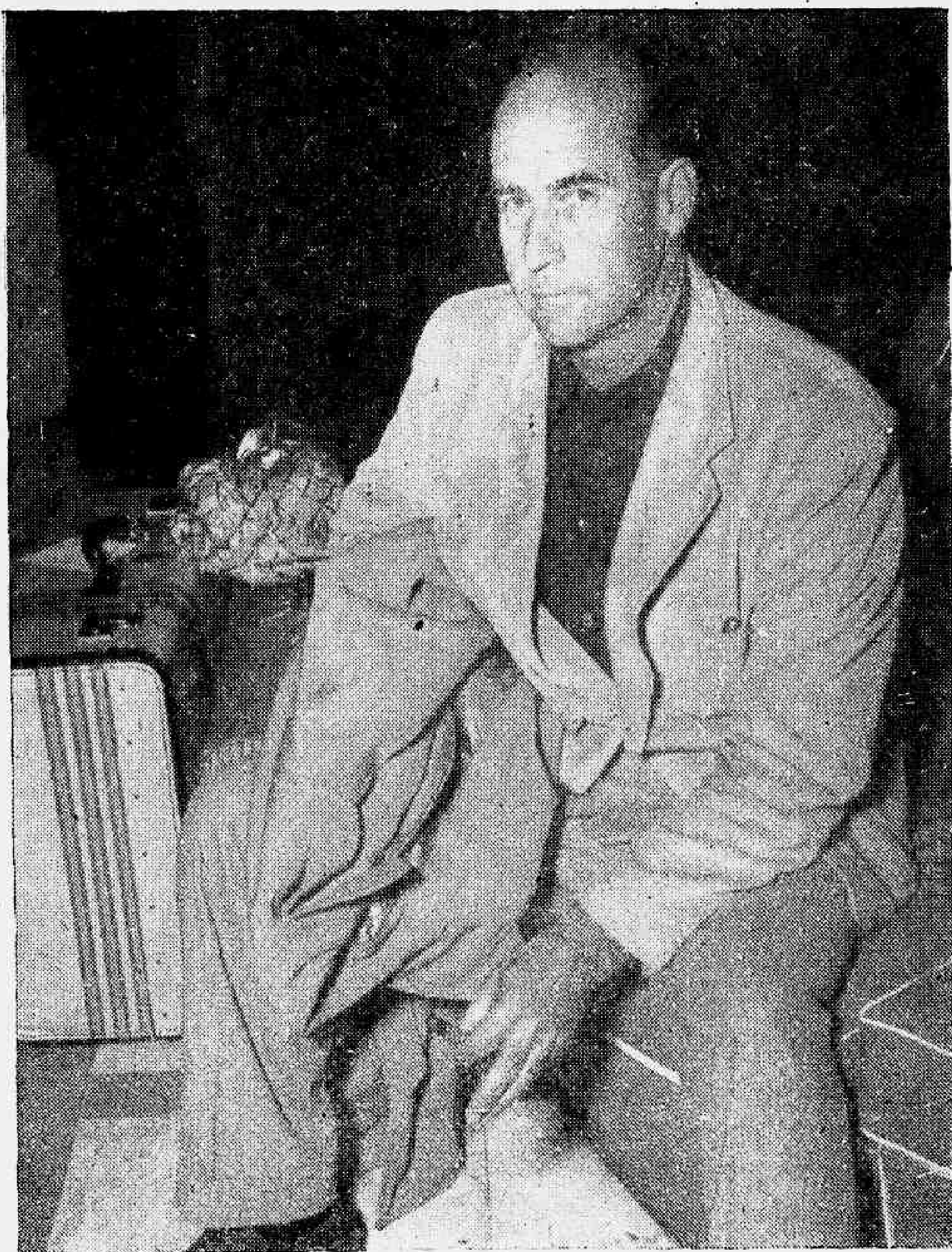
Arthur Kennedy, homem de cinema e de teatro. E' o mais procurado pelos intelectuais paulistas. Artista culto e de grande personalidade.



Robert Stillman, produtor de «O Americano», conversa com o autor desta reportagem no «hall» do hotel, onde tôda a troupe acampou.



Cezar Romero, galã do segundo «team», aliás, sempre foi da reserva, até na guerra da Coréia, como chefe de marinheiros de segunda classe.



As máquinas da «Multifilmes», a emprêsa que colaborará com Stillman, serão comandadas pelo «cameraman» Stein, nome bastante conhecido.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

EM NOME DA LEI



Massimo Girotti e Jone Salinas numa cena romântica do filme «Em Nome da Lei» (In Nome Della Legge), distribuído pela Art-Filmes.

OS freqüentadores de pequenas tabernas de Roma conhecem bem o esguio jovem de face ovalada e nariz aquilino, que traja modestamente, usa um boné azulado e habitualmente é visto fumando cachimbo ou charuto. Geralmente êle está acompanhado na mesa por um ou mais amigos a que dirige, com intervalos, algumas palavras, e enquanto isso, fuma e escreve ou rabisca papéis. Êsse sujeito esquisitão é o diretor Pietro Germi, que pensa que pode trabalhar calmamente num meio tão exótico e cheio de tanta gente. Pietro Germi nasceu em Gênova a 14 de setembro de 1914, e passou a sua juventude em esplêndida vagabundagem. Indeciso sôbre qual carreira devia escolher, encontrou-se a fazer as coisas mais estranhas — como ser botequineiro e auxiliar de balcão. Daí, sendo genovês, achou que devia tornar-se capitão do mar e viajar pelos sete oceanos da aventura. Durante alguns anos freqüentou os cursos do Instituto Náutico — mas logo ficou terrìvelmente aborrecido. Essa foi a razão primordial que o obrigou a largar aquilo de mão. Foi para Roma e decidiu-se a experimentar o Centro Experimental de Cinematografia, treinando como ator. Mas o destino decidiu que êle devia ser diretor — e um dos mais bem formados diretores jovens da Itália. Todavia, suas antigas ambições permaneceram consigo — e recentemente êle interpretou um pequeno papel em «Fuga in Francia» dirigido por Mário Soldati. Taciturno, indefinível, homem de poucas palavras — Germi é conhecido pelos amigos como o «homem que abre a bôca de dois em dois dias».

● Quando entrevistado por jornalistas, êle reflexiona por alguns segundos antes de responder, entorta um pouco os lábios e responde de modo consciso. Êle fêz sua estréia com dois filmes de êxito internacional: «Il Testimone» e «Juventude Perdida». No último alcançou tamanho realismo que provocou, a princípio, o veto dos censores, mais tarde repelido ou superado por causa da alta qualidade do filme. Pietro Germi tem um modo de expressão franco e sincero. Êle explora com carinho os temas dos humildes e aflitos, expondo suas misérias e sofrimentos como um cirurgião realizando uma drástica operação. Pertence àquele grupo de diretores que compõe a «escola neo-realista» e que atraiu para o cinema italiano moderno o interêsse da crítica internacional honesta e inteligente, e o ódio e a raiva dos despeitados, dos medíocres e dos comprometidos. O produtor Luigi Ròvere é um genuíno homem «feito por si mesmo». Ùltimamente obteve a fama de ser um dos melhores produtores italianos entre aquêles que encontraram na organização Lux os meios de realizar suas idéias e obter resultados marcantes para um e todos.

● Luigi Ròvere nasceu em Acqui, Itália, a 30 de junho de 1908 e na idade de 14 anos deixou seu berço natal para começar trabalhar duramente em Turim. Começando como simples carpinteiro, aos 23 anos já era gerente da carpintaria. Possuindo uma vontade de ferro, simultâneamente êle estudava em particular, e dois anos mais tarde estava apto, a abrir sua própria firma. A princípio modesta, a firma cresceu e êle passou a se interessar por ações de cinema. Isto Ròvere começou sem ter idéia de que essa seria sua grande ocupação no futuro. Em companhia de outros, êle produziu em 1940 «Il Vetturale Di San Gottardo», e mais tarde tendo-se unido a Dino de Laurentiis, fundou a R.D.L. que produziu sucessivamente «O Bandido», «A Filha do Capitão», «Fora da Lei» (Il Passatore) e «Come Persi La Guerra» — todos filmes comercialmente felizes e todos distintos por serem frutos da habilidade comercial unida a altos méritos artísticos.

Depois de separar-se de Dino de Laurentiis, Ròvere produziu por sua própria conta «L'Eros Della Strada» e agora «Em Nome da Lei» (In Nome Della Legge). Entusiasmado depois de haver lido o argumento, Ròvere junto com Germi — que êle próprio escolheu como diretor — viajou por tôda a Sicília, ali encontrando muitas aventuras e finalmente decidiu fazer a fita no povoado de Sciacca, o mais fotogênico para o argumento. Ròvere fala com entusiasmo do seu filme: «Existem indivíduos», diz êle, «que não têm compromisso. Felizmente. Espero que êste filme sirva para desfazer vários preconceitos estrangeiros sôbre a Sicília e os sicilianos. A despeito de todo o tempo que passou desde sua união com a Itália, Sicília é ainda uma quantidade ignorada — e ela não merece isso». A respeito de seus inevitáveis contatos com a Mafia, Ròvere mantém estrita reserva. Mas, quem quer que conheça a Sicília sabe que, se alguém desejasse interromper a filmagem da fita, não o faria. Quando interrogado sôbre isso, Ròvere apenas responde: «Os sicilianos são sobretudo homens de palavra».

A luta entre o navio quebra-gelo «Northwind» nas águas congeladas do estreito de Bhering, foi das mais penosas e dramáticas.



EXPEDIÇÃO AOS GELOS DO



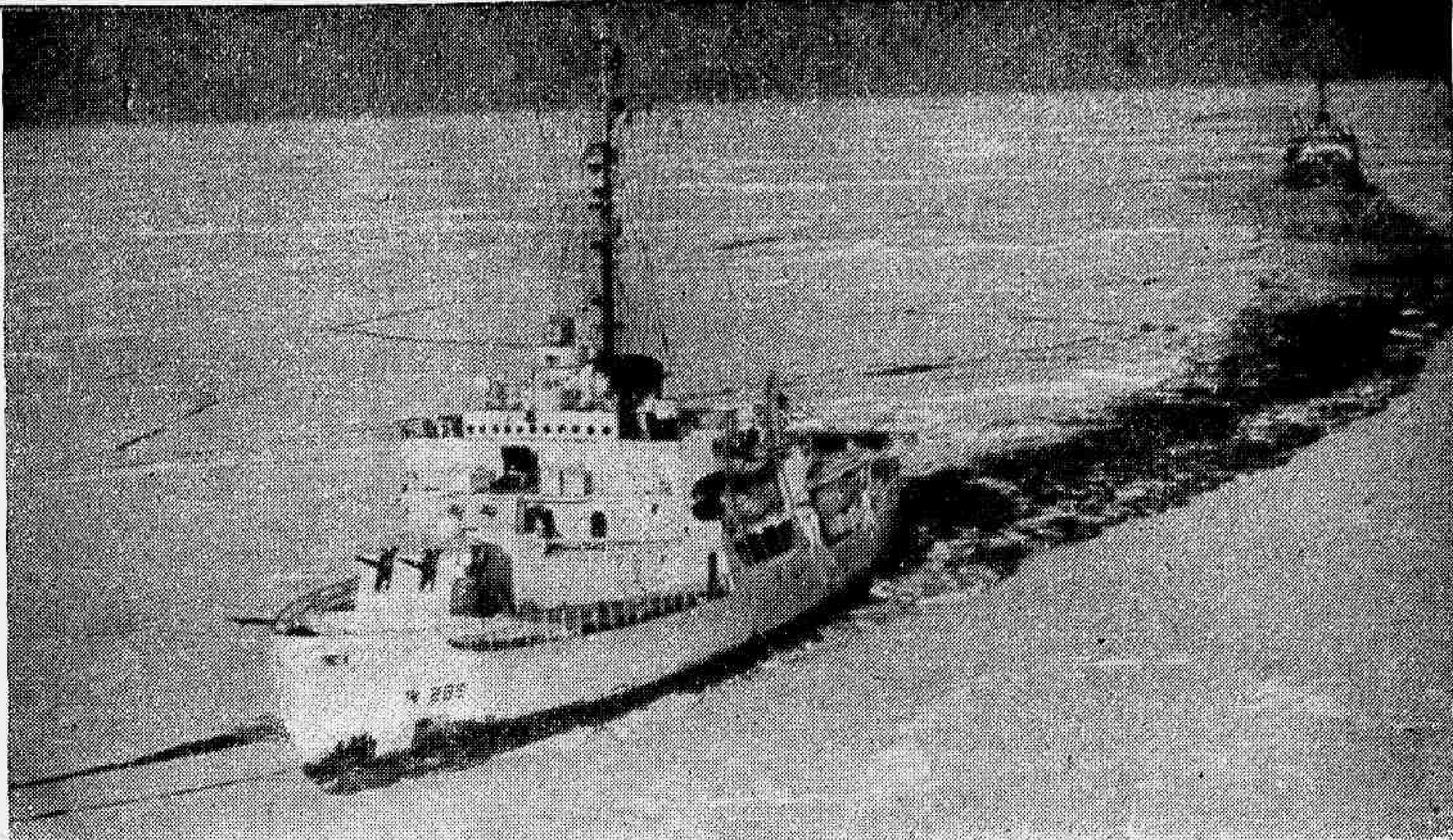
O capitão Richard E. Morell, comandante do navio quebra-gêlo «Northwind», a quem foi confiada a missão da expedição que durou 47 dias.



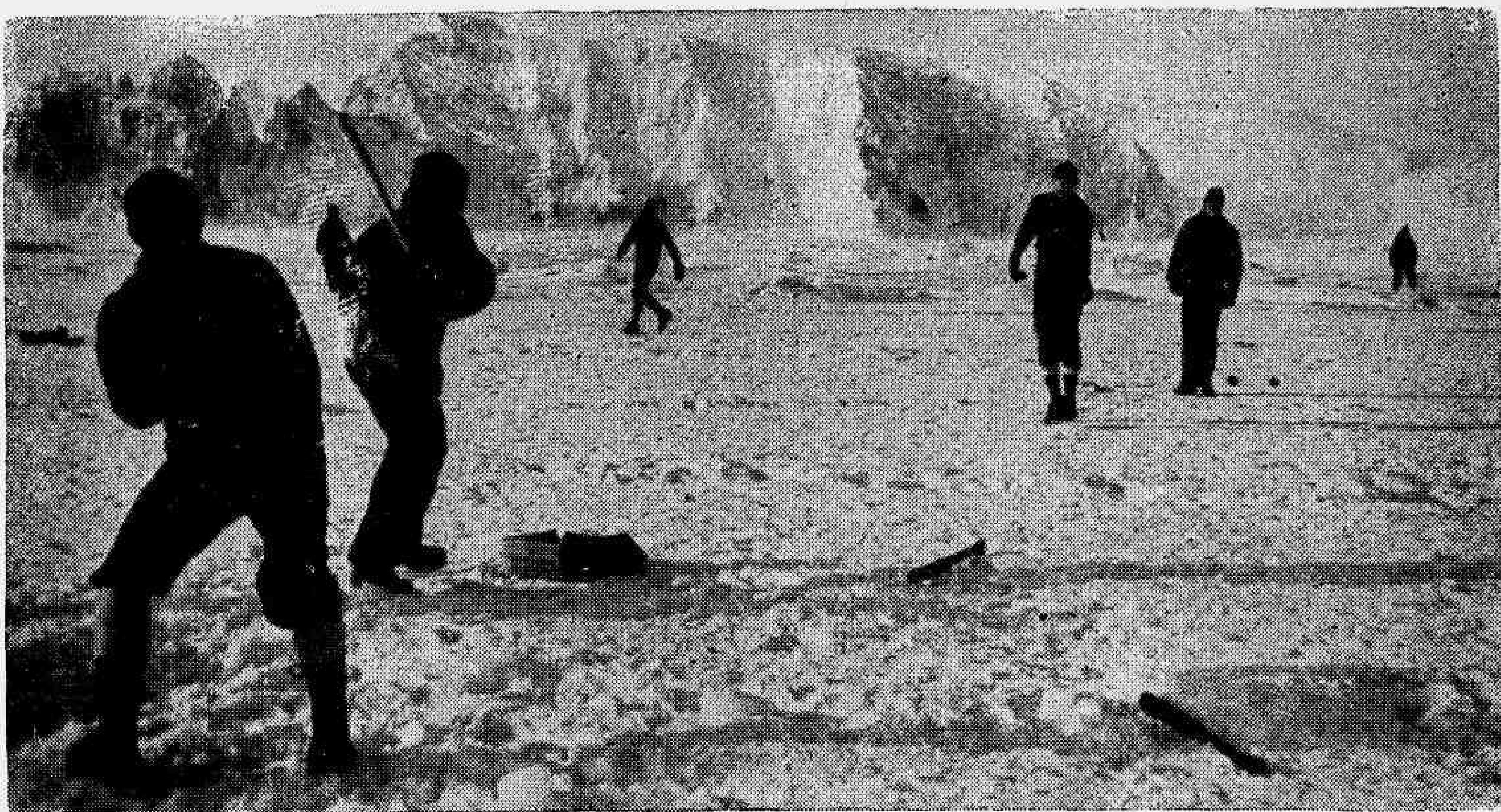
Logo que o barco fundeou na frígida e minúscula Gambell, ilha de S. Lourenço, os esquimós correram a visitá-lo e vender suas coisas

QUANDO os Estados Unidos adquiriram da Rússia, por compra, o território do Alaska, uma preocupação ocupou o espírito dos seus estadistas: como administrar as suas 571 milhas quadradas? Entre o território do Alaska e os Estados Unidos, se estende o do Canadá, numa extensão de mais de mil e duzentos quilômetros. Além disso, é o Alaska uma das mais frígidas regiões do mundo sob ocupação do homem civilizado. Para vencer tão grandes problemas, o govêrno americano organizou instalações marítimas em vários pontos do litoral do novo território, não sòmente para dar assistência aos esquimós que ali habitam, como para não tornar-se o Alaska, apenas ornamento do mapa territorial do país. De quando em quando, desde que o tempo permita, a marinha e a aviação estadunidense organizam expedições para o mar de Bhering, com destino a Kodiak, S. Lourenço, Nome, Kotzebue e à geladíssima Barrow, a cêrca de 500 quilômetros ao norte do Círculo Ártico. As fotos que aqui estampamos são uma visão de uma dessas viagens audaciosas, sòmente confiadas a gente experimentada e de uma coragem de heróis. Desta vez os navios «Northwind» e «Burton Island», foram destacados para a luta contra os tapêtes de gêlo do estreito de Bhering. A expedição durou 47 dias, e, certa vez, era tão grossa a camada de gêlo, que os dois «ice-breakers» se viram vencidos pela crosta de quase quatro metros de espessura, com o termômetro a dez graus abaixo de zero. Com uma população que não chega a 100 mil habitantes, é o Alaska um mundo de estranhos panoramas, sulcado de rios encachoeirados, terra de aventura e exílio. Mas o cap. Morell e seus companheiros de expedição muito gostaram da terra e da gente, e voltarão novamente à terra do gêlo e da solidão.

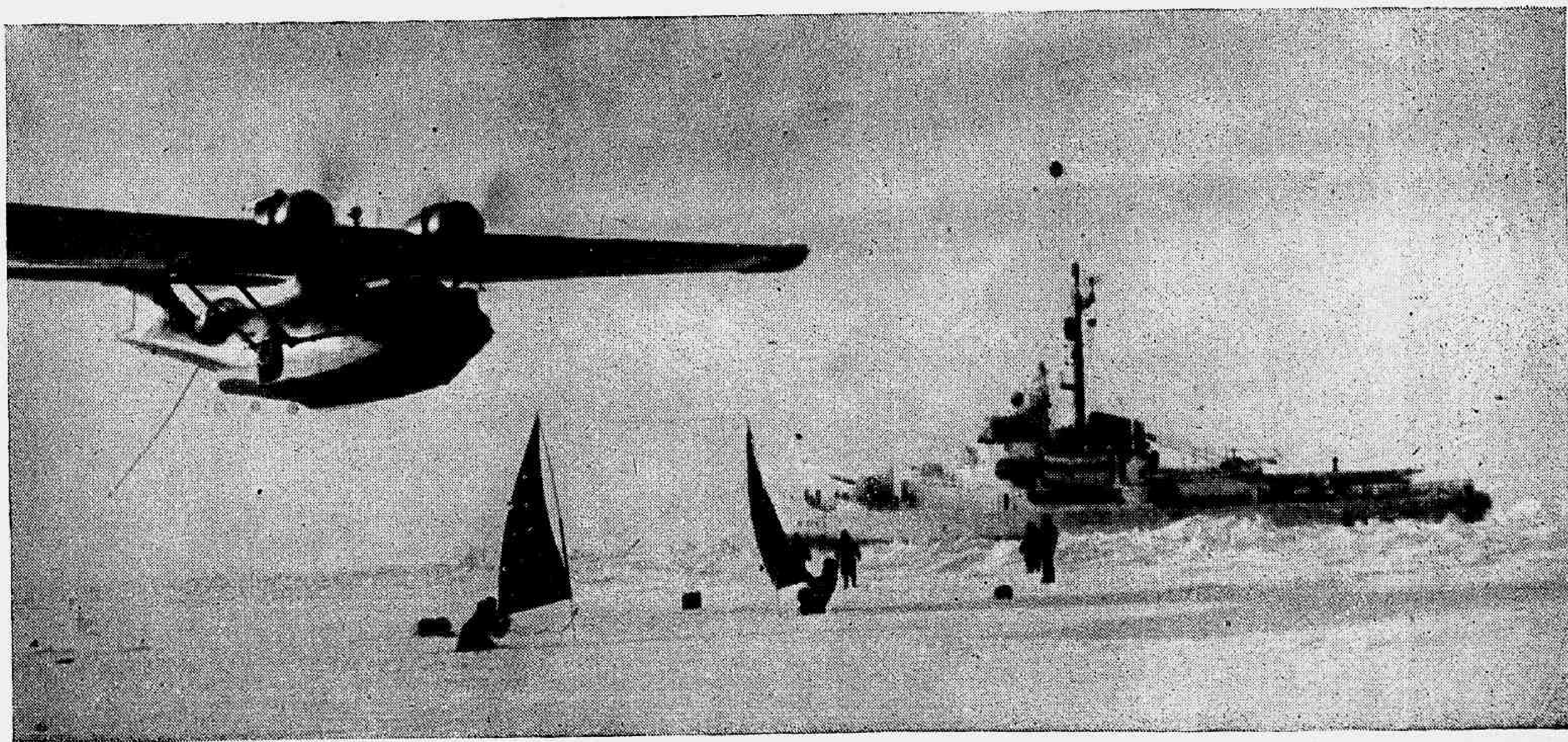
ÁRTICO



Conforme fôra estabelecido, o «Northwind» teria que avançar até o banco de gêlo escolhido, para o hidro apanhar, sem pousar, a mala postal. A proa, impulsionada por motores, avançava veloz.



Assim como os brasileiros não perdem um «campo» favorável a uma «pelada», os americanos não dispensam o «baseball». Sob um frio tremendo, jogam num campo sem nome o seu «match».



Os bravos expedicionários não podiam ficar sem o serviço dos correios, naquela imensidão deserta de gêlo, que é o Alaska. Por isso mesmo um hidro deixou e levou malas com correspondência, sem precisar pousar. Notem o gancho e as malas que o avião apanha com habilidade.

ÁGUAS DA PRATA

ESTADO DE SÃO PAULO

Telefones 41, 20 e 29 (Rêde interna)

GRANDE HOTEL PRATA

Avenida Vichy Nº 9

O mais bem montado da Estância — 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados, com telefone em todos os aposentos.

- **SALÃO PARA CRIANÇAS**
- **SALÃO DE CHÁ**
- **SALÃO DE JOGOS**
- **SALÃO DE ESTAR E FESTAS**
- **CINEMA ÒTIMAMENTE INSTALADO**
- **BILHAR E «SNOOKER»**
- **BAR BEM INSTALADO**
- **BARBEARIA E MANICURE**

RESERVAS PELAS EMPRÊSAS DE TURISMO, OU DIRETAMENTE PARA O HOTEL POR CARTA, TELEFONE OU TELEGRAMA.

★

Até 30 de dezembro: desconto de 20% sôbre os preços da tabela.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● MELLE. LEÃO — (Rio)

SONHO — Penetrei, por ordem de desconhecidos, em uma casa da rua X, onde residi, longo tempo. Entrei, **achando-a abandonada, porém, estranhamente iluminada por velas de tamanho colossal, que ardiam intensamente, como se fôsse uma fogueira. Caminhei até o último quarto, além da cozinha, tudo aberto. lá, deparei com uma cama enfeitada por grandes colunas pretas, se assemelhando a móvel antigo. «Alguém», deitado na cama, todo coberto sob um lençol branco, mas sujo de barro, falou-me: Você tem sofrido muito por mim, estou arrependido do tanto mal que lhe tenho causado, peço que me perdoe. Perdoar-me-ás? — Sim — respondi-lhe — e também você me perdoa? — Sim — respondeu-me. Saí. No espaço, encontrei-me em corpo fluídico; olhei para baixo, pois assim me mandaram. Constatei a rua em que morava; carros passavam embaixo, transeuntes que andavam apressados... Ordenaram-me olhar para trás. Vi tôda a casa pegando fogo; rolos de fumaça subiam aos céus, negros, densos. Foram as velas que se incendiaram e queimaram a casa. Depois mandaram-me olhar para cima. Extasiei-me com tanta beleza! O céu estava recoberto de estrêlas, azul, belissimo... Sentei-me empolgada de intensa ventura e exclamei: Agora sim, estou livre, posso ter o meu lar!**

INTERPRETAÇÃO — Se não tomarmos conta de nossa vida, alguém, que tanto poderá ser o **eu superior,** como o **inferior,** dirigirá os nossos pensamentos e nos levará para perigosos caminhos ou nos conduzirá a mais ampla felicidade, sem que para isso tenhamos interferência — situação que deveremos evitar por ser alheia à nossa vontade. Êste é o seu caso ao penetrar em sua ex-residência (seu próprio eu). Seus sentimentos são bons, altruístas e elevados (casa iluminada), porém, sua natureza instintiva (velas colossais) a impulsiona à satisfação de seus íntimos e secretos desejos... E você se vê sem defeza, sem fôrças anímicas (todos os cômodos estavam abertos...) e se deixa levar por sugestões estranhas e falsas (... caminhei até o último quarto). O símbolo fálido se apresenta, em seu sonho, com muita clareza, já nas velas que queimavam intensamente, já nas colunas da cama. Você tem procurado evitar a queda moral (**alguém** debaixo de lençol branco), mas seus pensamentos, sem uma diretriz segura, impelem-na à satisfação de uma vida mais completa, embora errada (... porém sujo de barro). Êstes pensamentos indesejáveis, com a aceitação de seu **eu inferior,** fazem-na sofrer (você tem sofrido muito por minha causa). Entretanto, algo mais forte — a super consciência — vem em seu socorro (... porém arrependido) e, com largos e rápidos gestos de comando (tôda a casa pegou fogo), destrói o **eu inferior** e eleva a sua alma, o seu intelecto (extasiei-me com tanta beleza), fazendo-lhe compreender que só o Espírito, a essência divina, tem valor no ser humano (senti-me empolgada) e é capaz de libertar a criatura de todo apêgo aos falazes prazeres do sensório (... estou livre...).

● MARIA DOMINGAS — (Rio)

SONHO — **Sonhei que minha patroa apanhou todos os objetos que guarnecem o seu quarto, inclusive bibelôs, e levou-os para lavar. Ela me pediu sabão, mas eu já havia gastado um pedaço enorme, lavando uma porção de roupas de criança e de pares de meias. Fiquei cansada de lavar tanta roupa, pois a falta dágua causava uma grande confusão dentro de casa; estiquei a roupinha para corar, mas, antes de extendê-la, acordei.**

INTERPRETAÇÃO — Tôdas as lembranças, desde o berço até o momento em que sonhamos ou, melhor, até o dia em que deixamos êste mundo, estão soterradas e armazenadas no subconsciente. E estas memórias são da mesma espécie, da mesma natureza de nossas tendências, nossa profissão, enfim, são baseadas nas atividades que desenvolvemos. Seu sonho, Maria Domingas, é o sonho de uma jovem doméstica. Com que foi você sonhar? Com o seu próprio trabalho, pois são as lembranças mais próximas e que mais a preocupam. Com esta explicação, que você vai desculpar, estou tentando dissipar muita dúvida dos senhores **sonhadores** e afastar certas superstições do cérebro de tanta gente que vive consultando livrinhos e se impressionando com as respostas negativistas nêles encontradas. O sonho é igual ao sonhador... Mas, você já está impaciente, Maria Domingas, e vou interpretar o seu sonho. Tendo o custo de vida atingido o seu grau máximo, com a espantosa alta de todos os gêneros, é justo que sua patroa, de vez em quando lhe chame a atenção para a rapidez com que se acabam os viveres da despensa (enorme pedaço de sabão que você gastou). Mas, você possui um certo espírito de crítica e, no seu íntimo, acha graça de muita coisa inútil e supérflua com que se preocupam as criaturas. Por outro lado, você deve **limpar** (lavar roupa) de seu cérebro alguns pensamentos importunos e desejos inconfessáveis (confusão por causa da falta dágua), embora, conscientemente, você ainda não os tenha percebido; mas o subconsciente, que é muito mais esperto e sagaz, já os absorveu e os deixou vir à tona em seu sonho. Comparado com outros, tão complicados que me vêm às mãos, êle é de uma candidez comovedora, deixando transparecer a simplicidade da sua alma e da sua vida.

● **MARIA D. — (Rio)**

SONHO — **Ao chegar a um hospital, onde ia fazer uma visita, vi um homem sentado num banco. Era doente do coração e, ao ver que êle estava passando mal, retirei-me para a enfermaria, onde havia muitas senhoras, enfermeiras e criancinhas. Depois de fitá-lo demoradamente, desci uma escada e fui parar na rua.**

INTERPRETAÇÃO — Sendo o coração um órgão amorável e poético, sensível e inteligente, convencionamos chamá-lo o órgão do amor e do sentimento. Assim, o homem que aparece em seu sonho é uma representação de você mesma, «doente» e magoada, talvez pela falta de reciprocidade no afeto que dedica a alguém que não lhe dá a devida atenção (homem sentado). Por associação de idéias, você sonhou com hospital, crianças, senhoras, etc. Os psicanalistas dizem que sonhar que estamos subindo ou descendo escadas é um índice de que os amôres não nos correm bem, que sofremos pela falta de correspondência, o que, acredito, esteja acontecendo com você.

● **NADINHA — (Rio)**

Recebi sua cartinha plena de elogios a esta SECCÃO. Nada tem que agradecer, eu é que me sinto sensibilizada com as suas amáveis expressões. Quando quiser poderá voltar que será, sempre, bem recebida. Não se preocupe com a extensão do sonho; tenho o mesmo prazer em interpretar, tanto um longo sonho, como um menor. Apareça sempre, que me dará imenso prazer.

O HOMEM QUE sabia Javanês

Conto de A. H. DE LIMA BARRETO

EM uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve, mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa de conversa, ao esgotarmos os copos, observou a êsmo:

— Tens levado uma vida engraçada, Castelo!

— Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá no consulado!

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

— Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

— Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

— Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

Eu tinha chegado, havia pouco, ao Rio e estava literalmente na miséria! Vivia fugido de casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li, no **Jornal do Comércio**, o anúncio seguinte:

«Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.»

Ora, disse cá comigo, está aí uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os **cadáveres.** Insensìvelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a **«Grande Enciclopédia»**, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês língua aglutinante do grupo maléu-polinésio, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto indu.

A **Enciclopédia** dava-me indicação de trabalhos sôbre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um dêles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieroglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia êstes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engulir o meu abecê malaio, e com tanto afinco levei o propósito, que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí: mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

(Cont. na pág. 44)

Ilustração de GIPSON DE FREITAS



Waldemar Adão, o nosso grande campeão invicto, detentor de diversos títulos, entre os quais o brasileiro e o sul-americano.

ESMURRANDO CARAS PARA COMER

S. PAULO, O ELDORADO DO PUGILISMO NO BRASIL ★ POUCA PUBLICIDADE EM TÔRNO DO BOX AMADOR ★ TREINAM COM ARDOR, LUTAM E DÃO DURO NO TRABALHO ★ UM CAMPEÃO INVICTO DESCONHECIDO.

Reportagem de JOÃO ALVARENGA

O box está em decadência, no Brasil. Não mais se ouve falar em combates sensacionais entre os estilistas dêsse violento esporte. Isto porque o profissionalismo, sustentáculo do mesmo, vai perdendo terreno e o público não mais se interessa pelo pugilismo, preferindo dedicar sua atenção a outros esportes.

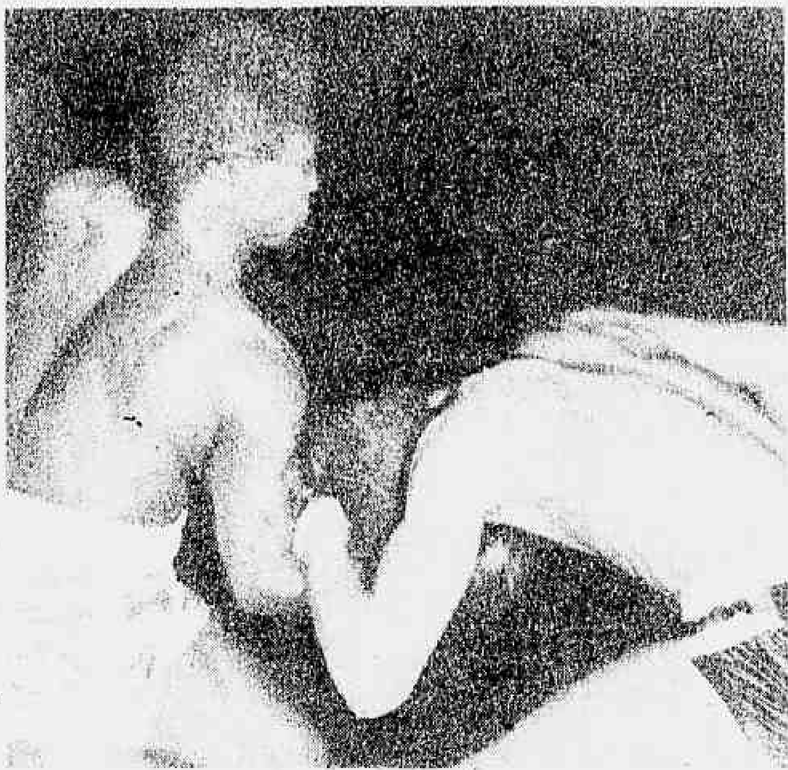
Mas não pode ficar olvidado o esfôrço daqueles que, afrontando tôda série de dificuldades, continuam a praticar a «nobre arte». Assim, vamos focalizar um pouco da vida dêsses abnegados rapazes, detendo-nos sôbre as lutas que êles travam **dentro** e **fora** do ringue.

Em princípio, digamos que os pugilistas profissionais «emigram» para São Paulo, onde o entusiasmo público ainda é grande pelas noitadas de box. As rendas são compensadoras, e a Federação Paulista de Pugilismo pode cobrir as despesas e as bôlsas que paga aos lutadores.

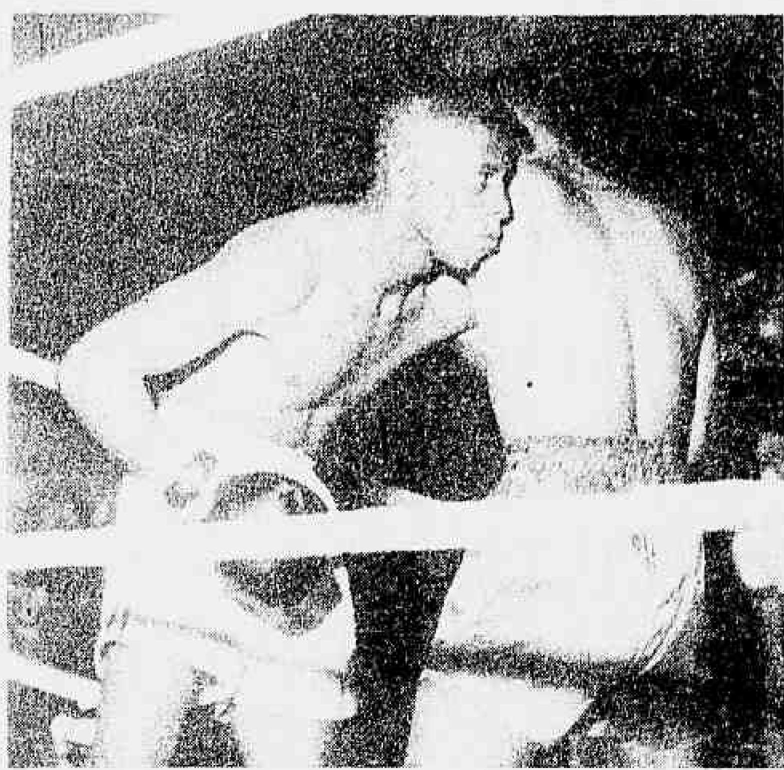
No Rio de Janeiro, pelo contrário, são poucas as pessoas que comparecem a êsses espetáculos, advindo daí que o profissionalismo decaiu de maneira espantosa. Assim, muito difícil se torna, para os amantes do box, assistir aos embates vigorosos, que, até cêrca de vinte anos atrás, constituíam um espetáculo quase obrigatório, entre as distrações dos cariocas.

Contudo, o box amador continua em evidência; não tanto quanto seria de desejar, mas, ainda consegue atrair uma público regular ao Palácio de Alumínio, onde se realizam os embates semanais.

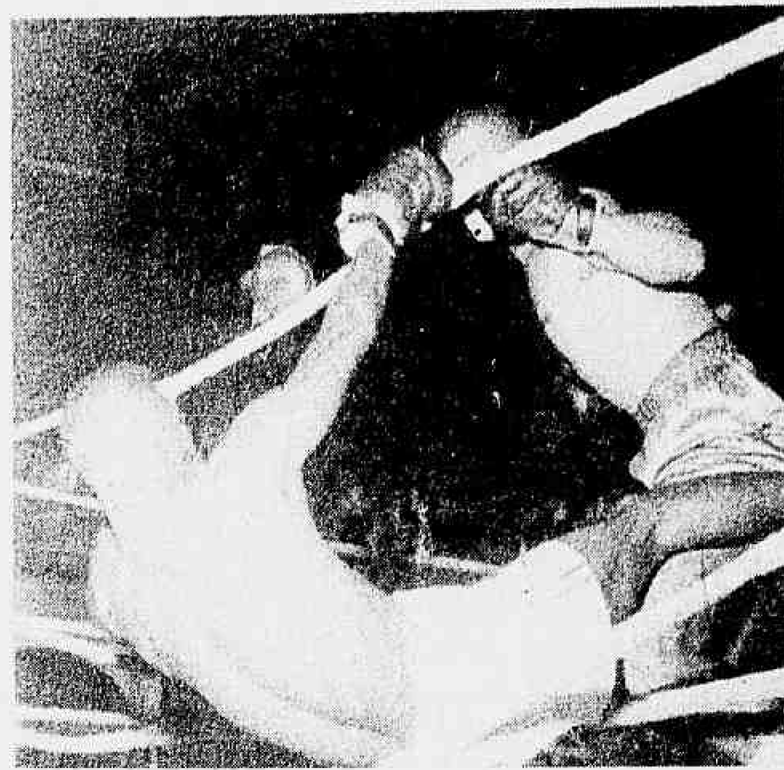
Não resta dúvida de que a publicidade, em tôrno dêsses espetáculos, é relativamente fraca. Grandes nomes do box sul-americano, como Waldemar Adão, Celestino Pinto e outros, vivem quase na obscuridade, e não contam com o cartaz espalhafatoso que se costuma dar aos profissionais. E a quem derrotaram êles em



Um «uppercut» como êste é capaz de causar u'a comoção cerebral. Mas êles não desistem e lutam, até que um esteja fora de combate.



Celestino Pinto, magnífico boxeador de classe internacional, num autêntico «clinch» com o paulista Sebastião Ladislau (calção branco).



O pugilista tropeçou e projetou-se fora do ringue, dando a impressão de haver sido golpeado com tremenda violência, pelo adversário.

sua carreira? Entre outros, cinco ou seis pugilistas de destaque, no continente, mas cuja fama não chegou até nós. Êste o motivo principal e incontestável.

Os pugilistas amadores se caracterizam, em sua maior parte, pela modéstia, pela solidariedade para com os colegas e companheiros, e, ainda, pela confiança que depositam nos punhos e o denôdo com que enfrentam os prós e contras de sua carreira. Estivemos em contato com cêrca de duas dezenas dêles e o que afirmamos ficou ressaltado logo de início. Tanto ao declinarmos nossa identidade, como permanecendo no anonimato, o modo pelo qual nos tratavam era idêntico, sem fingimento ou interêsse.

A única e fundada queixa dêsses atletas, e bem assim dos treinadores de clubes e dos funcionários da Federação Metropolitana de Pugilismo, é o relativo abandono em que o box é deixado, preterido, às vêzes, por outras categorias de esportes. A Federação recebe, anualmente, da Prefeitura uma subvenção de sessenta mil cruzeiros, que não dá para cobrir as despesas com que se defronta. Visitamos a sede da mesma, uma salinha modesta na Rua Alvaro Alvim, com poucos funcionários, que se desdobram para atender ao movimento diário que ali tem lugar (à Federação estão adstritos outros desportos, como o judo, a luta-livre, a capoeiragem, etc.). Urge, pois, maior atenção por parte dos mentores dos esportes de ringues, tablados e tapêtes, a essa abandonada sucursal da Confederação Brasileira de Pugilismo.

Voltemos aos boxeadores, e aos clubes filiados de que fazem parte. Êstes são número de cêrca de quinze, mas poucos apresentam lutadores, na época atual, destacando-se o Vasco da Gama, o Flamengo, o São Cristóvão, o Madureira, a Portuguêsa e o Clube dos Cariocas.

Como amadores, os pugilistas não podem receber salários ou gratificações. Ganham, apenas, uma pequena importância, para alimentação, nos dias de luta, pois não podem comer nas três horas que precedem o embate. E como os espetáculos duram de quatro a cinco horas, nada mais justo do que essa insignificante subvenção.

Em conseqüência, quase todos êsses pugilistas, precisam trabalhar para garantir o sustento. Muitos têm que arcar com as despesas da família e, já se vê, sòmente com muita abnegação ainda podem dedicar-se ao pugilismo. Êste absorve muitas horas por semana, e grande parte das energias dos seus praticantes. Isto, sem contar os acidentes, muito prováveis de ocorrer, tanto nos treinos como nas pelejas.

O treinamento de um pugilista amador se faz, em média, cinco vêzes na semana (de têrça-feira a sábado), restando um dia para descanço e um para as pugnas (geralmente às segundas-feiras). Durante hora e meia êles batem no saco, no «punching ball», pulam corda, fazem ginástica sueca, e se estafam diante de espelhos (praticando «sombra»), suando em bicas, para depois praticarem um ou dois «rounds» dentro do ringue, onde se esmurram mùtuamente, com o intuito de aprimorar a forma. Depois, um banho de chuveiro e as massagens, quando necessário. Em seguida, rumam a casa, exaustos pelo trabalho e pelo treinamento, sabendo que terão de enfrentar o mesmo ritmo de vida, no dia seguinte.

Qual o objetivo de todo êste sacrifício? — perguntarão todos. E duas respostas nos ocorrem: uma (a mais nobre), informa que os rapazes fazem isto por amor à nobre arte, assim como um jogador de futebol ou de basquete treina e faz ginástica para conservar a boa forma física; e outra (se bem que menos nobre, não deixa de constituir uma prova de fôrça de vontade e confiança que êles depositam nos seus punhos), esclarece que êles pensam no futuro, visando o profissionalismo, onde poderão ganhar bastante e alcançar projeção internacional. Poucos, porém, logram êste intento . . . pugilistas existem muitos; bons pugilistas no entanto . . .

Seria fastidioso citarmos, aqui, o modo particular como vivem os nossos boxeadores. Assim, basta descrevermos a carreira e as ocupações de três dêles, para que se tenha uma noção de como vivem os pugilistas amadores.

WALDEMAR ADÃO— Nasceu no Espírito Santo e conta 23 anos. Começou a lutar em 1951, na categoria dos meio-pesados (entre 76 e 81 quilos). Foi campeão carioca de estreantes, de novíssimos e de novos. Como pêso-pesado (acima de 81 quilos), foi campeão brasileiro de box amador. Ainda, na classe dos meio-pesados, sagrou-se campeão sul-americano, em 1953. Não recorda de cabeça o número total de lutas. Foram mais de doze, e, em tôdas, saiu vencedor, sendo três por nocaute. Sua peleja mais árdua foi a que travou contra o campeão chileno, no sul-americano, ao qual derrotou por pontos. Tem trabalhado em diversas profissões e pretende lutar até os 35 anos. Tomará parte nas eliminatórias para as próximas Olimpíadas Mundiais, e, (Continua na página 44)



Um nocaute: as fôrças se exaurem momentâneamente e o cérebro fica semi-paralisado, enquanto o juiz conta os dez segundos fatais.



Pois não, sr. Pierston. Ouvi-lo-ei com prazer.

— Houve um tempo em que amei a sua mamãe; quis mesmo casar-me com ela. Mas ela não quis, ou melhor dito: não pôde casar-se comigo.

— Oh! Que coisa estranha! — Exclamou ela a olhar as iguarias e a Pierston, a êste e as iguarias, num movimento de olhos de quem não procura fitar, face a face, o interlocutor.

— Minha mãe nunca me falou disto. Mas, naturalmente, o senhor pôde cortejá-la. Quero dizer, estava o senhor em idade própria para isso.

Pierston tomou a observação como uma indireta, embora não fôsse isso a intenção da moça. E respondeu bastante incomodado:

— Oh! sim . . . eu estava em idade para cortejar . . . Embora já fôsse demasiado velho.

— Velho para casar-se com minha mãe? Como pode ser isso?

— Porque fui noivo de sua avó, Avícia.

— Não! Como é possível isso?

— Também a amei, e me casaria com ela se houvesse seguido o caminho que traçáramos, em lugar de seguir outro.

— Mas o senhor não pode ter sido noivo de minha avó, sr. Pierston. O senhor não é um velho. Porque . . . quantos anos tem então? Nunca me disse.

— Sou muito velho.

— Noivo de minha mãe . . . noivo de minha avó! — Exclamou a moça fitando-o, não já como a um futuro marido, mas como a uma estranha relíquia fossilizada em forma humana.

O escultor percebeu o pensamento de Avícia e quis prosseguir na conversação, mesmo a custa de si mesmo.

— Justamente. Galã de sua mãe e de sua avó.

— Também o foi de minha bisavó? — Perguntou, com muito interêsse, pelo que lhe dizia o sexagenário, como um drama que, de momento, prevalecesse contra suas considerações pessoais.

— Não, não. De sua bisavó, não. Sua imaginação, Avícia, supera as minhas confidências. Mas sou **muito** velho, como vê.

— Não **vejo**, não, — murmurou a jovem em tom quase suplicante. — O senhor não parece tão velho assim. Sua aparência não diz esteja tão idoso.

— Mas você . . . você é tão jovem! — Prosseguiu êle.

Houve, então, momentos de silêncio, durante o qual estêve ela como que constrangida, olhando-o de quando em quando, de modo que, em seus rasgados olhos e grandes pupilas, havia algo que bem podia ser simpatia ou nervosismo. Pierston almoçou sòbriamente, e, levantando-se da mesa, disse que ia passear pelos alcantilados da ilha, pois que a manhã estava muito bela.

E assim o fêz, andando, ao largo das penedias do nordeste, numa extensão de uma milha, mais ou menos. Virtualmente havia renunciado à terceira Avícia, mas não formalmente. Sua intenção era voltar a casa depois de meia hora e fazer uma visita matinal à enfêrma; mas, pelo fato de não reiterar os projetos da noite anterior, bem podia desfazer tudo, acabando com os colóquios sem resultado positivo, em vista de estar certo de que Avícia não o amava.

Decidido a isso, seguiu êle o seu caminho e, ao cabo de uma hora estava em sua hospedagem de Budmouth.

Nda ocorreu, até a véspera, que pudesse informá-lo de como havia sido comentada a sua ausência. Foi, então, que recebeu, da mãe da jovem Avícia, um bilhete escrito a lápis, evidentemente de seu leito de enfêrma, no qual dizia ela o seguinte:

«Estou alarmada pela sua brusca ausência. Avícia teme havê-lo ofendido, e estou segura de que não foi tal a sua intenção. Isto me põe, terrìvelmente, ansiosa! Mandará o senhor duas palavrinhas? Espero que não nos abandonará agora. Meu coração anela tanto o bem-estar de minha filha!».

— Não quero abandoná-la — disse Pierston a murmurar para os seus botões — É um caso semelhante ao primeiro. Mas eu devo permitir que ela me abandone!

Ao voltar à casa de Avícia, sem outro objetivo que não o de despedir-se da viúva, encontrou-a penosamente aflita. A enfêrma tomou-lhe as mãos, banhando-as de lágrimas e exclamou:

— Oh! Não fique o senhor ofendido com ela. É tão jovem! Somos conterrâneos e não vai casar-se com um forasteiro! Teria eu o coração transpassado se o senhor a abandonasse agora! — E chamou: — Avícia!

Correu a jovem até ao leito de sua mãe. Fitando o escultor foi logo dizendo com voz de arrependimento:

— Portei-me esta manhã de um modo grosseiro e insensato. Peço-lhe perdão e quero manter minha promessa.

A BEM AMADA

Romance de **THOMAS HARDY**

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

Sua mãe, ainda afogada em lágrimas, voltou a entrelaçar as mãos de ambos e repetiu o compromisso, como fizera antes.

Pierston regressou a Budmouth, vendo quão estranhamente, pelo fato de ser um noivo rico, as idéias de beneficência e de conveniência o retinham no caminho traçado pela mãe de Avícia, impelido pelo seu temerário desejo, apesar de seu razoável juízo.

CAPITULO XXVII

Na previsão de suas núpcias, havia Pierston tomado uma nova casa, das de tijolos vermelhos, como as de Kensington, com um novo estúdio, de vastas proporções. De acôrdo com a Avícia-mãe, cuja saúde havia melhorado um pouco, convidou-a e à filha para que passassem, com êle, um par de semanas, crendo exercer, dêste modo, na imaginação da jovem, uma influência que era de todo impossível enquanto estêve êle de visita à casa da viúva, ao mesmo tempo que iria habituando sua amada na administração e arranjos da nova residência, para que despertasse nela o prazer de ser sua dona.

Passariam uma prazenteira e tranqüila temporada na cidade, sem que nada interrompesse os seus lazeres. Como era época de férias, todo mundo estaria disposto a mostrar-se solícito para satisfazer os desejos daquela família feliz. Pierston e as duas hóspedes, mais ou menos inexperientes como êle, pois que o escultor, desde muitos anos passara a viver fora de sua própria casa, percebiam o assombro estampado na fisionomia das visitas, quando estas sabiam que o escultor e a jovem iam casar-se no próximo inverno.

Avícia estava encantadora, embora um tanto fria. Pierston se reanimava, de novo, pelo fato de lhe haver o destino reservado uma espôsa de linhagem intelectual ao nível do seu espírito. Era Avícia, em muita coisa, parecida com sua mãe, a quem êle havia amado, carnalmente, mas tinha a jovem a alma de sua avó, a quem amara espiritualmente. Por essa razão, Pierston lhe queria muito, agora. Apenas um defeito notava na sua eleita: embora se assemelhasse à sua avó, não possuía a candura da primeira Avícia, pendendo, muito mais, para comparar-se à sua mãe. Nunca podia saber, Pierston, o que sua noiva pensava ou sentia. Contudo, lhe parecia ter tanta influência, sôbre as mulheres da família Avícia, que não lhe causava maior preocupação aquela falta de confiança.

Era uma dessas suaves e serenas tardes de estio, que, às vêzes, calorizam Londres com sua dourada luz e produzem maravilhosas nuanças de sol, que aplaudiríamos, frenèticamente, se não soubéssemos estarem formadas pela fuligem do carvão das cozinhas e a exalações animais. Por trás dos variados tipos de capacetes de zinco das chaminés, a formar uma espécie de mostruário de primitivas cifras góticas, ao destacar-se sôbre o céu, viam os londrinos, uma irradiação de matizes de topázios esfumaçados, ali e acolá, em formosíssimos tons avermelhados.

Durante a tarde havia caído um aguaceiro, e Pierston, que cuidava bastante da saúde, havia calçado galochas para sair. Sem fazer ruídos entrou no estúdio, onde se haviam refletido alguns resplendores da mesma suave luz crepuscular, e onde supunha encontrar a sua noiva e futura sogra esperando-o e tomando chá. Mas só foi encontrar, ali, Avícia, sentada junto a uma obra de arte, a quem ela e êle, muito estimavam, como artistas. Com as costas para a porta, viu Pierston, que ela estava com um lenço aos olhos, a chorar silenciosamente. O escultor aproximou-se e notou, ainda, que o pranto da moça se derramava sôbre um livro. Vendo Pierston, ela se levantou e veio ao seu encontro. Fingindo não ter notado a tristeza de sua futura espôsa, falou-lhe sôbre a disposição dos móveis. Depois de ter tomado uma xícara de chá, Pierston ficou só, pois a moça se retirou deixando, ali, o livro.

Curioso, Pierston o apanhou. Tratava-se de um velho livro escolar, «Lectures Françaises», de Stièvenard, com o nome de Avícia como aluna da Escola Superior de Sandbourne e datas marginais das lições dadas não fazia muito tempo, pois já Avícia entrava na puberdade quando a freqüentou.

Era bastante estranho que uma aluna (virtualmente ainda ela o era) chorasse sôbre um livro de colégio ao colo. Teria sido emocionada por alguma página? Impossível. Pierston começou a pensar e se lhe entibiou o entusiasmo pelo mobilamento e enfeitos da casa, o que havia empreendido com tanta alegria. Algo enublava, novamente, a floração de seu próximo enlace. Embora amasse a Avícia, cada vez mais ternamente, temia que seu carinho a pusesse a perder, pelo fato de não negar-lhe nenhum dos seus caprichos.

Olhou, Pierston, em tôrno do vasto e luxuoso estúdio, já envôlto em sombras, de onde se destacavam as brancas e cadavéricas figuras de suas estátuas de mármore e gêsso, que parecia o olharem de soslaio, como a dizer-lhe: «Então, velhinho; que vai fazer agora?». Nunca as suas esculturas se lhe apresentavam com aquêle caráter interrogativo, durante tôda a sua vida de artista, realizando as obras mais belas e meritórias de sua vida. Para que um estúdio como aquêle, se era Pierston um homem de idade avançada, quando já não mais havia esculpido nenhuma obra digna de nota que pudesse aumentar sua reputação artística? Se fazia aquêles sacrifícios era por sua eleita, e esta, pelo que via, não o aceitava como era do desejo do escultor.

Nada mais, observara êle, em Avícia, que aumentasse o seu receio, até uma semana depois, pouco antes de terminar sua temporadazinha em Londres. A hora da refeição, estando êle entre Avícia e sua mãe, a uma mesa algo estreita, notou que sua noiva parecia sumamente nervosa; impressionado com isso, atreveu-se a dizer-lhe num tom que denotava estar tão aflito quanto ela:

— Por que motivo está assim tão agitada, minha menina?

— Agitada, eu? — exclamou Avícia, com surprêsa, fitando nêle os seus belos olhos castanhos. — Ah, sim. Talvez esteja um tanto agitada, porque recebi carta de um antigo amigo.

— Não me a mostras-te, Avícia. — Censurou a mãe.

— Não. Eu a rasguei.

— Por que?

— Não era necessário guardá-la. Por isso a destruí.

A mãe não lhe perguntou mais nada sôbre o assunto, e a filha não se mostrava disposta a insistir.

Recolheram-se cedo aos seus aposentos, como era de costume, enquanto o escultor continuou a passear pelo seu vasto estúdio, durante bastante tempo, meditando sôbre muitas coisas, especialmente a de que casar-se com uma mulher não era, de algum modo, o mesmo que unir-se a ela. O «antigo amigo» a que se referira a moça, lhe parecia ser um «pretendente». Se assim não fôsse, por que motivo aquela carta a teria perturbado tão profundamente?

Sem dúvida que deveria haver ali em Londres um mau presságio com relação aos seus casamentos. Também com a terceira Avícia estava sendo assim. Durante os primeiros dias de sua estada na capital, se mostrava ela mais amável. A causa em favor de Pierston havia ganhado mais probabilidades com a vinda dela, pois a vista da residência a tinha impressionado muito bem e quase a convencido. E, se bem que reconhecesse que, nem por lei, nem pela razão, nem por natureza, tinham êle e a futura sogra direito algum para casá-la contra sua vontade e inclinação, resolveu fazer o possível para influir em seu ânimo, deixando sempre entre mãe e filha os pormenores da boda.

Ficou então assentado se marcasse o casamento na manhã do dia seguinte. Mas, ao encontrar-se com a noiva notou em seu rosto marcas de contrariedades. Pensou então que, na noite anterior a houvesse magoado com sua atitude taciturna. Em presença da jovem, pediu êle, a Avícia, sem mais rodeios, que a filha fixasse o mais breve possível o dia do casamento pois que Avícia-mãe já se sentia muitíssimo mais animada e fora de perigo. Por outra parte tinha a mãe suas dúvidas sôbre a conveniência de adiar o matrimônio, e, dirigindo-se à moça, disse:

— Ouviste, querida?

Ficou então combinado que mãe e filha regressariam à ilha, dali a dois dias, a fim de lá aguardarem a chegada de Pierston, na véspera do casamento, que se daria, assim, imediatamente após o regresso delas.

★

Segundo o que ficara convencionado, já estava Pierston na costa meridional da Inglaterra ao anoitecer da véspera do casório, e, à proporção que se ia aproximando da ilha natal, a via com a maior tristeza e melancolia, como a criatura esmagada pela idéia de que ia arrebatar-lhe o mais precioso tesouro como jamais possuíra.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O escultor Jocely Pierston, residente em Londres, mas natural de pequenina povoação situada numa ilha das costas da Inglaterra, desde muito jovem pensou em casar-se com uma mulher que fôsse o tipo de sua Bem-Amada, uma visão puramente ideal. Teve várias noivas, dentre elas a jovem Avícia Caro, sua amiga de infância. Mas, como sucedeu com outras, êle a abandonou. Estava com 40 anos, quando soube que Avícia já viúva, falecera. Veio visitar-lhe a sepultura, quando se apaixonou pela filha da morta, muito parecida com ela. Mas não pôde casar-se, pois a moça revelara um segrêdo: era casada e separada do marido. Pierston promoveu a reconciliação do casal. A segunda Avícia tornou a viver com o marido. Veio uma filha, que recebeu o nome de Avícia. Era a terceira da família. Pierston viajou por vários países. Estava na Itália, já com sessenta janeiros, quando recebeu carta de Avícia. Também ficara viúva. Pierston correu a vê-la. A diferença, entre ambos, era de vinte anos; mas, ao invés de apaixonar-se pela viúva, a quem amara fazia vinte anos, encheu-se de amôres pela filha, de vinte anos. A segunda Avícia, adoecendo, fêz um apêlo à filha para que se casasse com o escultor, pois não queria morrer deixando-a naquele meio atrasado. A jovem era bem educada e merecia melhor futuro. Pierston manifestou seus desejos; mas a terceira Avícia recebeu o pedido de casamento com certa decepção.

Ilustração de **RAMON**

JANELA SÔBRE O MUNDO



A MORTE ANDA DE AUTO — Isto sucedeu em Salzburg. O sr. Claus Clausen, que tomava parte na representação da peça «Everybody», espetáculo ao ar livre, interpretando a respeitável Morte, vestiu-se a caráter e chamou um táxi. Tal foi o espanto do motorista, que o próprio Clausen teve que assumir a direção do veículo. Não se sabe quantos transeuntes êle mandou para o outro mundo; mas que conseguiu o mais sensacional sucesso, essa morte ao volante, não tenham a menor dúvida. Foi um assombro.



QUE ESTRÉIA! — Rodava-se em Hyde Park, em fins de julho, uma cena de filme, na qual toma parte grande multidão de gente. Lá, como aqui e em qualquer outra parte do mundo, mesmo para «extra» todo mundo deve ser convidado. Foi o que sucedeu com miss Dorothy Jay. Mas, alguém daquela avalanche de «extras» teria que cair nágua. E foi ela! Um tanto contrariada, é erguida ao bote, tôda molhada, inclusive o belo chapéu. Contudo, sempre compensou a «performance» com algumas libras...



DISCURSO DO PAPAGAIO — O galo, a galinha e o papagaio. Juntaram-se os três no Zoológico de Chessington, Surrey e começaram a palestrar. Henry, o galo, deu uma opinião discreta sôbre assuntos esportivos. A galinha, que nada entende disso, cochilou. Mas o papagaio «cacatua» se inflamou e fêz um discurso sensacional, mostrando por A mais B que o «Flamengo» de lá não merecia ter perdido o jôgo. Foi quando o galo segredou: «Fale baixo. O homem dos frangos vem aí e pode tomar a carapuça».



FUTEBOL DE MUTILADOS — Mutilados no futebol, não «do» futebol. São três «ex-Serviceman» dando vida e emoção à «Not Forgotten» Association Garden Party, na sua centésima segunda reunião nos jardins do Palácio de Buckingham. Não sabemos quais são as regras para uma partida a três pernas e seis muletas; mas não deixa de emocionar os assistentes de tão curioso «match», que, só mesmo entre inglêses se justifica, povo que tem as mais sólidas e comoventes tradições.



SENADOR TAFT — Depois de vários dias de sofrimento, faleu a 1 de agôsto Robert Alfonso Taft, um dos maiores políticos dos Estados Unidos. Advogado e economista, foi condecorado por vários países da Europa, em homenagem aos serviços prestados depois da primeira grande guerra. Competiu com Eisenhower e perdeu; mas, também republicano, tornou-se o mais sólido esteio da política do novo Presidente, defendendo-lhe o programa no Senado. Taft era filho do 26º Presidente do país, William Howard Taft.



GIGANTE DE BORRACHA — O povo inglês, como sucede com os norte-americanos, gosta de apresentações espetaculares. Durante as festas do «Royal River Pageant», o desfile se caracterizou pela originalidade dos que o organizaram. Uma das alegorias foi a dêste «Civil Defence Warden», ou seja, Guarda da Defesa Civil. E' um gigante de borracha, vestido com seu uniforme de ação, capacete à cabeça, emblema ao peito e uma expressão forte e enérgica. A multidão muito aplaudiu esta homenagem aos heróis.



QUE ESTÁ VENDO? — Êste garotinho de Leeds, Inglaterra, é torcedor de futebol. Mas, não tendo podido comprar seu ingresso para ver o «match» entre inglêses e australianos, no campo de Headingley, procurou um jeito de tirar sua «casquinha». Andou, virou, mexeu e descobriu uma «arquibancada» ao rés do chão. Olhou por baixo do portão e... que maravilha! Nesta posição só uma coisa o preocupa. Como bater palmas quando seu time fizer «goal»? Mas não há de ser nada. O pior já passou.



MANICURE OU PATICURE? — A «Royal Welsh Agricultural» de Cardiff, Inglaterra, inaugurou uma exposição-show para classificação de lanígeros. Miss Glenys Lucas, porém, achou que «noblesse oblige», e submeteu seu belo exemplar, um carneiro de raça, a um banho de civilização humana, tendo como auxiliar o pastor Mr. Rudy. O carneiro, depois de bem limpinho a sabonete e loção, entregou as patas para a... — como diremos? — a «paticure», de forma que os juízes lhe concedam um prêmio confortador.

ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA

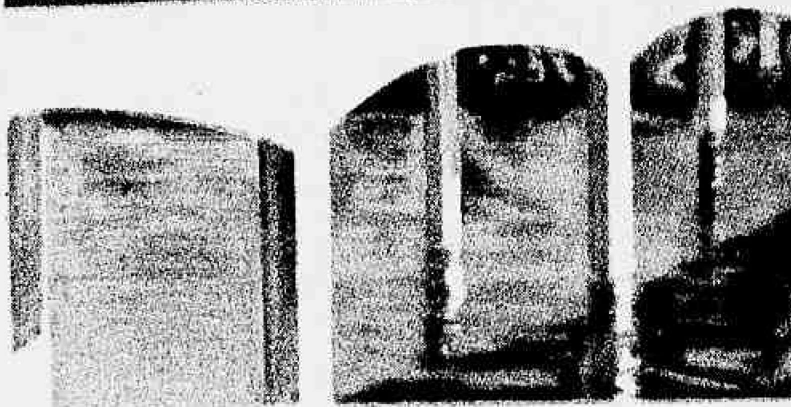


A partir da edição da REVISTA DA SEMANA nº 27, de 4 de julho p.p., começou a segunda viagem turística Rio-Salvador e Salvador-Rio, a encerrar-se com o cromo nº 312, até a última edição de dezembro próximo. Não se preocupem os colecionadores do ÁLBUM com a demora na publicação de algumas figurinhas que vão ficando atrasadas, enquanto outras surgem. Nosso desejo era o de seguirmos a ordem consecutiva; mas, nem sempre podemos obter gravuras ou fotografias que se prestem para os desenhos com a perfeição com que os estamos publicando, de maneira que nos vemos forçados a saltear os cromos. Mais uma vez avisamos que não há **figuras prêsas**. Tôda a coleção sairá, impreterìvelmente, até ao fim do mês do Natal dêste ano. Os que não colecionaram as figurinhas da primeira viagem podem fazê-lo nesta segunda, sem prejuízo para seus direitos aos prêmios do Natal.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro.







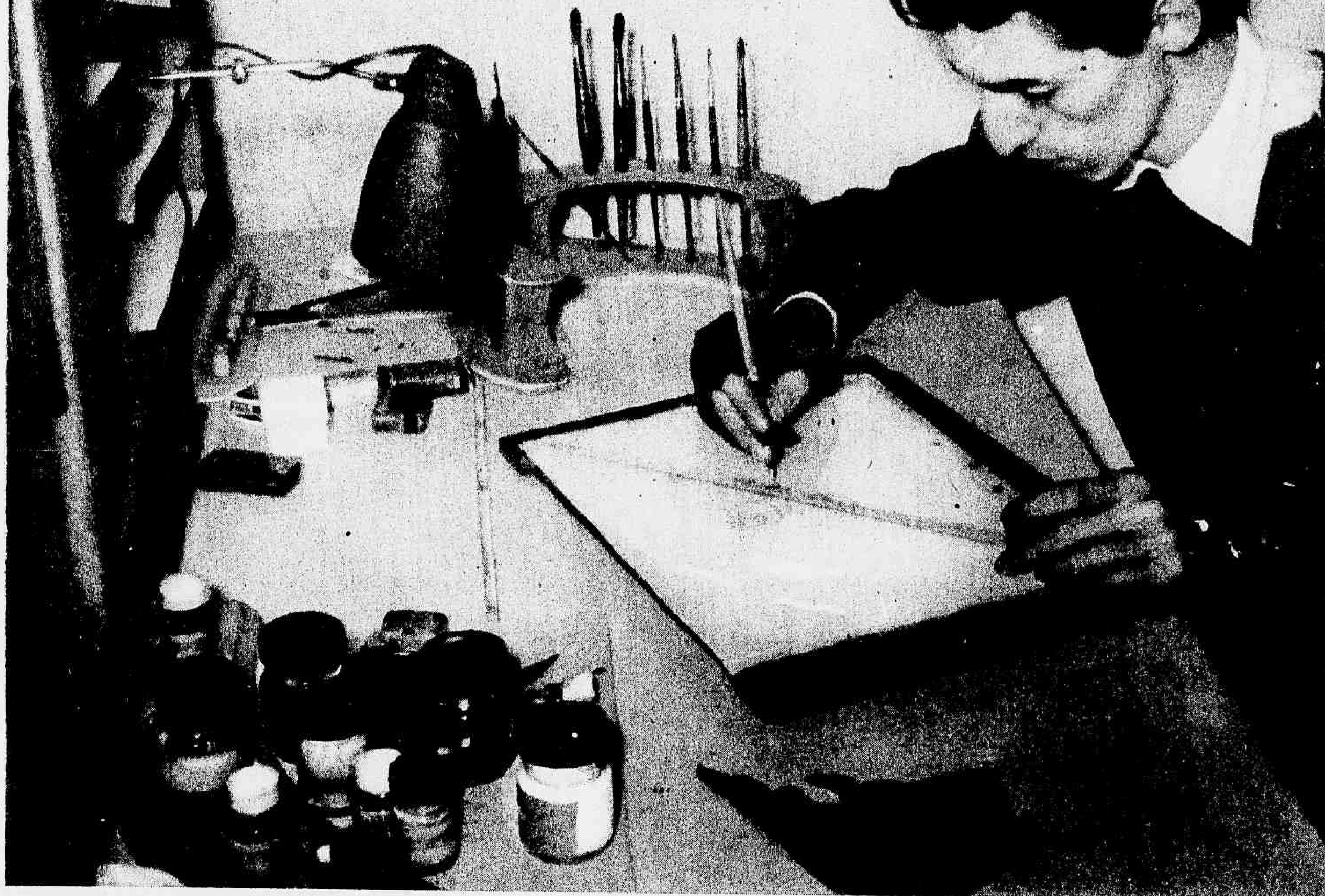








SINFONIA AMAZÔNICA



O talentoso e empreendedor artista, quando dava alguns retoques a um dos seus inúmeros desenhos. E' com o ardor e a fôrça de vontade que a nossa próspera cinematografia vai célere para a frente. O cinema do Brasil conta, pois, com um grande valor artístico em suas fileiras.

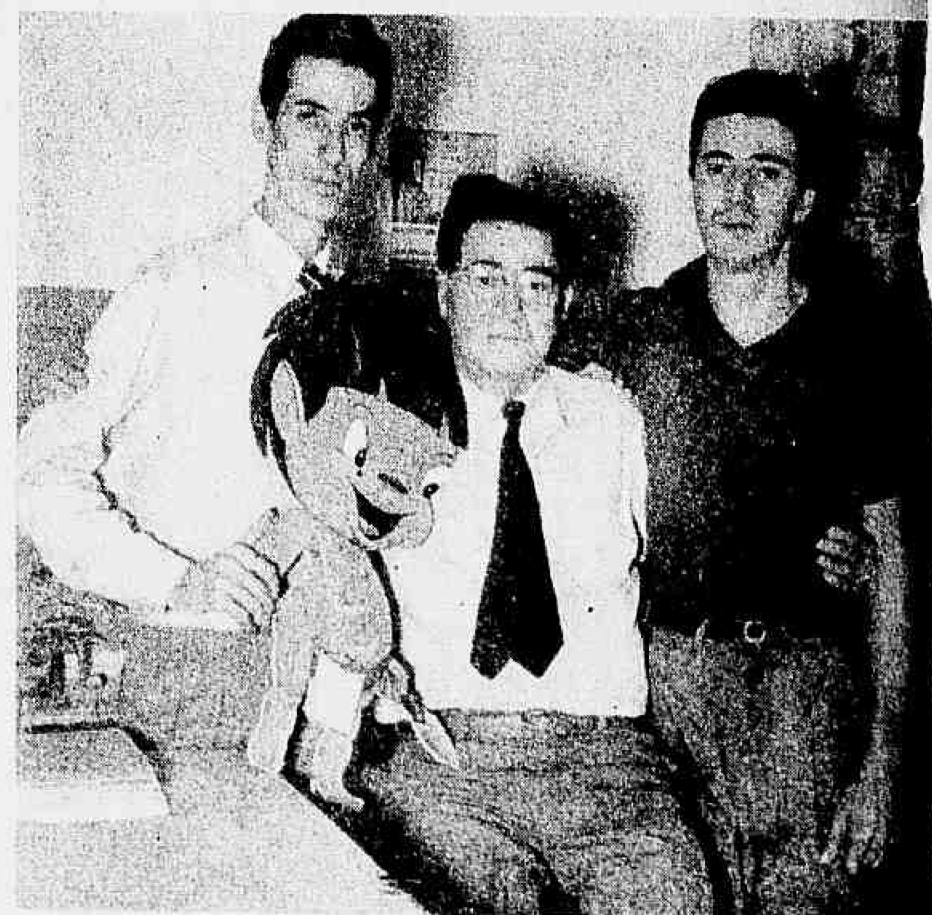
"NUNCA TÃO POUCOS FIZERAM TANTO"

PIONEIRO DO DESENHO ANIMADO NO BRASIL ★ UMA EQUIPE DE SEIS ELEMENTOS PRODUZ UM FILME ★ HOMEM DOS MUITOS INSTRUMENTOS ★ DESENHOU 500.000 "CROQUIS" ★ "PAI JOÃO", O PRÓXIMO FILME

Reportagem de SAMUEL AVERBACH

ANÉLIO Latini Filho. Apenas um nome, que poderia pertencer a qualquer um. No entanto, o rapaz que por êle se identifica merece o apoio e os aplausos de todos pelo magnífico trabalho que realizou no setor do desenho animado, constituindo-se no pioneiro dêste ramo da cinematografia no Brasil. Durante seis longos anos êle trabalhou com denôdo em sua obra, auxiliado, apenas, por cinco pessoas, das quais, quatro eram seus irmãos.

E agora, após todo êsse sacrifício que permaneceu ignorado de muita gente, até bem pouco tempo, o criador de «Sinfonia Amazônica» pode declarar, como maior prêmio aos seus esforços:



Anélio Latini, seu progenitor e o irmão Públio, um dos componentes da equipe, posam ao lado do Curumim, personagem nº 1 do filme.

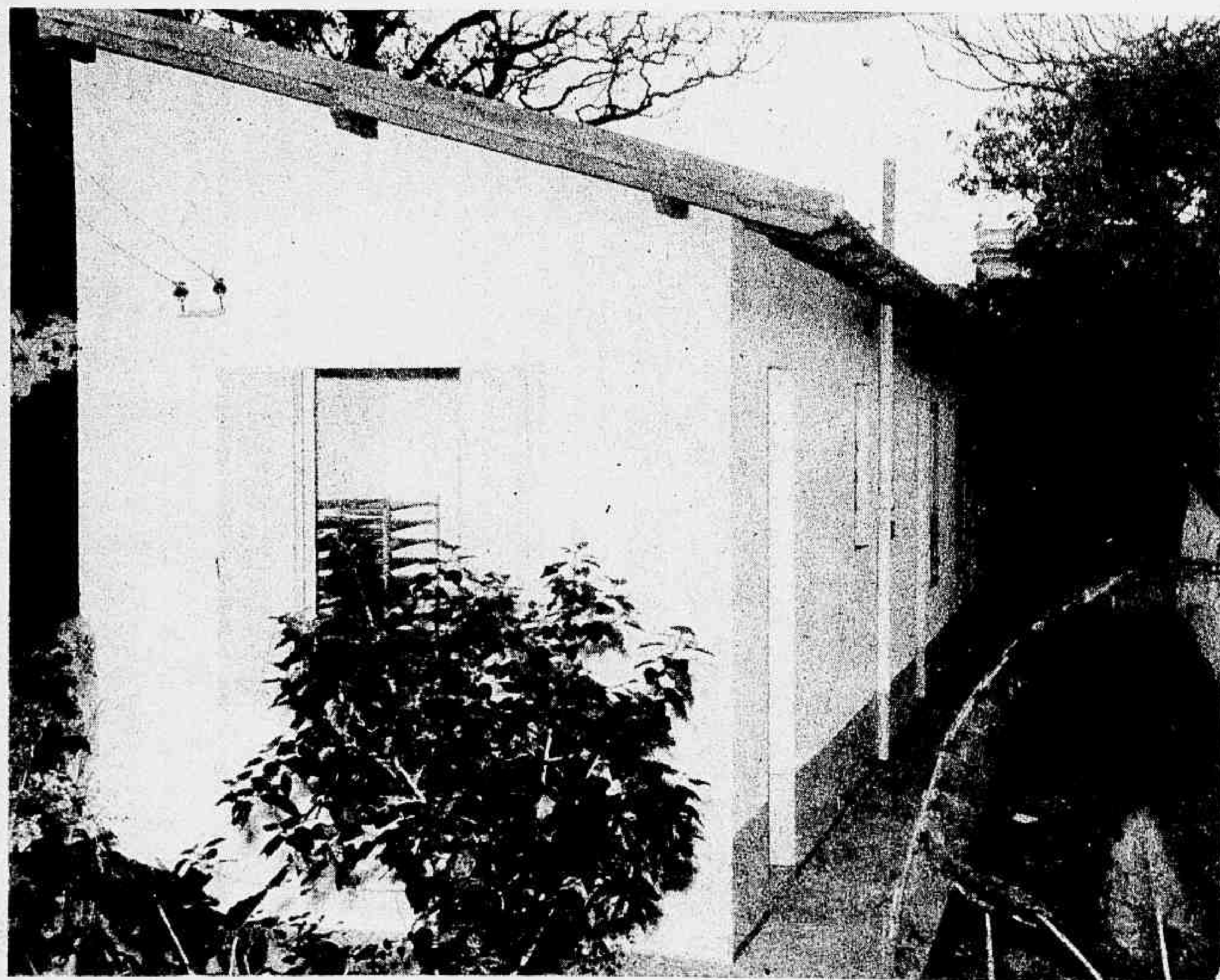


Esta é a carpintaria, construída pelos dois irmãos, onde os personagens de «Sinfonia Amazônica» foram moldados e preparados em madeira, antes de passarem definitivamente ao celulóide. Como vêem, quase tudo neste desenho animado, foi feito em casa, à custa de muito suor.

— Triunfei naquilo que, para muitos, se afigurava impossível.

Sim, muitos dos que agora elogiam êsse desenho-animado, talvez houvessem repelido o rapaz, se êste os procurasse para pedir a sua colaboração, taxando-o de sonhador, poeta (que, para muitos, é sinônimo de maluco) e outros qualificativos semelhantes. No entanto, apesar das imensas dificuldades com que se defrontou, Anélio Latini Filho concluiu a sua obra, o primeiro desenho-animado de longa metragem já produzido no Brasil.

O maior mérito dêsse artista reside em que êle efetuou cêrca de 60 por cento do trabalho requerido para a produção de «Sinfonia Amazônica», tendo desenhado 500.000 «croquis» para o filme (dos quais foram aproveitados cêrca de 300.000), que tem a duração de uma hora e dez minutos, e foi produzido em celulóide prêto e branco. Sôbre êste último ponto, informou-nos, o jovem cineasta, que o seu intuito era fazer o filme colorido. Como isto não fôsse possível, em virtude das enormes barreiras que precisou transpor, resolveu fazer os desenhos originais em côres especiais, visando, justamente, uma nuance diferente para o prêto e branco. Um dos segredos do filme colorido é a técnica de sua preparação, visando influir, psicològicamente, no expectador, da mesma forma que o fundo musical. Vejam, por exemplo, as



A esta construção poderíamos chamar claramente «o menor estúdio cinematográfico do mundo». Apesar de pequeno, êle conta com três departamentos distintos: o de celulóide, o de câmara e o de animação, correspondendo, respectivamente, às três portas que são divizadas na foto.

obras-primas de Charles Chaplin: em tôdas, a música tem relevante importância. Anélio Latini Filho, referindo-se a êsse aspecto da cinematografia, fêz questão de ressaltar que a côr representa um campo pouco explorado no cinema, e muito ainda, poderá ser conseguido, nesse setor.

QUEM É O AUTOR DE «SINFONIA AMAZÔNICA»

Anélio nasceu em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, e conta 28 anos de idade. Fêz os cursos primários e secundários completos. Desde pequenino dava demonstrações de sua vocação para o desenho mas, terminado o curso secundário, não quis ingressar na Escola de Belas Artes. Desde os dez anos já desenhava como gente grande, e trabalhou para diversas revistas de histórias em quadrinhos. Logo em seguida passou a preparar desenhos animados. Chegou a produzir, nos anos que seguiram, um número de desenhos equivalentes a dois «shorts», mas não possuía câmara e película para filmar. Mudando-se para



Junto à máquina de filmagem por êle idealizada e construída, Anélio Latini Filho examina uma parte da produção, já em celulóide.

o Rio, passou a manter contato com gente de cinema, e o seu interêsse pelo desenho animado, foi aumentando. Iniciou, então, a produção de um «short» ao qual se seguiram outros nove. O último dêles, vendeu para a Companhia Cine do Brasil, a fim de conseguir dinheiro para as despesas que teria com a sua «Sinfonia Amazônica», obra que êle resolveu produzir depois de muito pensar a respeito.

Os exaustivos trabalhos tiveram início em 1947. Com o argumento fornecido por Joaquim Ribeiro, e após um minucioso estudo do folclore brasileiro, detendo-se, principalmente, na parte correspondente à Amazônia, Anélio foi criando seus personagens, desenhando-os e moldando-os às características da película. A equipe de «técnicos», todos formados na escola da persistência e do esfôrço, era a seguinte:

Mário Latini — fotografia; Hélio Latini — compôs duas músicas para o filme (Chorinho do Jabuti e Canção de Iara); Homero Dorneles — efeitos musicais; Wanda Latini — cópia de côres; Públio Latini — corte e preparação das figuras e dos cenários, em madeira.

Merece citação o apoio moral e o incentivo que os pais do jovem cineasta lhe prestaram. Em retribuição, Anélio dedicou-lhes sua obra-prima.

(Cont. na pág. 44)

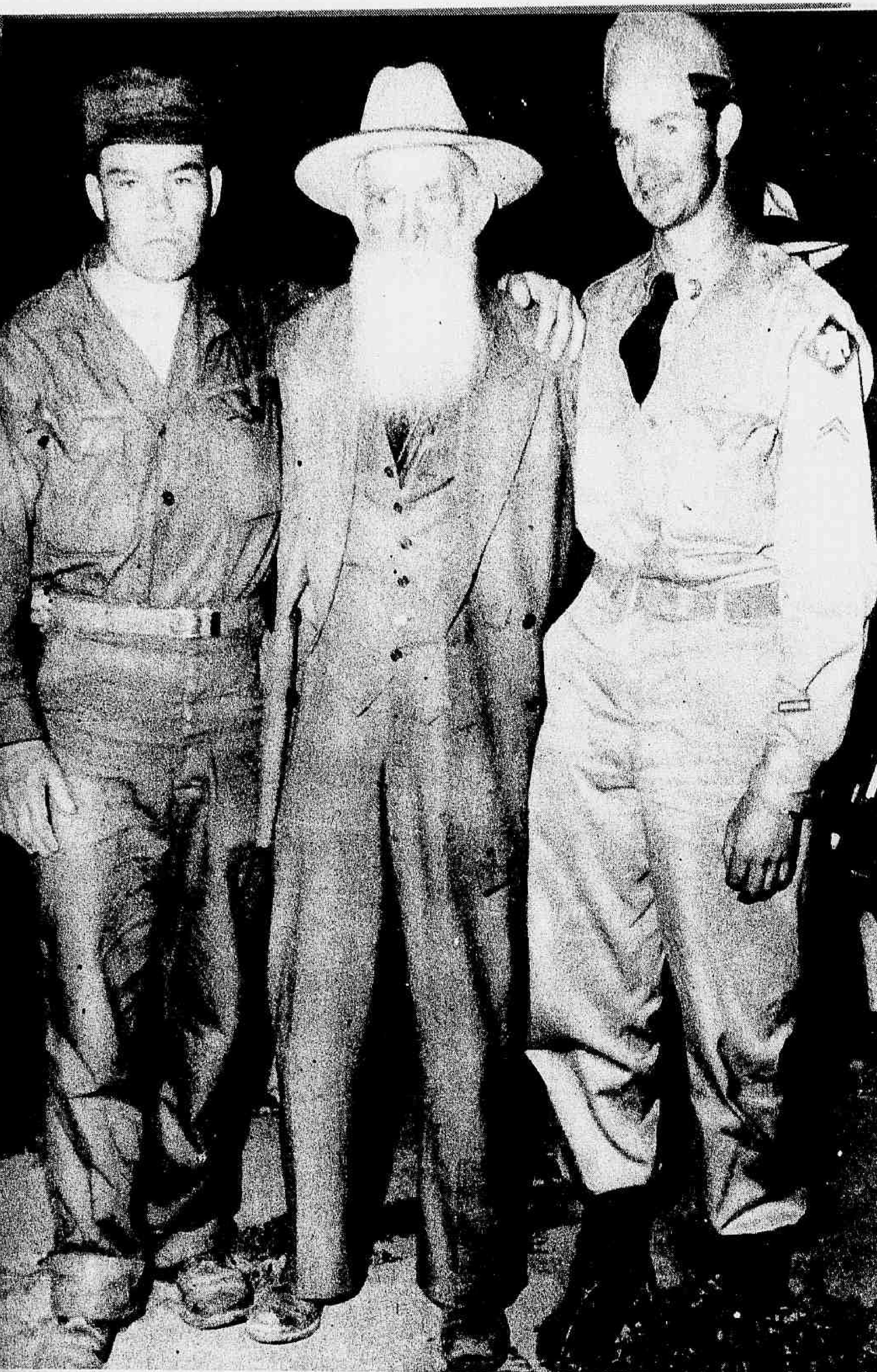


Na sua fisionomia cansada reflete-se o esfôrço dos seis anos de intenso labor: sete latas de filmes: pouco mais de uma para cada ano. E nove dos bonecos de sua criação parecem estar a aplaudi-lo.

NO REINO DA POLIGAMIA

Fotos U. PRESS

ESTRANHA COLÔNIA DE POLÍGAMOS NOS ESTADOS UNIDOS ★ UM VELHO DE 80 ANOS COM CINCO ESPÔSAS E VINTE E OITO FILHOS ★ DESCENDENTES DOS MORMONS, MAS EXCOMUNGADOS PELOS MESMOS ★ INCESTO EM VARIOS CASOS ★ O EXAUSTIVO TRABALHO DA JUSTIÇA PARA DESLINDAR O LABIRINTO DOS PARENTESCOS ★ A ORGANIZAÇÃO FAMILIAL OBEDECIA AO CULTO DO "PLANO DO ESFÔRÇO UNIDO".



Joseph S. Jessop, de 84 anos de idade, era um dos dirigentes do culto poligamista «Plano do Esfôrço Unido». O jovem é seu filho Iom, que voltava da Coréia, na véspera da prisão de seu pai.



Os menores do «Plano do Esfôrço Unido», também presos com seus pais, são alimentados pela Guarda Nacional do Arizona, Estados Unidos.

NÃO era de hoje que o governador Pyle, do Arizona, Estados Unidos, procura apurar as denúncias que lhe chegavam, de que, na modesta povoação de Short Creek, havia um agrupamento de mormons em plena e impune poligamia. As autoridades estaduais puseram em vigor um plano a fim de chegar-se a uma conclusão satisfatória, detendo-se a marcha dessa desordem moral numa região em que os costumes sempre foram os mais decentes possíveis. De etapa em etapa, chegou o dia em que numerosa caravana de policiais invadiu os domínios da colônia ilícita e prendeu todo mundo. Verificaram, então, os policiais chefiados pelo governador detective, que tudo o que se dizia a respeito daquela sodomia, era a mais pura verdade. E descobriram coisas de arrepiar cabelos. As deligências tiveram êxito em fins de julho, alvoroçando-se tôda a população do Arizona, interessada pela sorte das trezentas e oitenta e cinco pessoas, inclusive duzentas e sessenta e três crianças. Detidos, presos, os homens foram encaminhados à cadeia de Kingman, a setecentos quilômetros de Short Creek, com sete das mulheres da colônia; mas, as restantes, ficaram cuidando da meninada, protegida então pelo Estado. Dentre as mães que permaneceram no Arizona, ca-



Lois Johnson, prêsa em Short Creek, dá almôço a seus filhos menores, após sua detenção, ficando sob custódia das autoridades do Arizona. É acusada de crime perante as leis e pela religião.



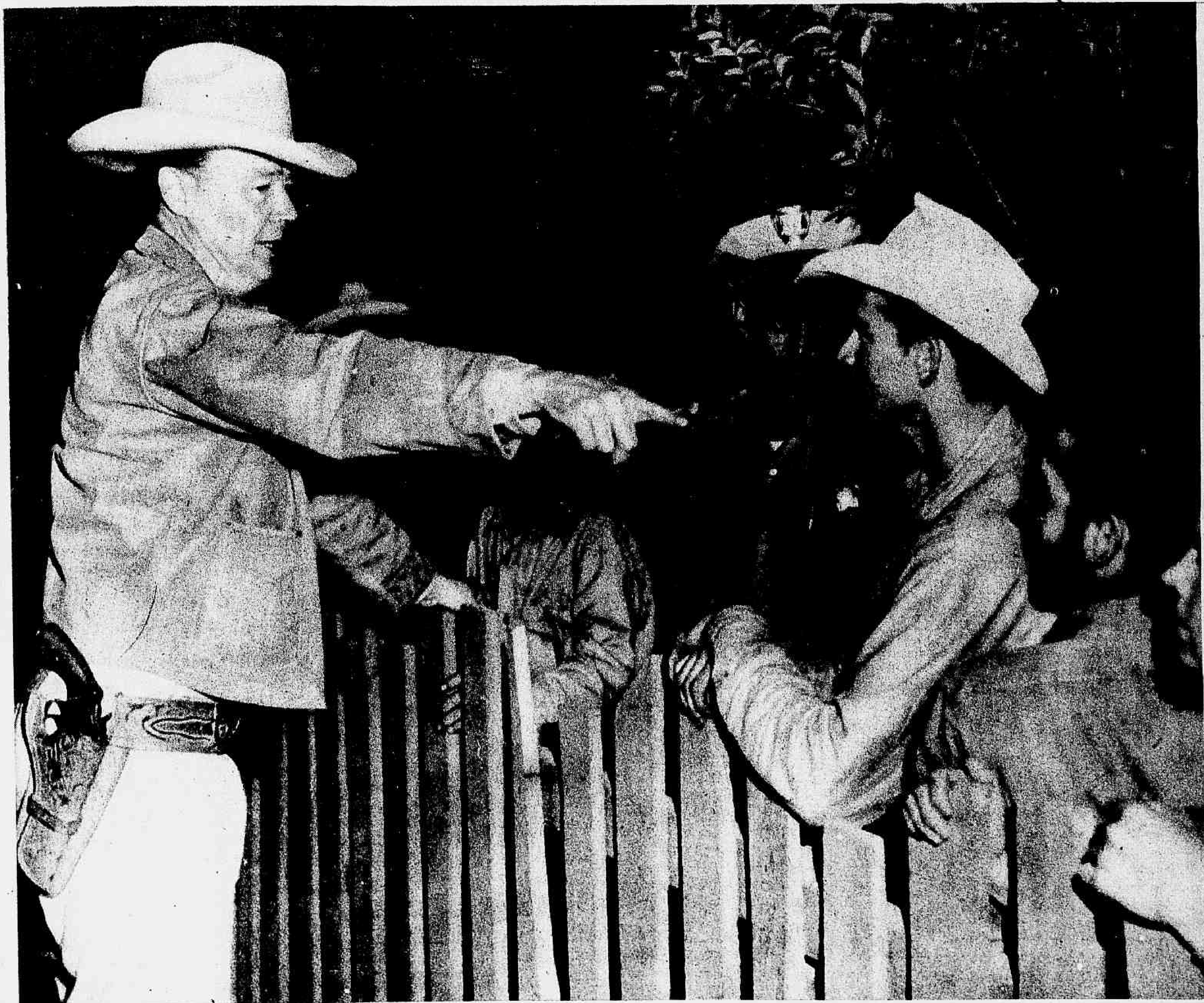
Mulheres de Short Creek, são levadas, com seus filhos, para o interrogatório pelos policiais, quando do início do rumoroso processo.

NO REINO DA POLIGAMIA

torze eram mães aos 15 anos de idade, e foram mantidas ao lado dos filhos, cuja manutenção o govêrno garante. O maior problema não é o de liqüidar com a religião do «Plano do Esfôrço Unido» e sim, o de deslindar o emaranhado das descendências. Como se sabe, entre tais agrupamentos polígamos, pais e filhos, imãos e irmãs, parentes consangüíneos, vivem em promiscuidade e a proliferação se processa dentro daquele começo do Gênesis de Moisés: «Crescei e mutiplicai-vos». E os mormons polígamos de Short Creek iam numa progressão alarmante. O procurador geral do Arizona, sr. Ross F. Jones ficou perplexo diante do intrincado da imensa família. Uma menina de 13 anos, estava agora com 15. Casara-se com um dos dirigentes do culto, e que já possuía duas espôsas. Essa garôta vivia agora com a primeira mulher de seu marido e com os filhos desta. Um velho de 80 anos possuía um filho de três, o qual é tio tetravô de outro garotinho de sua idade. Foram arroladas ainda duas irmãs casadas com o mesmo homem e ambas estão esperando a cegonha. Interrogada uma menina da colônia, declarou ela às autoridades, que, desde os três anos, lhe haviam feito acreditar que o homem deve ter, pelo menos, duas mulheres para poder subir ao céu, assim como ensinavam que, mulher que usa meias de sêda e baton, está sujeita a terríveis enfermidades. Muitos homens eram casados com as filhas de suas próprias espôsas. E' preciso esclarecer que, a seita dos Mormons, que conta nos Estados Unidos com uma população acima de 1.500.000 membros, nada tem que ver com esta ora arrasada de Short Creek. Os velhos mormons aboliram o poligamia há mais de sessenta anos, vivendo dentro das leis norte-americanas. Mas, pelo que parece, esta ponta de rama de Chort Creek manteve as velhas tradições bíblicas do «crescei e multiplicai-vos», como se vivêssemos nos começos do Gênesis. Cem policiais e várias autoridades do Arizona, providenciam a dissolução dessa imoralidade, antes que a semente da sodomia e do deboche reponte noutros lugares, pois os maus exemplos pegam mais do que os bons...



Um policial do Arizona (em frente à objetiva) fazendo declarações à imprensa sôbre o caso.



O delegado do Arizona, que chefiou a caravana para acabar com a escandalosa colônia polígama, ao separar os rapazes do «Plano do Esfôrço Unido», a fim de encaminhá-los a Kingman, para o interrogatório inicial. Havia trinta e seis homens e oitenta e seis... espôsas

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

ELIZABETH DA INGLATERRA

Por ALMERICO RIBERA

Tradução de LIGIA JUNQUEIRA

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Elizabeth da Inglaterra, filha de Henrique VIII e Ana Bolena, é considerada um dos mais misteriosos enigmas femininos. Fazia questão de ser chamada a "Rainha Virgem", ainda que tivesse tido muitos favoritos. Sua maior rival foi Maria Stuart, da Escócia, sua prima, a quem perseguiu de tôdas as formas ditadas pelo ódio e pela inveja.

CAPÍTULO IV

PARA sustentar a acusação contra sua vítima escolhera um outro seu favorito, Cristovão Hatton, uma espécie de vice-Roberto, que ela elevara a chanceler do reino. A rainha brincava com os ciúmes fingidos de ambos. Hatton sabia se aproveitar de tôdas as situações, ainda as mais complicadas, e, mais ainda, sabia ser o testa-de-ferro da rainha quando não lhe interessava aparecer diante do parlamento ou do povo. Era um pára-vento muito cômodo para Elizabeth, que a livrava dos ataques políticos dos deputados. Isso justificava, também, as visitas noturnas do segundo favorito ao leito reál. Os dois favoritos saíam, sempre, de seus encontros sentimentais enojados, mas deviam fingir ciúmes.

— Odeio Leicester.

— O mesmo diz êle de ti. Nunca vi dois homens que estivessem tão de acôrdo em seus sentimentos.

— És cruel Elizabeth.

— Eu? Como podes dizê-lo se sou tão generosa?

— Com teu Roberto, mas não comigo.

— És um mentiroso. Mentiroso como êle, como todos os homens. Queres uma prova? Designei-te para presidir o processo contra a rainha da Escócia. Ela, como deves saber, atentou contra minha vida, chefiando a conjuração de Balbing. Queria tirar-me do trono. Portanto, é um negócio grave e delicado. Leicester não teria nem autoridade, nem cultura, nem fôrça para sustentar uma acusação como a que saberás fazer pesar sôbre a rainha da Escócia.

— Quando deverei partir para o castelo de Fotheringhay? Dentro de uma hora?

— Não, Cristovão, não antes de amanhã.

— É necessário êsse adiamento?

— Sim, para premiar-te por tua dedicação. Esta noite deixarei a porta entreaberta.

Elizabeth mandou que revestissem a prisão de Maria Stuart com cortinas negras. Mandou que lhe fôssem tiradas tôdas as insígnias da realeza. Mandou que lhe fôsse confiscada até a última moeda. Mandou que lhe fôsse negada tôda assistência médica. Exigiu que não se escondesse à prisioneira a aversão que lhe tinha o próprio filho, educado no ódio contra sua mãe, e no culto anglicano. Obrigou ao decano de Peterborough a lançar um último anátema à cabeceira da moribunda. Não deixou que o corpo da rainha decapitada fôsse transladado para a França, a fim de ser enterrado junto ao túmulo da mãe, segundo desejara a condenada.

Êsse rosário de exigências comprovam uma crueldade que a história não condenou, ainda, com bastante severidade. A enumeração seria, mais longa, se não provocasse asco a lista das maldades da rainha da Inglaterra, que foi considerada como uma criatura anormal, incapaz de controlar suas paixões íntimas. Essa anomalia se manifestava, mais especialmente, na luta, estenuante, contra os anos, que, fatalmente, desfilavam às suas costas. Envelhecer era, para ela, pior que morrer. Em guarda contínua contra as moléstias e as marcas do tempo, procurava vencê-las com os artifícios que lhe ditava sua amedrontada feminilidade. Cosméticos, perfumes, roupas, penteados, tudo visava esconder a idade.

— Sou ainda bela? — perguntava a seus íntimos.

— Se o espelho não o confirmasse, diante de vossa majestade, proclamariam-no os admiradores que não ousam confessar a ardente admiração pela formosa rainha e esperam, em silêncio, como se fôsse uma dádiva celeste, apenas um sorriso, apenas um olhar de benevolência.

Maria Stuart, que perturbara, profundamente, o espírito de Elizabeth com os seus dotes corporais e espirituais, jazia, agora, num esquife de chumbo e não podia mais competir com ela. Sua alma, ainda triste, porém, voltava, de tanto em tanto, da peregrinação dolorosa pelo desconhecido, e aparecia, diante da rainha, como um remorso, como uma ameaça. A decapitação de Maria Stuart fizera estremecer, de horror e de piedade, tôdas as côrtes européias. Suscitara, mesmo, no próprio seio do protestantismo, reações imprevistas. A opinião de um mundo que ela ostentava desprezar pesava-lhe, enormemente, e destacava-se da lembrança da morta como uma reprovação solene. Procurava, a rainha, distrações nos afazeres do Estado, que tomara inteiramente em suas mãos, tolhendo qualquer iniciativa do parlamento, fechando-o, mesmo, temporàriamente, quando se lhe opunha.

Os grandes empreendimentos que se propôs realizar deram, à sua política, uma grandeza cujos resultados não podem ser ignorados. Bastaria citar a aliança com a França, contra a Espanha, a primeira carta patente da Companhia das Índias e a fundação, da primeira colônia inglêsa, na América do Norte. Todos êsses foram fatôres da primazia inglêsa na política européia do século XVI. A parte de seus méritos pessoais nesse progresso de seu país, e a parte que cabe aos seus ministros não seria fácil discriminar, devido ao temperamento especial dessa rainha, que, alguns de seus historiadores, definem como «masculino», e o absolutismo de seus métodos de govêrno.

Caminhou, quase tôda vida, no sangue e derramou-o tanto que chegaria para avermelhar durante um mês as águas do Tâmisa. Apenas uma vez perdoou a uma mulher que queria matá-la, poupando-lhe a vida. O perdão foi, porém, uma ostentação e um artifício, visando, com pretensos atos de benevolência, a iniqüidade da condenação e morte de sua grande rival.

A mulher que tentara contra sua vida era uma escocesa, que se chamava Margarida Lambrum. Muito afeiçoada a Maria Stuart vira morrer, de dor, o próprio marido, depois do cruel fim da rainha. Jurara vingar a morte de ambos. Por isso, dirigiu-se a Londres, e, munida de duas pistolas, procurou a ocasião de assassinar Elizabeth, para, depois se matar, a fim de evitar um possível suplício. Juntara-se à multidão que esperava a passagem da rainha, do palácio para o Parlamento.

Deixando cair uma das duas pistolas, devido à precipitação, ao querer disparar, foi apanhada e prêsa. Deu-se, ao acontecido, como de praxe nessas ocasiões, a máxima publicidade. Elizabeth disso se aproveitou, com a astúcia que em sua alma sòmente rivalizava com a crueldade. Quis interrogar, pessoalmente, e, em público, a acusada.

— Que levou-a a êsse ato insano?

— Não foi uma loucura. Acreditei cumprir meu dever e obedecer àquilo que de mim exigia o amor que tinha por minha rainha e por meu marido.

— Está bem. Agora, qual pensa que seja o meu dever a seu respeito?

— Responderei a vossa majestade com tôda franqueza, porém, gostaria, antes, de saber se respondo a uma rainha ou a um juiz.

— A uma rainha.

— Então, devo ser perdoada.

— Se a perdôo, que segurança terei que não abusará de minha clemência para atentar, outra vez, contra minha vida?

— Senhora, um perdão concedido com tanta restrição não é mais perdão. Vossa majestade pode, pois, tratar-me como juiz.

Elizabeth, voltando para alguns cortesãos do séquito, exclamou:

— Há trinta anos que sou rainha e nunca havia encontrado uma pessoa que me desse semelhante lição.

— Finalmente, disse à mulher:

— Perdôo-te, sem nenhuma restrição.

Aplausos e elogios a uma rainha dotada de tão profundo sentimento de generosidade ecoaram por todo o reino e foram ampliados, para fazer esquecer, segundo se iludia Elizabeth, sua conduta cruel para com Maria Stuart. Poucas pessoas souberam que Margarida Lambrum, por medida de precaução, foi, alguns dias depois, prêsa e despachada para os confins da França, com ordem precisa de nunca mais por os pés na Inglaterra, sob perigo de vida.

★

Quando morreu Roberto Dudley, conde de Leicester, Elizabeth tinha cinqüenta e seis anos. Êste seu ministro fechou os olhos, sem muitas lágrimas, por parte daqueles que o haviam conhecido. Dizem que até a própria Elizabeth, depois de ter-lhe prestado grandiosas e faustosas homenagens públicas, para compensar o descrédito em que caíra, comprazeu-se, secretamente, por ter perdido um homem que começava a cansá-la.

Já apontara, nos horizontes sanguinolentos, o astro que seria o segundo Roberto, Roberto Devereux, conde de Essex. Nascera êle, no castelo de Nethowood, e, ainda jovem, partira para Londres, tendo sido recomendado, a Lord Cecil, pelo pai moribundo. Tinha, apenas, dezessete anos quando apareceu, pela primeira vez, na côrte. A graça de sua pessoa, sua amabilidade aparente, sua brilhante personalidade, produziram uma impressão favorabilíssima, e, junto com a memória de seu pai, contribuíram para que tivesse, logo, muitos amigos. Tendo lutado, na Holanda, junto com o próprio Leicester, havia chegado, aos dezenove anos, ao grau de general de cavalaria, destacando-se na batalha de Zutphen.

Quando voltou à Inglaterra, a rainha parecia apressada em recompensá-lo. Ofereceu-lhe o cargo de grande escudeiro, precedentemente pertencente a Roberto Dudley. Não bastando essa distinção, para declarar o jovem cavaleiro seu favorito, decorou-o com o grau máximo da ordem da Jarreteira, honraria, verdadeiramente, rara e eminente.

— Que estás querendo, e por que estás te metendo? — respondera, ela, um dia, imperiosamente, a Carlos Blount, que reprovava-a por sua preferência pelo belo jovem.

— Não podeis, não deveis esquecer a minha dedicação e a minha paixão por vós.



— Que história é essa? Acreditas que tudo seja eterno nessa vida? O sol se põe cada dia, podem, também, morrer as predileções das mulheres depois de um ano. Não te parece? Já ganhaste até demais.

— Não tanto quanto vos dei.

— Está bem. Dar-te-ei o título de Lord Montjoy, e acabou.

Desde êsse momento a camareira particular de sua majestade teve ordem de não deixar a porta entreaberta para aquêle que, algumas vêzes, acolhera em seu quarto. O lord não aceitou a nova situação com muita indiferença e, ou por ciúmes ou por falta de tato, molestou um pouco o jovem preferido. Êste não suportou a arrogância de Blount e desafiou-o para um duelo. O incidente, comentado na côrte de muitas maneiras, e malignamente, deu o que pensar a Elizabeth. Esta, para lançar poeira nos olhos dos maledicentes, se interpôs entre os rivais e conseguiu pacificá-los.

Para sua fama e para o bem de sua reputação teria sido melhor que a rainha tivesse afastado, da côrte, com pretextos oportunos, e, talvez, com missões honrosas, um e outro dos contendores. Porém, se Elizabeth assim agiu a respeito do favorito repudiado, não teve fôrças de fazê-lo com o novo, ao qual se agarrava com o desespêro de sua idade. Tinha, então, cinqüenta e oito anos e Essex vinte e dois. Entre ela e êle se interpunham trinta e seis anos, que a rainha queria esconder de qualquer forma, numa última ilusão de sua mórbida velhice.

Quantas humilhações acompanharam essa paixão senil! O sentimento da maternidade, à qual havia declarado renunciar por amor de seu povo, foi desfraldado a todo pano para dar uma aparência sã à sua nova e perversa relação.

— Nunca tive filhos, agora sinto a alegria de ter um. É-me mais caro do que se o tivesse concebido. Que nobre consolação sentir-me mãe!

Foram muitas as frases dêsse gênero que lhe tremeram, nos lábios, e as que ecoavam do velho coração, com lancinante ironia. Quando, porém, descia a tarde, e a noite trazia consigo a crueldade dos ímpios desejos, a ansiedade pelas sensações proibidas voltava como uma obsessão e sua carne, flácida, se desalterava em encontros viciosos.

Era dor ou satisfação? Quando se fala de Elizabeth, tudo é misterioso e enigmático.

★

— Para onde foi o conde de Essex, que não vejo há três dias?

— Majestade, êle ordenou a seus familiares que mantivessem sua partida em segrêdo; no entanto . . .

— Partiu? Para onde partiu?

— Para Portugal majestade. Não suportando uma ociosidade inútil e, talvez, interpretando os desígnios de vossa majestade, foi ajudar o rei Don Antônio a retomar o trono que lhe fôra usurpado.

— Que tem a ver com isso o conde de Essex? O comando dêsse empreendimento foi, por mim, confiado a sir John Norris e a sir Francis Drake!

— É verdade, majestade. Difícil é, porém, dominar uma alma ardente como a do conde de Essex. Na sua idade não se conforma, fàcilmente, em renunciar às honras de um empreendimento tão grande.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

217 LIVROS DE BÔLSO, FABULOSOS E BARATÍSSIMOS!





VENDAS:

RIO: Av Rio Branco, **25** - Rua do Ouvidor, **150**

SÃO PAULO: Rua Cons. Crispiniano, **403**

SALVADOR: Praça da Sé, **20 e 22**.

RECIFE: Rua da Palma, Loja **6** (Edifício dos Comerciários)

BELO HORIZONTE: Rua da Bahia, **884**

INTERIOR:

Peça pelo **REEMBÔLSO POSTAL** *enviando seu pedido, pelo talão ao lado, para o Rio de Janeiro.*

Editora

GERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 8-B — Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo **REEMBÔLSO POSTAL** os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME..

RUA..

LOCALIDADE..................................

ESTADO..



1

1 Revillon Confeccionou uma estola em pele de leopardo. Constitui um acompanhamento original elegante para o costume simples.

2 Ceil Chapman Vestido em cetim creme, em duas peças. Retirando-se a jaqueta tem-se um sugestivo modêlo de alças. Enfeites de marta, bem clarinha.

3 Hannah Troy conseguiu dar um aspeto requintado ao costume cinza em lã fina, acrescentando-lhe gola e «machon» de arminho.

4 Maurice Rentner Vestido verde claro, com recortes nos ombros e no peitilho, arrematados com semi-círculo de astrakan. As mangas são três quartos.

5 Hannah Troy Para dar um toque luxuoso a êste elegante conjunto de cintura alta, estilo império, uma fina estola em rapôsa azul da Noruega, de Frederica.

PELES PARA "MEIA ESTAÇÃO"

COM o nome de «peles para a meia estação» foram lançados nos Estados Unidos alguns modelos ornamentados com marta, arminho, astrakan, ou acompanhados de estolas no mesmo material. A idéia é interessante e, com certeza, essa nova modalidade de emprêgo das peles, há de agradar às mulheres que vivem em países onde o frio não é tão intenso a ponto de permitir os casacos de peles, quentes demais.

As peles acentuam a feminilidade de qualquer traje, mesmo do simples costume clássico de corte masculino. Além disso, quando colocadas junto ao rosto, realçam a maciez da pele, tornando a aparência mais jovem e mais delicada. A escolha das peles que melhor acentuam sua personalidade, deve ser realizada com cuidado: se o seu tipo é naturalmente elegante e vistoso, prefira a rapoza azul da Noruega, que está tão em moda, para uma estola de luxo; para as muito jovens, aconselha-se o arminho, em toques discretos; o tipo um pouco felino combina bem com uma estola ou com complementos em pele de leopardo; já as senhoras de mais idade, distintas, ficam melhor com peles em tonalidades escuras, e as martas vão bem em qualquer tipo. O inverno está bem no fim, mas ainda há tempo para você escolher um traje enfeitado de pele, segundo ditado pela última moda de Nova York. — Flama.









4



5

VIOLETA E MANON REALMENTE EXISTIRAM?

VIOLETA, a heroína trágica da Traviata, e Manon, a suave Manon das óperas italiana e francesa, existiram, na realidade, ou foram personagens criadas pela literatura? Esta é uma pergunta que fazem, as freqüentadoras das temporadas líricas, todos os anos, quando vão ao Municipal ouvir essas óperas, das mais sentimentais que já foram produzidas. A Dama das Camélias, de Alexandre Dumas, inspirou o libreto da Traviata. E, a Dama das Camélias existiu, realmente.

Seu nome foi Alphonsina Plessis. Era uma jovenzinha da Normândia, na França, que fôra a Paris esperando ganhar melhor a vida lá do que na província. Não apareceu, na capital francesa, por ter fama, nem riqueza; apenas, procurando um trabalho que a sustentasse, trabalho que não encontrara em sua aldeia natal. Como muitas jovens do interior francês, começou, em Paris, como costureira, num «atelier». Não era, porém, nem tola, nem tímida e, aos poucos, foi-se familiarizando com a vida parisiense, por intermédio de suas colegas de trabalho. Seu rôsto vivaz, seu olhar brejeiro e seu narizinho provocante, chamaram a atenção de um rico «benfeitor», que aconselhou-a a abandonar a vida de costureira, e a usar as tualetes bonitas, enfeitadas de cetins e plumas que ela, até então, ajudara a confeccionar. Alphonsina mudou de nome, adotando o de Maria Du Plessis, mais eufônico e que convinha mais ao gôsto aristocrático da roda que passou a freqüentar.

A camponezinha normanda passou a viver num mundo de sonho. Aos poucos foi cedendo aos galanteios de tôda parte e, ao mesmo tempo, acumulando uma coleção magnífica de vestidos, carruagens e jóias. Sua saúde, porém, ficou abalada pela vida que passou a levar, no meio de festas, prazeres e corrupções. Um dia, viu-se às voltas com uma doença dos pulmões, que, naquela época, era fatal. Desde então soube que estaria condenada a morrer jovem. Um dia, Maria encontrou, numa dessas noitadas famosas de Paris, aquêle que devia imortalizá-la num romance, «A Dama das Camélias». Dumas apaixonou-se pela cortezã, mas ela não soube sacrificar seu apêgo ao luxo e aos prazeres pelo amor do famoso escritor. As dívidas e a doença apressaram o fim da infeliz camponesa, que Dumas ressuscitou em páginas imortais.

★

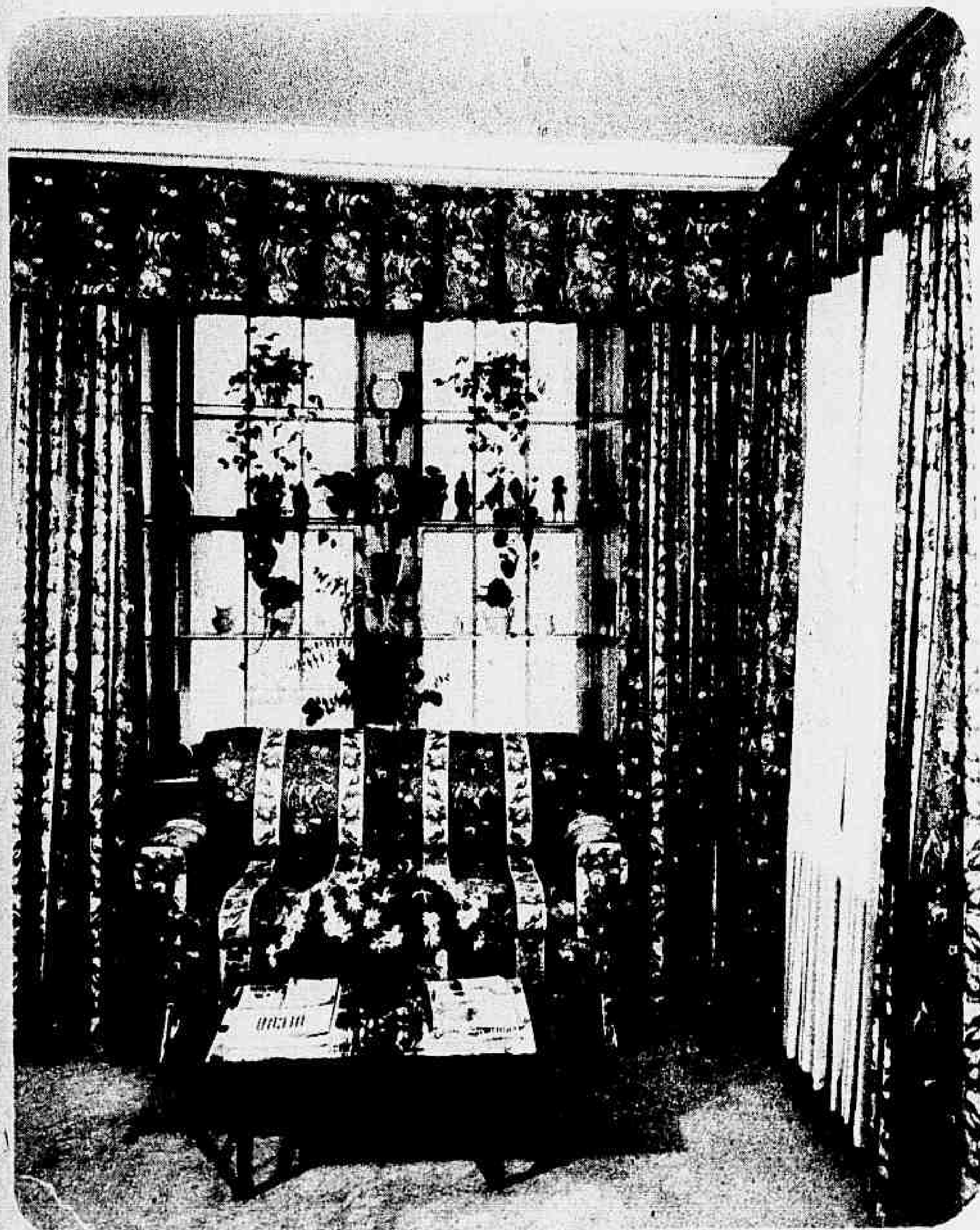
E Manon? Manon teve, na realidade, um fim trágico, depois de uma vida inteiramente dedicada ao amor. Conheceu-a o abade Prevost quando, em La Haye, dedicava-se ela à mais humilhante das profissões, e tentou regenerá-la. Seu nome era mlle. Lenki, sua história foi a que o abade contou, sob o nome de Manon.

A jovem Lenki havia encontrado a proteção de um velho amigo da família, quando se viu, sòzinha, no mundo. Êste, encantado com a graciosidade da adolescente, procurava satisfazer todos os seus desejos. Um dia, porém, mudou-lhe a sorte, e Manon ficou quase na miséria. Foi, então, que conheceu-a Prevost. O jovem ficou fascinado. Não tinha, porém, com que satisfazer aos caprichos de sua amada. Ganhava pouco, em traduções e trabalhos literários. Começou a dar um outro rumo à sua vida, para poder pagar os favores de Manon. Pediu emprestado, ao editor de seus trabalhos, 5.000 florins que, imediatamente, gastou nos braços de sua amiga, numa série de dias felizes. Prevost, aparece, na história de Manon, sob a personagem de Des Grieux. Um dia o dinheiro acabou... e hoje resta, apenas, de todo êsse drama, uma magnífica história de amor. O final da história foi um pouco romanceado. Aliás, nas duas óperas, não aparece contado da mesma maneira.



Não foram, porém, sòmente, estas duas heroínas de romances que tiveram uma existência real. Lamartine, em mme. Bovary, descreve uma personagem que, também, viveu e, talvez, tenha sido a mais verdadeiramente descrita. Seu nome era Delfina e como a Ema do famoso livro, ela, também, se suicidou. Muitas de vocês, com certeza, se não leram o livro, hão de se lembrar do filme que foi passado há poucos anos atrás. Haverá existência mais trágica e mais romântica do que a dessa mulher que procurou, no amor, a cura para o seu tédio?

★ ★



Sugestões para o lar

ÀS vêzes um recanto qualquer de seu lar vale por todo um aposento. Veja, por exemplo, êste ângulo de uma sala, geralmente coisiderado de difícil ornamentação, porquanto tem duas janelas em L. No entanto, a solução apresentada pelo decorador do Greef, é encantadora e muito prática. Vejamos as janelas: um reposteiro, até o chão, foi colocado em ângulo. Para o mesmo foi escolhido um tecido com estamparia vistosa, em côres alegres. Uma cortina creme, em voil fino, foi colocada do lado em que o sol bate com mais fôrça.

● Na outra janela, aproveitou-se um vidro como fundo para um conjunto de prateleirinhas (também em vidro), onde foram colocados jarros com folhagens e bibelôs, que vistos contra a luz tornam-se ainda mais interessantes. O sofá, pequenino, com dois lugares, foi recoberto com o mesmo estampado das cortinas. Completa o recanto uma mesinha baixa, com um jarro de flores, que se pode usar para as revistas ou para, eventualmente, servir um refresco ou um cafèzinho. Êsse recanto será o preferido para um «tête-a-tête», pelo clima de «intimidade» que desprende. — Nike.



Repare como os lábios da bela atriz Marilyn Monroe foram pintados: a linha superior foi bastante alterada, tornando-os mais grossos e sedutores.

LÁBIOS SEDUTORES

JÁ estudou o feitio de seus lábios? Isso é muito importante, pois existe tôda uma teoria que relacione o feitio dos lábios com o temperamento feminino. Por isso mesmo, as mulheres com lábios exageradamente finos, são julgadas frias e calculistas. Se êsse é o seu caso, procure corrigi-los, aumentando ligeiramente a linha superior dos lábios, desenhando-a com um pincel. Se você observar as artistas de cinema, há de ver que têm sempre lábios cheios, macios e bem delineados, demonstrando juventude... Portanto, siga o exemplo. Além da pintura corretiva, você poderá, também, fazer uma série de exercícios que muito ajudam. Eis dois, ótimos:

- Vire o lábio superior ao contrário, procurando alcançar a base do nariz. Depois vize o lábio inferior bem baixo, em direção ao queixo. Talvez não consiga da primeira vez. Auxilie com o dedo, durante algum tempo. Pode ser que os músculos estejam «enferrujados». Outra coisa, procure observar o movimento de seus lábios quando fala. Fale um pouco diante de um espelho. Ficará horrorizada com uma porção de movimentos pouco estéticos da bôca.

- Corrija os defeitos de dicção. Não desanime, que o resultado compensará largamente o esfôrço despendido! Um bom exercício para tornar os lábios menos rígidos é assobiar e soprar. Assobie e sopre com fôrça. Também poderá pronunciar lentamente as vogais I-A-U, o que movimenta todos os músculos dos lábios.

- Uma letra que pronunciada incorretamente forma rugas é o O. E' dita diàriamente muitas vêzes. Pode estar certa de que é a causa de muitas ruguinhas em tôrno dos lábios. Com paciência e constância, você poderá corrigir seus defeitos de dicção e por meio dos exercícios apontados, até mesmo corrigir o feitio de seus lábios. — JÚLIA DE MILO.

TECIDOS QUE ENGORDAM

Se você é naturalmente mais para gorda do que para magra, evite usar certos tecidos que lhe acrescentam alguns quilos à silhueta.

★ *Os tecidos lustrosos engordam muito. Se pesa mais do que devia não use cetins, nem brocados, nem tecidos metálicos em suas tualetes.*

★ *Os tecidos pesados também aumentam as proporções de seu corpo. Um costume de "tweed" pode lhe fazer aparentar mais uns quatro ou cinco quilos do que você tem.*

★ *Os tecidos colantes e transparentes revelam muito as formas, mostrando o excesso de gordura que você desejaria ocultar. Jérseis, rendas, chifons, devem ser usados apenas por aquelas que possuem um corpo de proporções perfeitas.*

★ *Também a côr influi. Com côres claras você parecerá muito mais gorda do que vestida com tonalidades escuras. Com estampados graúdos parecerá maior do que usando estamparia miudinha.*

OS PÉS

VOCÊ MESMA já deve ter percebido como fica irritada quando está com os pés doendo ou com os sapatos apertados! Se olhasse no espelho veria, também, que fica até mesmo com a fisionomia mais envelhecida, nessas ocasiões. Se seus sapatos estão machucando, e continuarem assim, mesmo depois de usados durante uma semana, o jeito é vendê-los ou dá-los para outra pessoa. Aprenda a lição, e, da próxima vez que comprar sapatos, experimente-os com maior cuidado. Já que estamos falando dos sapatos é interessante lembrar que andar em casa descalça, de vez em quando, é um bom exercício para os pés. Também uma ginástica boa para fortificar os músculos dos pés é rolá-los durante 15 minutos por dia, em cima de uma garrafa colocada no chão.

LIMPEZA DA PELE

A PRIMEIRA e mais importante operação, antes da aplicação do maquilage, é a limpeza da pele. Esta só poderá realçar o colorido que lhe der, por meio de rouge, pó e bases, se antes fôr perfeitamente lavada. Lave o rosto cuidadosamente em água morna (se tem a pele normal.) No fim, termine enxugando com água fria. Se tem poros um pouco abertos será ótimo, também, passar sôbre a pele uma pedra de gêlo, por alguns minutos. Conseguirá, assim, uma frescura e suavidade inigualáveis. Êsse tratamento fará com que sua pele apareça estimulada e rejuvenescida.



Algumas pedrinhas de gêlo passadas sôbre a pele, tornam-na mais lisa, mais fresca e mais jovem. Êsse é o tratamento preferido por Eve Miller, «estrela» cinematográfica da Warner.

Week-end na Cozinha

Há muito mais variedade de pratos de feijão do que imagina a dona de casa que está acostumada a servi-lo em caldo e com arroz, todos os dias. Saia um pouco da rotina e prepare um purê de feijão, por exemplo, ou então, o delicioso "feijão de forno" da receita de hoje. - TIA DULCE.



FEIJÃO DE FORNO

● INGREDIENNTES

1 colher das de sopa, de manteiga ou óleo
1/2 xícara de cebola picada
1/4 de xícara de salsa picada
1 pimentão verde, picado
1 pitada de sal
1 pitada de mostarda em pó
1 latinha de suco de tomate
1/2 xícara de queijo picado (queijo forte)
3 xícaras de feijão cozido
1/4 de xícara de catsup
6 ovos duros, cozidos
3 colheres das de sopa de miolo de pão, picado e com manteiga
1 pitada de pimenta
2 colheres das de sopa de queijo ralado.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Esquente a manteiga ou o azeite, numa frigideira. Refogue aí a cebola, e o pimentão, até ficarem tostados. Junte os temperos e misture bem.**

2. **Acrescente o suco de tomates, a 1/2 xícara de queijo picado, os feijões (escorridos) e o catsup. Pique 5 dos 6 ovos, esmague-os com um garfo, e acrescente à mistura. Ponha numa panela de barro, ou em panelinhas inviduais, que possam ir ao forno.**

3. **Enfeite, por cima, com o miolo de pão amanteigado, salsa e queijo ralado. Ponha, no fim, um pouquinho de pimenta. Corte o ôvo que restou em rodelas, e enfeite as panelinhas. Asse em forno quente, até ficar tostado.**

PUDIM DE CÔCO COM CHOCOLATE

● INGREDIENTES

1 xícara de açúcar
1 xícara dágua
50 gramas de côco ralado
Pastilhas de chocolate doce, bem pequeninas
1 litro de leite
3 gemas de ôvo, batidas
1 colher das de sopa de canela em pó
1 colher das de sopa de essência de baunilha.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Ferva a canela, o açúcar e a água, juntos, perto de 10 minutos. Passe num pano fino para que o pó de canela, que não se dissolveu, saia.**

2. **Separe uma xícara dêsse leite com canela e o restante ponha para cozinhar, junto com o côco ralado. Cubra e deixe em forno brando, mexendo de vez em quando. Quando estiver engrossando junte as 5 gemas batidas, com a xícara de leite, e deixe cozinhar por mais 15 minutos, sempre em fogo brando, e agora mexendo sempre.**

3. **Retire o pudim do fogo. Arrume em tijelinhas individuais e deixe esfriar. Na hora de ir para a mesa espalhe por cima das tijelas as pastilhas de chocolate.**

CONSELHOS ÚTEIS

★ ***Uma receita deliciosa de torradas para o lanche? Corte o pão de fôrma em tiras de uns 2 centímetros. Mergulhe-as em manteiga derretida e depois passe em canela em pó com açúcar. Torre no forno, apenas 5 minutos.***

★ ***Quer servir a seus convidados "salgadinhos" diferentes e gostosos? Compre uma lata de carne em conserva, corte em quadradinhos e frite-os. Sirva em espetos plásticos, alternadamente, com pedacinhos de maçã.***

★ ***Sobrou carne do almôço? Pique-a, misture com queijo parmezão ralado e umedeça tudo com môlho de tomate. Depois recheie, com essa massa, pimentoes, vermelhos ou verdes. Leve ao forno por auguns minutos. É uma maravilha!***

★ ***Quando tiver que mandar docinhos para outra cidade, e não quiser que cheguem amassados, empacote-os assim: 1 camada de docinhos, outra de pipocas, até encher a lata. Chegarão intactos!***

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

Josué de Castro



POUCOS livros, em nossa história literária, tiveram tamanha repercussão quanto «Geografia da Fome». É aliás fato comum em nossas letras, obras para uso interno, muito particulares, cujas traduções para o estrangeiro em geral obedecem ao critério da cordialidade. Se, na ficção, que tem sido mais largamente lançada no mundo, prevalece êsse sistema, no que diz com a obra de nossos estudiosos, ensaístas, sociólogos, economistas e historiadores o panorama é ainda mais desolador. Podemos, sem exagêro, contar pelos dedos nossos livros de repercussão, tanto nacional como internacional. Entre êsses, contudo, a maioria interessa muito relativamente. Coube assim ao eminente professor Josué de Castro a glória de ter produzido, com «Geografia da Fome», um dos grandes livros do Brasil e que, por isso mesmo, foi interessar ao mundo.

● O sr. Josué de Castro produziu com essa obra um livro moderno, de importância, por isso que êle não se ateve exclusivamente aos encantos da criação artístico-literária. Interessado vivamente pelos problemas contemporâneos, seu livro aborda a questão, digamos, culminante, do mundo atual — a fome. Atual e bem informado, tendo no autor um penetrante analista, investigando o assunto sob todos os ângulos, o livro fala a tôda sorte de leitores, sendo dessas raras obras que podem estar, indiferentemente, na mão dos letrados e dos leitores comuns. Tiragens e traduções, as críticas mais ecomiásticas, aqui e lá fora, as seleções dos clubes de livros e o geral interêsse pelo livro — interêsse até mesmo de discuti-lo ou negá-lo — vão consagrando nessa obra uma das mais importantes da atualidade livresca. De certa maneira e como uma constatação que faz simples justiça ao livro, podemos dizer que «Geografia da Fome» é obra que todos leram, estão lendo ou vão ler.

FORA DO PRELO

● OS QUATRO BAMBAS (Nº 1, CHICO) — Reunindo centenas de tiras de papel colorido, com modelos interessantes, OS QUATRO BAMBAS, de que recebemos o Nº 1, CHICO, em formato original (um canudo correspondente a um homem de cartola), constitui admirável material didático, recreativo e instrutivo das Edições Melhoramentos. A meninada pode fazer objetos, figuras, coisas, com êste curioso certame «Os quatro Bambas».

● CARTILHA DA PROBIDADE — Transmitindo conselhos, sugestões, conceitos, o saudoso prof. Fernando Magalhães escreveu «Cartilha da Probidade», obra que se achava esgotada. Agora, as Edições Melhoramentos proporcionam, à juventude, em nova tiragem, a leitura de «Cartilha da Probidade», através do elegante volume. Testamento moral de um homem ilustre que se tornou um exemplo, «Cartilha da Probidade» é leitura muito aconselhável aos jovens que estão formando seu espírito.

● A FELICIDADE NO CASAMENTO — A Livraria José Olympio Editôra acaba de publicar «A Felicidade no Casamento» (Noivado, Matrimônio e Prole), obra de grande interêsse geral, organizada por Morris Fishbein e Ernest W. Burguess, respectivamente, diretor do «Jornal da Associação Americana de Medicina» e professor de Sociologia da Universidade de Chicago, coadjuvados por uma equipe de 39 especialistas americanos sôbre assuntos da vida conjugal. O livro, traduzido pelo dr. Pedro da Silva Dantas, inclui diversas ilustrações explicativas do texto e é um verdadeiro guia para os problemas concernentes ao casamento, desde o irromper da atração sexual até o matrimônio e a feliz constituição da família. Objetiva e rigorosamente científica, «A Felicidade no Casamento» é obra de grande alcance e utilidade para todos os pais, mestres e adultos em geral em condições de contrair matrimônio, ou que já o tenham feito, pela orientação segura e científica que oferece em relação aos numerosos problemas da vida conjugal, como se poderá verificar através dêste breve resumo de seus principais capítulos: «A escolha de um companheiro» — «Exame físico pré-nupcial» — «Anatomia e fisiologia dos órgãos genitais» — «Técnica das relações conjugais» — «Administração do lar e suas finanças» — «Abôrto espontâneo e provocado» — «Como evitar a concepção» — «Psicologia infantil» — «A educação sexual e a criança» — «O sexo e a ordem social» — «Moléstias venéreas» — «Divórcio» — «Educação e vida em família», além de numerosos outros, todos assinados por um especialista no assunto.

CONCURSO FEMININO DE POESIA

Finalmente saiu publicada a notícia que nos informa dos resultados do Concurso Feminino de Poesia, idealizado pela escritora Maria Antônia e patrocinado pelo jornal paulista «A Gazeta». Foram vencedoras as seguintes poetisas: 1º prêmio, Lacyr Schettino («O espelho da morta»); 2º prêmio, Maria José de Carvalho («Maré cansada»); 3º prêmio, Renata Pallotini («O cais da serenidade»). A comissão julgadora foi composta dos seguintes escritores: Jorge de Lima, Menotti Del Picchia e Osmar Pimentel.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

CARMEM DOLORES BARBOSA, há mais de um mês, que vem promovendo interessantes reuniões literárias, em seu apartamento, situado no velho e tradicional bairro de Vila Buarque. Durante as referidas reuniões, alguns dos poetas mais representativos de São Paulo têm recitado poemas seus e de autores portuguêses, tudo isso sempre acompanhado de curiosas discussões sôbre Poesia e sôbre a criação artístico-literária. Dentre os «habitués», anotamos a presença dos seguintes intelectuais: poetas José Tavares de Miranda, Antônio Rangel Bandeira, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, José Escobar Faria, Edgard Braga, Cyro Pimentel, Maria Antônia, Rossini Camargo Guarnieri, Reynaldo Bairão; escritores José Geraldo Vieira, Mário Donato, Edgard Cavalheiro, Ruy Bloem, Miguel Franchini Neto, Cassiano Nunes, Maria de Lourdes Teixeira, Rolmes Barbosa, Osmar Pimentel; desenhista Darcy Penteado; escultora Elizabeth Nobiling. Essas reuniões são realizadas tôdas as quintas-feiras. Parabéns à sua inteligente organizadora.

★

ENCHEU DE ALEGRIA, todo o planalto, a notícia de que o «Letras e Artes» voltará a circular semanalmente, no jornal «A Noite». Em virtude do fechamento de «A Manhã», matutino carioca, «Letras e Artes», um dos melhores suplementos literários do país, havia desaparecido de circulação, deixando, assim, uma lacuna na vida intelectual brasileira. Entretanto, agora, felizmente, êle vai voltar. Continuará sendo dirigido por Almeida Fischer. E será um órgão a mais para os nossos escritores, hoje tão sem prestígio, uma vez que ninguém quer saber da manutenção de um suplemento dedicado às coisas do espírito.

★

NUMA EDIÇÃO da Livaria Martins Editôra, acaba de sair o último livro de José Escobar Faria, «Poemas e Elegias», uma excelente coletânea de versos de caráter muito pessoal. Êsse mesmo poeta já publicou, em 1948, o ensaio «Poesia Moderna e Público», no mesmo ano «Os dias iguais» (poemas), em 1950 «Poemas de camera» (poesia) e em 1952 «Elegia do Exílio» (também poesia).

UM LIVRO:

Os elementos do mito

LAGO Burnett, o poeta maranhense que estreou em 49, com um livro que prometia mais do que dava, firmou-se em seguida, com «O Ballet das Palavras», mostrando que é uma das mais vigorosas vozes da novíssima geração, essa que está fazendo ou acabou de fazer vinte anos. Eis o que nos mostra, principalmente, êste seu novo livro de poesia, «Os Elementos do Mito», que vem de ser lançado pelas Edições Afluente, tiragem em prelo manual que, também por iniciativa do poeta, se estabeleceu em São Luís, a fim de vencer as dificuldades editoriais dos novos do Norte e cujo aparecimento, em perfeito trabalho gráfico, mostra a capacidade dos rapazes do Maranhão.

Voltemos, entretanto, ao poeta e ao seu livro. Trata-se de uma das obras mais originais e substanciosas que têm aparecido, firmadas por jovens poetas. Além disso, das mais originais, exibindo riqueza de inspiração e uma técnica que se encontrou, melhor, que encontrou o seu caminho seguro, fugindo aos artifícios e às influências que podem não fazer mal aos verdadeiros poetas, mas que, também, não lhes faz nenhum bem e só são desculpáveis em obras de estréia. Uma abundância de material lírico, que se denuncia nestes poucos poemas, fortaleceu a auto-crítica de Lago Burnett, apurou sua escolha e, assim, êle nos apresenta, em tôdas as páginas de «Os Elementos do Mito», obras válidas, onde o valor apurado da forma em nada prejudica, antes favorece, a unidade estética ou emocional de seus poemas. Muito interessante observar que, em nossa jovem poesia, é êste maranhense que está realmente renovando alguma coisa, tanto pelo seu temário, rico e novo, como pela originalidade e o impressivo da forma. Nenhuma afetação, um vocabulário seleto, a penetração dos mistérios líricos e da dramaticidade cotidiana fazem de seus poemas páginas de pura emoção estética. Êle parece libertar-se galhardamente do hermetismo e do jôgo floral de palavras, atingindo aquêle justo meio que deve ser a preocupação de todo poeta que realmente deseje comunicar-se com o próximo. Preocupação ou despreocupação. Antes, todo poeta deve despreocupar-se, tem de se despreocupar dos problemas construtivos, a fim de fixar a emoção lírica. É o que realiza muito bem Lago Burnett em «Os Elementos do Mito», onde há muitas páginas de extraordinária beleza, sem que fujam do ordinário, e por isso mesmo.

Muito curioso também — embora não seja incomum, na jovem poesia — o fato de o poeta cultivar o sonêto. Há neste livro muitos poemas dêsse gênero, nos quais, entretanto, a forma arcaica se renova com grande brilho, dando-nos a impressão do mais recente, de uma fatura moderna que, nem por êsse recurso formal, se perde em exageros e absurdos, como se pode ver em tantos sonetos modernos que começam por não serem nem sombra de sonêto. O melhor que sob o aspecto formal podemos dizer de Lago Burnett é que êle não se perdeu em matéria de retórica — ficando com a que lhe é própria, mais do poeta que da poesia, íntima de seus poemas e, por isso, pessoal e intransferível, como impreterível.

«Os Elementos do Mito» é um livro de afirmação, dando-nos um poeta de corpo inteiro, sem recusar também a promessa de grande lírico que êle certamente virá a ser.

PUXE PELO CEREBRO

Resposta 0: estado primitivo — homem macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

1 **De que filósofo é esta frase: «Viver sem amizade é viver mal»:**

— Cícero?
— Aristóteles?
— Platão?

2 **Schopenhauer foi:**

— Grande musicista?
— Famoso general alemão?
— Filósofo pessimista?

3 **Que quer dizer «Calixto»:**

— Prudente?
— Elevado?
— Muito belo?

4 **Qual a área do território do Vaticano em quilômetros quadrados:**

— Cento e dois?
— Três?
— Cinqüenta e seis?

5 **Onde fica o maior vulcão ativo do mundo:**

— No Chile?
— No Havaí?
— Na Islândia?

6 **Em que país há a maior densidade populacional do mundo:**

— Em Mônaco?
— Na China?
— No Japão?

7 **Qual a mais antiga república do nosso planêta, ainda em vigor:**

— A da França?
— A dos Estados Unidos?
— A de São Marino?

8 **Quantas são as cidades do Brasil que têm mais de um milhão de habitantes:**

— Cinco?
— Duas?
— Três?

9 **De onde é originária a banana:**

— Da Asia Menor?
— Das Guianas?
— Do Brasil?

10 **Qual destas línguas a mais falada:**

— A inglêsa?
— A portuguêsa?
— A francesa?

11 **Quem descobriu o rio Amazonas:**

— Francisco Orellana?
— Pedro Alvares Cabral?
— Vicente Yanez Pinzón?

12 **Em que ano começou a construção da E.F.C. do Brasil:**

— 1855?
— 1872?
— 1798?

13 **Em que parte do Brasil foram introduzidos os primeiros negros escravos em serviço na lavoura:**

— Minas Gerais?
— Pernambuco?
— Bahia?

14 **Quantos ossos há no esqueleto humano:**

— 300?
— 208?
— 196?

15 **Nas proximidades de que cidade se acha o famoso pico conhecido como «O Dedo de Deus»:**

— Perto de Santos?
— De Petrópolis?
— De Teresópolis?

N. da R. — **Retificamos a resposta nº 8 do «Puxe pelo Cérebro», da REVISTA de 1 de agôsto p.p. (nº 31), que deve ser: crustáceo, tendo, por engano, saído molusco.**

(RESPOSTAS NA PAGINA 48)

ESMURRANDO CARAS PARA COMER

(Cont. da pág. 21)

se tudo lhe correr bem, pretende tornar-se profissional. Faz parte do plantel do Vasco da Gama.

ARI JÚLIO DOS SANTOS — Nasceu no Estado do Rio, está com 26 anos. É da classe dos meio-médios (entre 72 e 75 quilos). Iniciou-se, no Flamengo, em 1951. Na estréia, perdeu por pontos. Foi campeão de novíssimos, ganhando a peleja final por nocaute. Perdeu o torneio de novos aos pontos, na final, e foi campeão de veteranos. Ainda, em 1951, realizou três lutas, como seleção para o Campeonato Brasileiro, empatando com o seu oponente em tôdas elas. A Federação resolveu deixá-lo como suplente, pois o seu adversário era um pouco mais experimentado, e não faltariam novas oportunidades a Ari dos Santos. Em 1952, transferiu-se para o Vasco da Gama, disputando o Torneio de Veteranos. Foi vice-campeão brasileiro, perdendo, a final, para Nelson de Andrade, por nocaute. Atualmente, disputa o torneio Rio-São Paulo, tendo ganho duas lutas e empatado as outras duas com o pugilista Milton Rosas. Já efetuou um total de 22 embates, quatro dos quais venceu por nocaute. Perdeu, apenas, em quatro oportunidades, sendo uma por nocaute. É funcionário da Aeronáutica.

HÉLIO DA SILVA TÔRRES — Carioca, 21 anos de idade. Iniciou os treinos no Vasco da Gama, estreando, em 1951, e sendo derrotado por pontos. Na luta seguinte, ganhou por nocaute técnico. Foi campeão carioca de novíssimos e novos. Disputou o campeonato de veteranos, perdendo, a final, por pontos. Conta, apenas, oito lutas, e, também, toma parte no torneio Rio-São Paulo. Assistimos a sua última luta, contra o pugilista Jurandir R. Lopes, do Flamengo, e ficamos impressionados com a mobilidade e a classe dêsse novato que, com tão poucas lutas, já se projeta entre os bons amadores do Rio de Janeiro. É da classe dos meio-médios (entre 64 e 67 quilos). Trabalha na Escola de Belas Artes.

Cremos que já foi dito bastante a respeito dêsses entusiastas da «nobre arte». É fora de dúvida que os abnegados pugilistas amadores merecem um pouco mais de atenção. Uma vez isto reconhecido, esperamos que os clubes, na impossibilidade da própria Federação, prestem um auxílio mais chegado aos rapazes. Assim, estarão garantindo a melhoria no estilo, no ânimo e no vigor dos seus defensores, que tanto se esforçam para elevar bem alto as côres que defendem.

POR QUE MATEI O VIOLINISTA

(Cont. do número anterior)

O rugido que lhe explodiu da alma, tôda concentrada na garganta, foi a sanção da sua irremediável desgraça. Pôs-se a gritar, desatinadamente, a olhar para todos os lados:

— Onde estão os meus braços?! Onde estão os meus braços?!

Ah, aleijado!

O enfermeiro correu imediatamente para êle, ajudando-o a recostar-se no travesseiro.

— Que é que está sentindo?! Machucou-se?!

E o pranto brotou-lhe do coração bem como as searas, convulsivamente. De uma coisa sòmente lembra-se êle agora: **nunca mais poderia tocar!** Nunca mais! Nunca mais sentiria ecoar dentro do cérebro e tombar dentro do coração, em troca das sementes de Beleza que espelhava pelo mundo, o tempestuoso rebramir dos «bravos», e a chuva dessedentante das palmas — ventania que, dando ondulações de mar a seu trigal de ouro, espalhava o pólen de novas fecundações; linfa que, mitigando o tentalismo do seu sonho de perfeição, era a verdadeira seiva da sua arte interpretativa.

Esquecido das dores que lhe queimavam a carne, da sêde viva que lhe escaldava a bôca, deixou prender a cabeça sôbre os pensamentos. — porque sôbre o peito não podia. E seus pensamentos eram como caudas de cometas, que por onde passam destroem tudo: Ter que continuar a viver! Ter que tornar a andar pela terra! Andar? Não! Arrastar-se, rastejar, como um réptil esqueroso e feio, por êsse mesmo mundo que o vira sobrevoar, divino e belo, de triunfo em triunfo, impotente, agora, na plenitude da sensibilidade, quebradas em pleno vôo suas asas de Glória trazendo, acorrentada ao corpo inútil, uma alma surda e muda aos chamamentos de si mesma! Ter a música interior vibrando, e não ter meios de expressão para ela! Ouvir aplausos glorificando outros menos capazes que êle, **e não poder bradar:** — **«Eu sei tocar melhor!» Ouvir aclamações** vitoriando outros tão grandes e tão artistas como êle, e não poder gritar: — **«Eu sei tocar assim!»** E nem ao menos ter uma só mão para agarrar-se à morte! Por que não o haviam deixado morrer entre os escombros do teatro, confundidas as suas cinzas com as de seu violino?

E as lágrimas iam-lhe umedecendo, a pouco e pouco, as gazes.

Nesse instante, viu vagamente, como quem olha através de um aquário de cristal, o vulto de alguém junto de sua cama. Viu, sem compreender, o enfermeiro afastar-se apressadamente, depois de haver dito qualquer coisa ao vulto, que se aproximava cada vez mais.

Era um bombeiro, alto, grisalho, cara rosada, estampando comoção. O bombeiro disse-lhe qualquer coisa carinhosa, que o violinista não pôde ouvir.

Êle, porém, não precisava ouvir — adivinhava tudo.

— Foi o senhor quem me salvou, não é? — perguntou, a voz sumida, como se ela rompesse das profundidades de uma caverna. — Veio ver como está passando o monstro, não é?

O bombeiro, com os olhos marejados de lágrimas, sacudiu a cabeça, confirmando por confirmar.

Através dos buracos das ligaduras, os olhos do artista fuzilaram como dois infernos. Que raiva lhe deu aquêle homem de faces lisas, de aspecto saudável e, sobretudo, com **duas mãos intactas!**

— Escute — tornou, com voz débil. — Chegue-se mais, que eu quero agradecer-lhe.

O homem acercou-se da cabeceira do leito e curvou bem o rosto sôbre a bôca do desgraçado, a fim de ouvi-lo melhor.

Inopinadamente, num esfôrço violento, munindo-se de tôda a energia de que era ainda capaz seu físico combalido, o violinista arrancou das profundidades pulmonares um estalo sêco, e, com a bôca cheia, cuspiu bem na cara do seu salvador.

— Toma, bandido — Era o que tu merecias! . . .».

★

Êsse era o conto.

Como se vê, muito diferente e bem menor que o atual. Agora, porém, vem a parte pungente e extraordinária desta **amende honorable**:

Mal terminava eu de reler as tiras, já escritas, e, fatigado, pousava a caneta sôbre a mesa, quando ouço passos no corredor. Como minha velha governanta tinha o costume de levantar-se, às vêzes, alta madrugada, para me trazer na biblioteca uma chávena de chocolate, pensei que deveria ser ela. Esperei. Bateram à porta, fortemente. Pela violência, devia ter sido com o pé. Surprêso, exclamei:

— **Entre!**

— Não posso abrir a porta! — respondeu-se uma voz desconhecida de homem, voz de intonação estranha, rouca.

Um homem, àquela hora tardia, dentro de minha casa? Levantei-me de um salto. Abri a gaveta, tirei o revólver, empunhei-o e, sorrateiramente, pé ante pé, fui até à porta e escancarei-a de chôfre. (Não fôsse artimanha de algum ladrão!).

Mas fiquei interditado de susto. Diante de mim avultou, como uma aparição fantasmal, um espectro horrendo, uma «coisa» que de humana tinha tão apenas a forma do tronco. Sem braços, trazia, em lugar da cabeça, um embrulho amarfanhado de carne, eriçada aqui e ali de tufos de cabelos ruivos e duros. A cara, transformada numa massa informe, qual se houvessem atirado nela um punhado de pólme esverdeado e gosmento, assemelhando um busto de barro ainda por modelar, plástico e úmido.

Recuei, apavorado.

O fantasma entrou na bibiloteca, a arrastar os pés, chaplinescamente trágico. Aproximou-se bem do **abat-jour**, e voltando-se para mim, bradou a chorar:

— Contemple-me! Olhe-me bem, e goze a sua obra! Veja o que a sua crueldade fêz de mim, veja — um ridículo aleijão humano! . . . Eu, que era o encanto das mulheres e dos pássaros, serei, de hoje em diante, o espantalho até das crianças. Por simples capricho estético, a sua impiedade joga-me vivo no mundo que me queria tanto, e que agora fugirá de mim, horrorizado. Julgou talvez que seria desumano matar-me? Por quê? Então não compreende que a vida para mim, agora, é mil vêzes pior do que a morte, porque é fazer-me morrer e ressuscitar sessenta vêzes por minuto? Por que consentiu que me salvassem? Diga! Por que fêz isso, senhor? Por quê? — E dos buracos dos olhos tombavam lágrimas grossas como glicerina.

— Mas, eu . . .

— Sei o que vai dizer. A técnica, não é? As injunções da forma, não é assim? Mas a sua vaidade implacável de autor cruel esquece, em benefício [illegible] sua criação artística, o que será da vida da sua criatura. Que lhe importa uma vida, não é? Sim, que lhe importa que alguém sofra por sua culpa, se o senhor consegue obter, com essa vida e com êsse sofrimento, um miserável efeito literário? . . . Bárbaro que é! Acaso já pensou no destino miserável que me espera lá fora? Eu, um dos maiores artistas do meu tempo, de pires de lata à bôca, à porta dos **cafés**, vivendo da comiseração rueira, vivendo mais da grandeza do que fui que do farrapo imundo que hoje sou, esmolando em nome do meu passado esplendor! Veja, — e soluçava — veja o seu violinista célebre, acabando, para não morrer de fome, grotesco fenômeno de circo, a cabeça enfiada num capuz, para que a sua cara não repugne aos espectadores, pintando e escrevendo com os pés, com os pés desarrolhando garrafas, preparando **omelettes** e comendo-os em cena, para a basbaquice das platéias plebéias. Com os pés! — eu que trazia nas mãos, para transmiti-la aos homens, tôda a emoção musical das esferas celestes! — E caiu de joelhos, suplicando-me — Mate-me, senhor! Mate-me, por piedade! Não me deixe assim na terra, senhor! Não posso viver sem aquelas mãos em que eu carregava o mundo da minha arte! Mate-me, por Deus!

Não sei, em verdade, quanto tempo durou essa dolorosa entrevista com a minha personagem, nem o que ela me disse mais. Recordo-me apenas que, quando eu quis falar, ela já havia desaparecido, a porta do meu gabinete estava novamente cerrada eu, de caneta na mão, nervoso, reformava integralmente o meu conto que, como é sabido de todos, termina desta maneira dramática:

«E o violinista, levando a mão à cabeça (É oportuno relembrar que, no **Sem palmas**, o violinista perde só uma das mãos), pegou das ligaduras tôdas e, com repelão feroz, arrancou o penso, as ataduras que lhe envolviam o busto, cravou com gana os dedos crispados no rosto em chaga viva e raspou, raspou, até encontrar a alma e puxá-la por ali, e libertá-la para sempre».

O mais interessante, porém, é que, dois dias após haver eu enviado, para Chicago, pela **Western**, o referido conto, recebia eu da **Life Insurance outro cabograma** em que ela me consultava sôbre a possibilidade de eu, reformando o final do **Sem Palmas**, fazer com que o violinista sobrevivesse ao incêndio, para que — êsses práticos americanos! — também êle «pudesse gozar das vantagens de um seguro contra acidentes no trabalho».

Revoltou-me tanto prosaísmo, e, inflexível para com os meus princípios estéticos, respondi, desabrido:

«Arte é arte. Violinista morto. Impossível ressuscitá-lo. Saudações.»

(GUERRA DAS FECHADURAS)

NUNCA TÃO POUCOS FIZÉRAM TANTO

(Cont. da pág. 28)

O rapaz, a cada dia que passava, mais absorvido ficava pelo seu trabalho chegando, por muitas vêzes a laborar desde as oito da manhã até as quatro da madrugada. Para que se tenha uma idéia precisa a respeito dos sacrifícios que êle suportou, nesses seis anos, basta dizer que, além de desenhar 500.000 «croquis», fêz a adaptação e planificação da história, e preparou o texto da narrativa. Ainda na parte do desenho, Anélio idealizou e contribuiu na preparação dos cenários, fêz a animação de efeitos especiais, e encarregou-se da direção, supervisão, direção artística e da orientação em tôda a parte técnica.

Colaboraram, na parte final da película, as seguintes pessoas:

Almirante, Matinhos, Abelardo Santos, Bartolomeu Fernandes, Paulo Roberto (que foi o narrador) e Nero Morales, todos radialistas, contribuíram com as vozes.

O «Chorinho do Jabuti» foi gravado por Altamiro Garrilho, e a «Canção da Iara», por Scarambone, em órgão. O restante da partitura musical do filme foi aproveitado do repertório clássico internacional.

O orçamento da película é calculado em cêrca de Cr$ 1.300.000,00 que representa, sem dúvida alguma, um verdadeiro recorde de economia. Mas, ao iniciar a produção de «Sinfonia Amazônica», prevendo a demora do seu trabalho e a elevação dos preços de material, o jovem cineasta comprou, em larga escala, na medida de suas posses, uma boa parte do que necessitava. A grande dificul-

(Cont. na pág. 48)

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 22 E 28 DE AGÔSTO DE 1953

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Meça seus passos nos próximos sete dias e, de modo especial, a 24 e 28. Seja prudente e cauteloso no que fizer e até mesmo no que disser, evitando tôda precipitação e improvisação. As antecipações serão perigosas.

TOURO (21/10 — 20/11) — Cuide bem da saúde, pois os males sem importância maior, poderão transformar-se em moléstias graves e crônicas. Não se exceda nem na mesa nem no bar. Os dias 22, 24 e 26 serão os piores, no seu caso.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Haverá harmonia no seu lar e uma provisão maior na economia doméstica. A nova semana lhe trará satisfação no âmbito social e no meio profissional, possibilitando-lhe realizações proveitosas.

CANCER (23/12 — 20/1) — A nova fase aconselha pequenos negócios, transações rápidas e de investimentos reduzidos. As grandes ambições não encontrarão ressonância no meio ambiente. Limite, no seu interêsse, as proporções dos objetivos.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Tôdas as providências visando o seu reajustamento econômico ou financeiro, são aconselhadas. O momento será muito propício à efetivação dos interêsses, desde que militem a favor dos mesmos, justiça e procedência.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — O perigo de escândalo em sua vida está apenas atenuado. A ameaça continua, pois os aspectos formados por planêtas lentos, têm grande duração. Insistimos, pois, nas recomendações anteriores.

LIBRA (23/3 — 20/4) — O tempo não propiciará viagens felizes nem encontros agradáveis. Pelo contrário, poderá haver, nos próximos sete dias, imprevistos prejudiciais e contristadores. Uranus provoca, sempre, o inesperado.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O novo período será de chance, no seu caso, possibilitando o êxito dos seus empreendimentos. Conseguirá o financiamento de que tiver necessidade e a cooperação de elementos valiosos para a realização dos seus projetos.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Os negócios na justiça, estarão mal amparados, na semana entrante. O mesmo se dará nas repartições do govêrno. Para qualquer requerimento, o dia 27 será o único aproveitável.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Apresse, como puder, a solução de qualquer negócio imobiliário em andamento. O momento é bom para tomar ou liqüidar empréstimos. Haverá facilidades e movimentação rápida de dinheiro.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Sua posição vai ser melhorada extraordinàriamente, na próxima semana. Seu astro atravessará uma zona de influxos benéficos, o que se refletirá de modo sensível, em todos os setores de suas atividades.

PEIXES (22/8 — 20/9) — O novo período será fraco e não lhe dará margem às aspirações. Não espere grandes resultados nos próximos sete dias. Os pequenos negócios e as exigências mínimas terão maiores probabilidades de êxito.

OS NOMES DA SEMANA

Agôsto	22	—	Jupert	—	Zirva
"	23	—	Jovino	—	Julieta
"	24	—	Adésio	—	Elmana
"	25	—	Fábio	—	Justa
"	26	—	Inauro	—	Irta
"	27	—	Roberto	—	Gláucia
"	28	—	Rotílio	—	Marina

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Agôsto	22	—	29º 05' 10''	(Signo do Leão)
"	23	—	0º 2' 59''	(" da Virgem)
"	24	—	1º 00' 49''	(" " ")
"	25	—	1º 58' 40''	(" " ")
"	26	—	2º 56' 33''	(" " ")
"	27	—	3º 54' 28''	(" " ")
"	28	—	4º 52' 24''	(" " ")

TODO MUNDO JOGOU EM "FRANCASAL" ★ "SANTA AMARO", PORÉM, FOI QUEM CORREU ★ UMA EMBRULHADA PARA MOVIMENTAR A "PELOUSE" DE EPSON ★ A SCOTLAND YARD MOBILIZADA.



«Santa Amaro», o cavalo que, conforme julgam os detectives, foi que correu como sendo «Francasal»

UMA das novidades mais sensacionais em discussão nos meios turfísticos da Inglaterra, é o do caso «Francasal», um cavalo francês que correu . . . mas não correu. Seu proprietário é o sr. Maurice Williams, que desapareceu logo após a corrida, trazendo com isso maiores dificuldades aos «turfmen» da Inglaterra. Mr. Williams mandou apostar em seu próprio cavalo, o total de 3.500 libras, com o que ganharia 35 mil, uma vez que a proporção era de 1 para 10. Tudo estaria muito bem se na corrida de Barh nenhuma dúvida houvesse surgido sôbre o cavalo que venceu o páreo: Francasal. Mas, segundo o amigo-da-onça daquelas paragens, quem correu não foi o cavalo francês, e sim o inglês «Santa Amaro». A grafia vem mesmo assim, talvez sendo «Santo Amaro», o que daria no mesmo. Os apaixonados de corridas estão num tumulto louco. A reportagem britânica desenvolve a maior atividade para esclarecer o problema, cada vez mais intrincado. Técnicos, jornalistas, policiais da famosa Scotland Yard não descansam, na luta sem tréguas para decifrar a charada. Mas, apesar de tudo, de todos os recursos da ciência humana para resolver um problema cavalar, tudo continua escuro como a côr dos dois bichos. Para ainda mais confundir os interessados, ambos os animais são parecidíssimos. O que salvaria, de uma vez, a história, seria uma acareação entre êles, isto é, entre os cavalos; mas, infelizmente, depois que os homens e os papagaios adquiriram o privilégio de falar, os cavalos ficaram reduzidos a relinchos absolutamente iguais entre todos os equinos do mundo. Que o episódio sirva de advertência aos «turfmen» do resto do planêta . . .

ESCÂNDALO NAS CORRIDAS



O sr. Zicky Webster, tratador de cavalos, de cujas cavalariças levaram os animais suspeitos.



R.J. Davidson, ex-bookmaker, hoje vendedor de hortaliças, disse que só entendia de verduras...

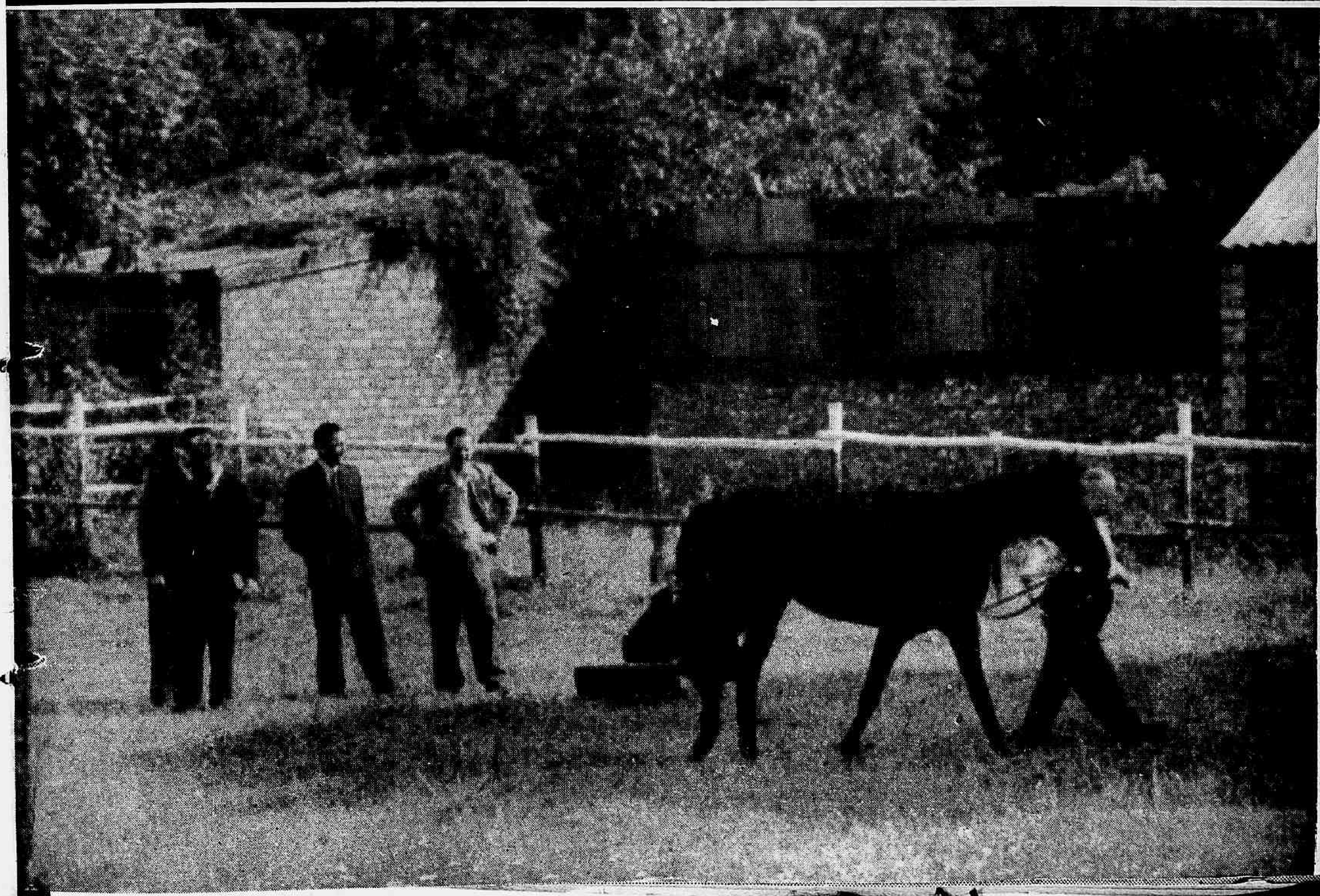


Colquhoun, gerente de firma turfística, declara que as apostas em «Francasal» foram £ 3.500.



Os dois cavalos da dúvida: «Santo Amaro» e «Francasal». Qual dos dois animais teria corrido mesmo? Ah! se os animais pudessem falar!

O mistério continua. Os detectives da «Scotland Yard» lutam para desvendar o falado caso. Êste animal é o «Francasal», pivot do crime.



PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 68

A	Silencioso; emudecido	80	3	66	127	25	100	
B	Fazes acusação	35	16	24	10	77	140	
C	Lugar ermo	137	90	29	7	51	99	102
D	Ataxia locomotora progressiva	23	79	34	116	104		
E	Servos do Estado, em Sparta	13	96	105	31	67	117	
F	Unindo	36	17	60	84	4	71	110
G	Virtuosa; casta	37	130	15	123	111	54	87
H	Que põe ovos	74	20	58	69	47	32	136
I	Nenhuma pessoa	53	21	139	1	45	72	82
J	Espáduas	81	9	76	144	95	114	
K	Panoramas	12	125	40	107	68		
L	Sobrecarregam	141	57	133	78	93	48	
M	Oportunidade	138	59	91	150	5	70	
N	Afirmação	131	119	63				
O	Recentemente	2	11	147	62	88		
P	Vistam	61	49	143	108			
Q	Está sujeito, subordinado	98	6	27	52	64	115	146
R	Conta falsamente	97	85	126	50	135	41	113
S	Partes apendiculares do corpo humano	128	42	151	142	55	65	132
T	Ocupam um espaço	14	92	101	86	39	134	
U	Criancinha	89	28	129	148	112		
V	Estrépito de pés	120	73	56	83	26	106	
W	Período de tempo (pl.)	33	109	44	122			
X	Furtar	22	38	75	145	121	46	
Y	Vinho medicinal	19	103	30	124			
Z	Manchas amarelas no rosto	43	18	149	118	8	94	

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se de cima para baixo as letras iniciais do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

I 1	O 2	A 3	F 4	M 5	Q 6	C 7	Z 8	J 9	—	B 10	O 11	(	K 12
E 13	T 14	G 15	B 16	F 17	Z 18	■	Y 19	■	H 20	I 21	X 22	D 23	B 24
A 25	V 26	)	Q 27	U 28	C 29	Y 30	■	E 31	H 32	W 33	D 34	B 35	F 36
G 37	X 38	,	T 39	K 40	R 41	S 42	Z 43	W 44	I 45	X 46	H 47	L 48	—
P 49	R 50	■	C 51	Q 52	I 53	G 54	S 55	V 56	,	L 57	H 58	M 59	F 60
P 61	O 62	N 63	■	Q 64	S 65	—	A 66	E 67	K 68	■	H 69	M 70	F 71
I 72	■	V 73	H 74	X 75	J 76	B 77	L 78	,	D 79	A 80	J 81	I 82	Y 83
F 84	R 85	T 86	G 87	O 88	—	U 89	C 90	M 91	■	T 92	L 93	■	Z 94
J 95	E 96	R 97	Q 98	C 99	A 100	,	T 101	C 102	Y 103	D 104	E 105	V 106	K 107
P 108	—	W 109	F 110	G 111	■	U 112	R 113	J 114	■	Q 115	D 116	E 117	Z 118
N 119	V 120	X 121	W 122	,	G 123	Y 124	K 125	R 126	A 127	S 128	—	U 129	G 130
N 131	■	S 132	L 133	T 134	■	R 135	H 136	C 137	■	M 138	I 139	B 140	L 141
S 142	P 143	J 144	X 145	Q 146	O 147	U 148	Z 149	M 150	S 151	■	Otaner · Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 67 — CASTILHO. LIVRARIA CLASSICA. "A ignorância de si e do mundo é no menino uma coisa graciosa, no velho uma coisa tremenda; no menino é a escuridão em que se esconde o gérmen da alvorada; no velho é a primeira treva da noite".



NUNCA TÃO POUCOS FIZERAM TANTO

(Cont. da pág. 45)

dade que encontrou foi o desinterêsse daqueles a quem recorreu, principalmente, ao saberem que se tratava de uma produção de cinema animado. A par disso tudo, a compra de papel foi um verdadeiro martírio. Quase ninguém tinha papel para vender. Quem desejasse comprar, que o fizesse no câmbio negro.

Enfim, depois de vencer tremendas dificuldades, o artista concluiu uma parte da obra, e pôde mostrá-la a várias pessoas, conseguindo o dinheiro que lhe faltava para terminar o filme. Por diversas vêzes êle foi obrigado a interromper o seu trabalho, dedicando-se a desenhar e pintar quadros, a fim de conseguir mais algum dinheiro para inverter no seu projeto. A «Companhia» de Anélio Latini Filho é formada na base de quotas, não sendo grande o número de pessoas que as adquiriram. Em vista do sucesso preliminar de «Sinfonia Amazônica», após a sua exibição no Museu de Cinema de São Paulo, e apresentação à crônica cinematográfica e ao Presidente Getúlio Vargas, os quotistas prometeram cêrca de dois milhões de cruzeiros para que Anélio execute os seus próximos projetos. Além disto, outras pessoas já denotam interêsse em contribuir para as realizações do jovem cineasta.

OS PLANOS PARA O FUTURO

Anélio Latini Filho pretende formar uma equipe de artistas de vocação, como êle. Podendo contar com cêrca de dez elementos, fará os desenhos e os demais efetuarão cópias, em lâminas de celulóide. Esta é uma tarefa relativamente fácil, requerendo, sòmente, além da natural aptidão para a arte, uma grande precisão no traço.

Uma vez formada a sua equipe, Anélio pretende iniciar um novo longa-metragem colorido, com a produção calculada para durar um ano, e cujo título será «Pai João». Êste filme versará sôbre lendas do Brasil Central.

Cremos que, depois do sucesso alcançado com «Sinfonia Amazônica», o jovem e empreendedor cineasta não encontrará tanta dificuldade em propagar a sua arte, e poderá adquirir máquinas apropriadas, em substituição às que tem utilizado, até agora, que por êle mesmo foram idealizadas e construídas.

Antevemos, pois, um brilhante futuro para o artista, que pode ser chamado, com muito merecimento, o «Walt Disney Brasileiro».

O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

(Cont. da pág. 19)

«Sr. Castelo, quando salda a sua conta?». Respondi-lhe, então, com a mais encantadora esperança: «Breve . . . Espere um pouco . . . Tenha paciência . . . Vou ser nomeado professor de javanês, e . . .». Por aí o homem interrompeu-me: «Que diabo vem a ser isso, sr. Castelo?». Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem: «É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?».

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquêle falar forte dos portuguêses: «Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, sr. Castelo.

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava êle. Resolvi animosamente propor-me a professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à Biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais

(Cont. na pág. 50)

PUXE PELO CÉREBRO

Resposta da página 44

1 — Cícero
2 — Filósofo pessimista
3 — Muito belo
4 — Três
5 — No Havaí
6 — Em Mônaco
7 — A de S. Marino
8 — Duas (Rio e S. Paulo)
9 — Da Ásia Menor
10 — A inglêsa
11 — Vicente Yanez Pinzón
12 — 1855
13 — Pernambuco
14 — 208
15 — De Teresópolis

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



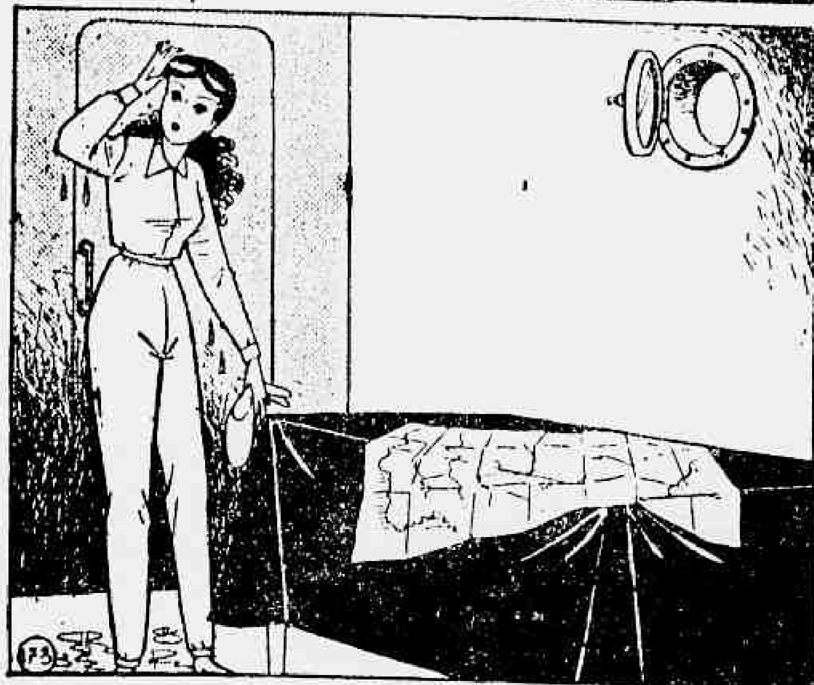
Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

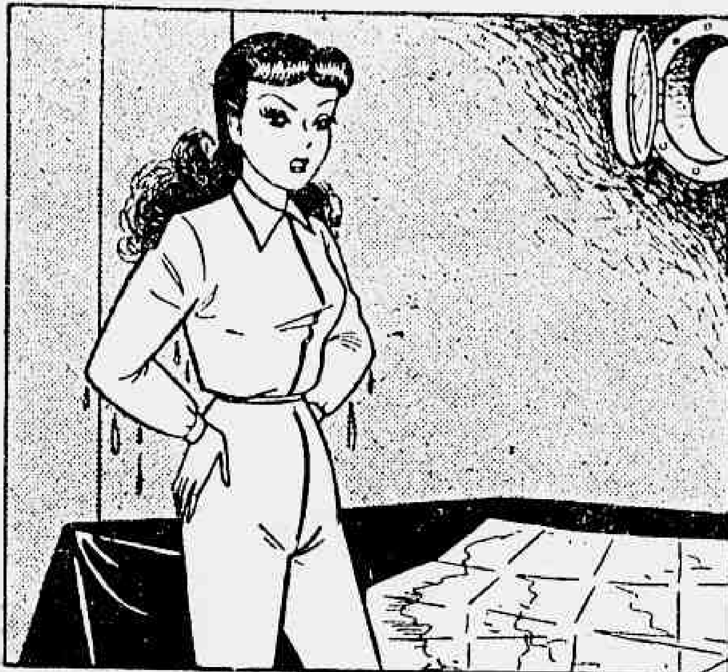
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº ......

NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ARABELE a última sereia







Arabelle, logo que foi deixada sòzinha em um dos camarotes da lancha, procurou saber onde se encontrava. Estava numa cabine, cujo único móvel era uma mesa, encontrando-se sôbre ela um mapa.

Embora não tivesse mêdo do que estava se passando, ela não podia compreender como a tinham encerrado ali. Logo que pudesse se avistar com o Almirante o censuraria vivamente.

Ela se sentia adoentada, com calafrios, espirrando, ameaçada de grave restriado. Procurou deitar-se um pouco; mas, onde? Em que lugar? Nesse instante ouviu passos e um ruído como o de armas.





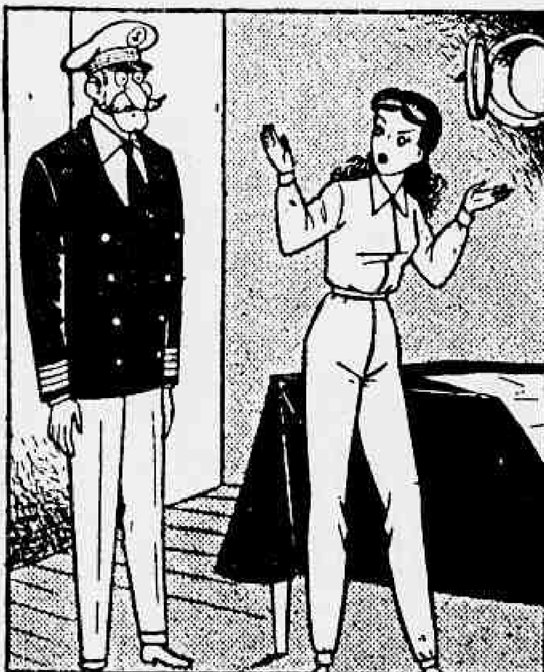


Sùbitamente, vê a porta abrir-se, e, imediatamente, entrar um oficial todo engaloado, com quatro marujos armados, escoltando-o. Perfilam-se e apresentam armas retiramdo-se logo em seguida, deixando-os sòzinhos.

Ficando a sós, êle diz: «Senhorita, antes de tudo, quero felicitá-la pelos atos de heroísmo que praticou; mas, com muito constrangimento, tenho que mantê-la aqui por mais alguns dias».

«A marinha norte-americana a requisitou». Arabelle ficou perplexa e respondeu: «Mas, para que me quer a Marinha? Eu não sei mais do que cantar e nadar! Isto é um êrro!».









O oficial responde, então, que se trata de segredos militares, e, por conseguinte, nada mais se adiantou, por mais que ela insistisse e argumentasse.

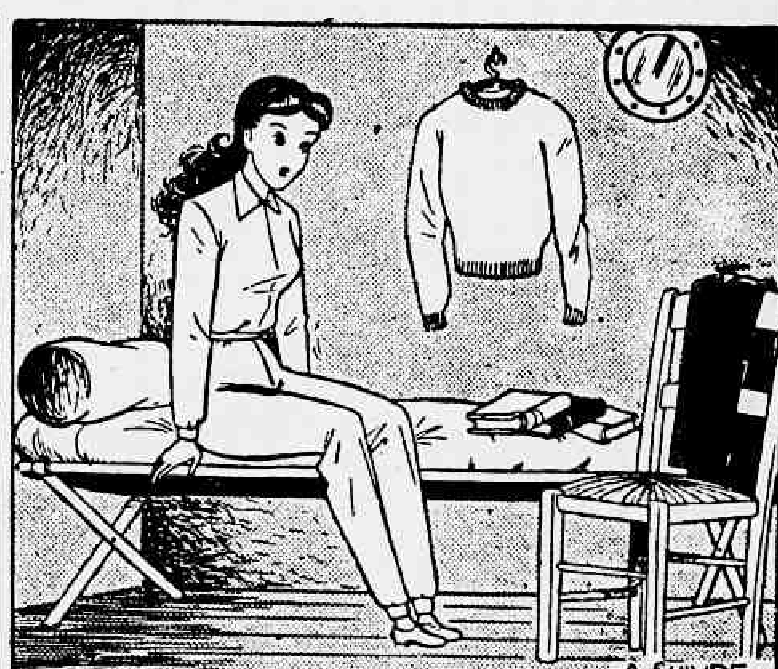
«Veja bem, senhor Oficial, — diz ela — eu não peço nada mais, do que paz e tranqüilidade! Por que não me deixam ficar sossegada!».

«Sinto muito, senhorita. Mas, com pezar, constrangimento, ou não, pertences, agora, ao Serviço Secreto, e para o mundo, já não vives»

A linda sereia, desolada, abre a escotilha e, com a maior surprêsa e alegria, vê aproximar-se a lancha em que viaja o seu pai adotivo e benfeitor, Mr. Bimbleton.







Mas aquêle raio de esperança se desfaz, quando é ela transferida, sob escolta, para um outro camarote e o oficial que a acompanha diz: — «Já dei ordem à q u e l a embarcação pára que volte.»

Com efeito. O pilôto da lancha em que vinha Bimbleton e os amigos de Arabelle, mal recebeu as ordens do outro, deu meia-volta e não prosseguiu na perseguição iniciada.

Encerram-na em outro aposento. Se, ao menos, tivesse Kouki, o macaquinho, a seu lado! Resolve ir falar ao oficial; mas, ao abrir a porta, dos fuzis se cruzam à sua saída. Era debalde.

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN HACHE

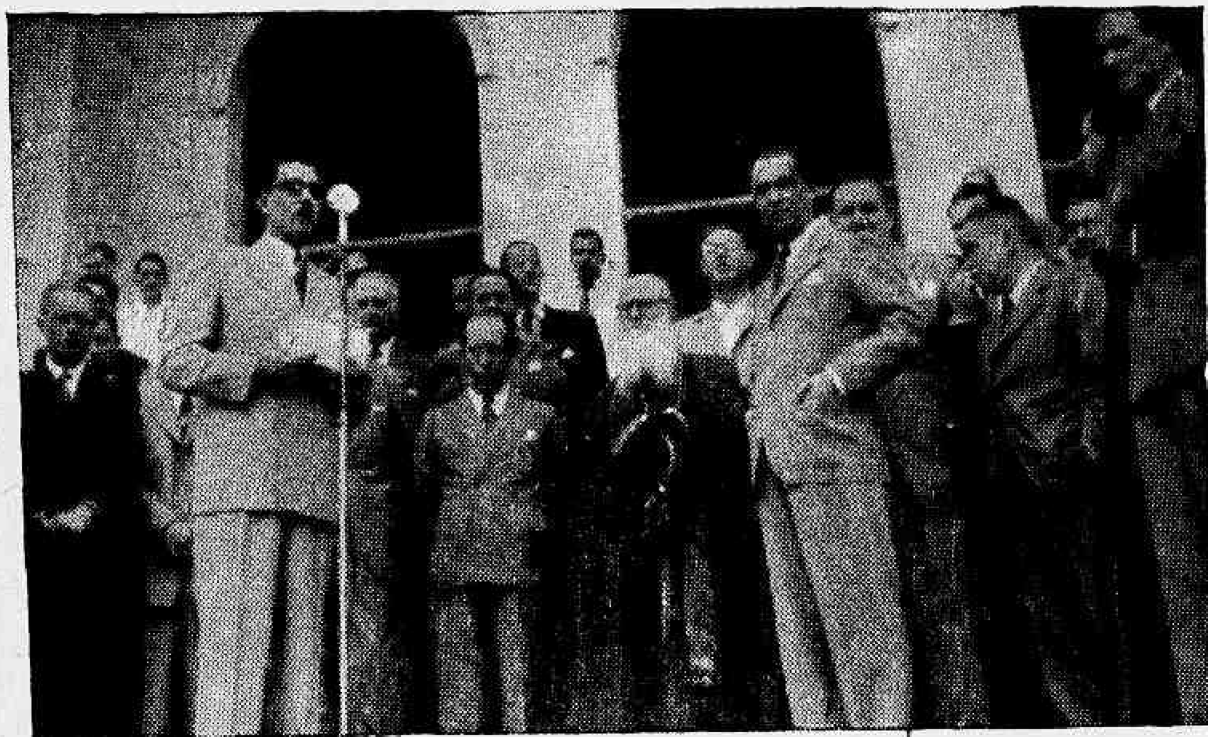
O GOVERNADOR EM GUAXUPÉ



A convite do prefeito Municipal, da Câmara do Vereadores e do povo, visitaram no dia 3 do corrente, a cidade de Guaxupé, o Governador do Estado de Minas, sr. Juscelino Kubistschek de Oliveira e sua comitiva.

Ao desembarque foi sua Excia. recebido por Sua Eminência D. Inácio João Dal Mont, bispo diocesano, prefeito Osvaldo Ribeiro do Valle, autoridades civis, militares e pessoas de destaque local.

Em frente a Catedral, onde foi organizada uma grande manifestação pública, já o esperavam, em «alas», alunos dos colégios e das escolas locais, e grande número de pessoas, tendo nessa ocasião usado da pa-



lavra o dr. Osvaldo Ribeiro do Valle dando-lhe as boas vindas e dizendo que a visita de Sua Excia. significaria a solução dos problemas mais prementes da região do Sudoeste Mineiro.

Depois de o sr. Governador agradecer a manifestação, foi celebrada uma missa com a presença de todos, havendo em seguida um desfile de máquinas agrícolas, homenagem dos agricultores da região no encerramento do ótimo programa de recepção. As fotografias documentam: a primeira, ao alto, quando o Governador, desembarcando do avião, era recebido pelas autoridades; a seguir, Sua Excia. sendo saudado pelo Prefeito, afinal, a multidão que se associou às homenagens.



O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

(Cont. da pág. 48)

na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao dr. Manuel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacuecanga, à rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que, entrementes, continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder — **como está o senhor?** — e duas ou três regras de gramática, lastrado todo êsse saber com vinte palavras do léxico.

Não imagina as grandes dificuldades com que lutei para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil! — podes ficar certo — aprender javanês . . . Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em tôda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza.

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descansavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begonias. Os crotons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de côres mortiças. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo prêto africano, cujas barbas e cabelos de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, entufados pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sôbre as quais a poeira punha mais antigüidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da India, como se diz. Aquela pureza de louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquêle seu fôsco brilho de luar, diziam-me que aquêle objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos . . .

(Cont. no próximo número)

O AMERICANO PROCURA UM OTÁRIO

(Cont. da pág. 12)

A "Vera Cruz", que produzira "O Cangaceiro", marco inicial do verdadeiro cinema nacional, seria a co-produtora de "O Americano".

Horas antes da chegada da familia Glenn Ford à Guanabara, um telegrama de São Paulo, publicado pelos jornais cariocas, teve o efeito de uma bomba:

— "A história, escrita em Texas, continha injúrias ao povo brasileiro e Franco Zampari, presidente da "Vera Cruz", não cooperaria mais no filme".

Aí saiu a procissão verde-amarelo pelas ruas:

— Abaixo o estrangeiro que insulta a nossa pátria!... Morte para os infames...

Glenn Ford saltou do navio, soube da história, bebeu cachaça, comeu milho verde e feijoada, tomou banho em Copacabana e falou à imprensa:

— Vim em férias e espero caçar e pescar bastante. Passarei três meses no Brasil.

— E você ainda vai participar do filme?

— Que filme?...

Começou, então, a via crucis. A "Vera Cruz" recusou o negócio e Robert Stillman Production Inc. de Hollywood procurou a Multifilmes. Mais um fracasso. A Kinofilmes foi sondada. Nada feito. Aí a Multifilmes fêz uma contra-proposta:

— Cem mil cruzeiros por dia.

Robert Stillman aceitou e mandou buscar mais artistas nos Estados Unidos e no México. Chegaram Cezar Romero, Arthur Kennedy e o garôto Bruce Dionisio (Dionisio com "y" para ficar meio estrangeirado). Por fim, a espanhola naturalizada mexicana, a dançarina Sara Montiel. O "team" ficou completo e teve inicio a segunda batalha:

— Por que não contrataram artistas brasileiros?

Franco Zampari, em face da sua atitude pública, negando colaboração a "O Americano", recebeu uma homenagem: um memorial com três mil assinaturas aclamando-o "Protetor do Cinema Brasileiro", contra as influências estrangeiras. Mais uma vez a procissão verde-amarelo saiu à rua, desta vez para aplaudir Franco Zampari, nascido na Itália e radicado em São Paulo desde 1927. No fundo, um bom sujeito, louco por um bom cinema. "O Cangaceiro", por exemplo, já passou em 22 paises.

FARRA GROSSA

No mesmo hotel onde tomamos aposentos estão alojados os personagens de "O Americano", habitué das "boites" e "cabarets" de São Paulo.

Bruce Dionisio (com y), é filho de Benny Dyonisio, tido como vice-presidente da Sanford Aircraft Inc., que por sua vez aparece como fábrica de equipamentos para aviões. Bruce, que é carioca, é o caçula da troupe que acampou no "Lord Hotel". Benny Dyoniosio está, agora, no grupo. Sara Montiel, a "estrêla", reúne várias qualidades negativas. Trata-se de uma artista vulgar, sem os recursos de uma Tônia Carrero, dizem os entendidos. Trabalhou em "cabarets" no México, onde interpretou algumas canções de Ary Barroso.

Tônia Carrero, José Lewgoy, Marly Sorel, Mary Gonçalves, Eliane Lage e outros, não foram aceitos.

Aqui tem inicio outro capitulo, enquanto a farra continua nas "boites", em busca de expressões brasileiras... Uma noite descobriram uma mulatinha com 16 anos: Dagmar Martins, que faz lembrar, disse um cronista, uma india Calapalo, às margens do Araguaia...

Os Calapalos, mocinho, moram no Xingu.

AVENTURA

Arthur Kennedy é o mais culto e vive afastado do grupo. E' visto no "Museu de Arte Moderna", procurando interpretar Portinari e Lasar Segall. Companheiro de Orson Welles, é mais um homem de teatro do que mesmo de cinema, sendo considerado um dos bons intérpretes de Tennessee Williams e de Arthur Miller, nomes familiares na Broadway.

O paulista não acredita no "O Americano". Supõe que tudo não passa de uma aventura comercial. Apontam o Banco do Estado de São Paulo como um dos financiadores do filme que "será feito no Brasil."

Pessoas ligadas aos circulos cinematográficos bandeirantes, em palestra com o autor desta reportagem, acham que o "bote" está sendo armado contra a Comissão do IV Centenário de São Paulo, a qual, com justificado orgulho, poderá exibir, em 1954, para os milhões de forasteiros que afluirão à terra bandeirante, um filme rodado em Mato Grosso...

Ao certo ninguém sabe dos verdadeiros objetivos do produtor Robert Stillman, que trouxe o enrêdo dos Estados Unidos, metido no bôlso, e mandou vir uma troupe, à frente Glenn Ford e Arthur Kennedy, sem esquecer Cezar Romero, que não se cansa de falar de suas aventuras no Pacifico, como chefe de marinheiros de primeira classe, do destroyer "Cavaleiro".

Enquanto isto, Franco Zampari vai trabalhando nas filmagens de "Floradas na Serra", "Um Certo Capitão Rodrigo" e "A Morte da Porta Estandarte", de Anibal Machado.

Os preparativos de "O Americano", trazem ao jornalista uma lembrança de Orson Welles, quando aqui estêve para filmar "Tudo é Verdade". Trabalhei na sua equipe, escrevendo detalhes da vida dos jangadeiros cearenses, e vi como se esbanja dinheiro. 14 milhões de cruzeiros foram gastos com pequenas filmagens em Fortaleza, na Barra da Tijuca e com algumas respeitáveis bebedeiras.

No caso de "O Americano", todavia, o aspecto é bem diferente. Procuram um otário.

O RISO DOS OUTROS



SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



— . . . E FIQUE SABENDO QUE JÁ ESTOU «CHEIA» DÊSTES SEUS RISINHOS SARCÁSTICOS . . .

A OPINIÃO PÚBLICA PERGUNTA:





A mesa que presidiu ao Primeiro Congresso Brasileiro de Previdência Social, realizado no teatro João Caetano, sito à Praça da Independência, no Rio de Janeiro, no dia de seu encerramento, atuando como presidente o sr. João Goulart, titular da pasta do Ministério do Trabalho.

ATÉ QUANDO A CONFUSÃO?









Da esquerda para a direita: o senhor Fiuza Lima, delegado do Estado de Pernambuco; Etelvino Jorge, do Estado do Rio Grande do Sul; o delegado pernambucano ao pedir um minuto de silêncio em homenagem a operários vítimas de violência; Milton P. Marcondes, de S. Paulo.

SETE DIAS DE BOATOS ★ A VISITA DO SR. MILTON EISENHOWER E O "RADAR" DOS NORTE-AMERICANOS ★ FECHADA A RÁDIO CLUBE ★ O CONGRESSO DO JOÃO CAETANO ★ A "REPÚBLICA SINDICALISTA" ★ AS NOTÍCIAS DO "THE NEW YORK TIMES" ★ OUVINDO ZENÓBIO E CAIADO DE CASTRO ★ FALAM TANCREDO NEVES E JOÃO GOULART ★ REUNIDO O MINISTÉRIO QUE É NOVO E NÃO É ★ JOÃO ALBERTO NA COMISSÃO DE INQUÉRITO ★ BERLE NO BRASIL.

Texto de JOÃO ALVARENGA ● Fotos de A. VIEIRA, FERREIRA LIMA, A. MONTEIRO, R. THEOBALD e CARLOS GOMES.

A população carioca viveu, nesta primeira quinzena de agôsto, um dos mais assustadiços períodos dos últimos tempos. Duas semanas de boatos, de intranqüilidade, e, o próprio povo de ordinário habituado com os pruridos de reformas e «golpes», entregando-se às suas diversões habituais — o futebol e o cinema — mostrava-se preocupado e comentava sôbre possíveis tempestades próximas. A situação de uma emprêsa jornalística, com o seu fundador e principal responsável às voltas com um dos mais ruidosos inquéritos já havidos no país, terminando por bater às portas do Supremo Tribunal Federal; a visita do sr. Milton Eisenhower, delegado especial do Presidente da República dos Estados Unidos, com o fim de examinar a situação econômico-financeira de muitas repúblicas desta parte do hemisfério; o fechamento da Rádio Clube; o Primeiro Congresso de Previdência Social do Brasil, com os mais desencontrados boatos de convulsões proletárias para a proclamação de uma República Sindicalista; os comentários do «New York Times», jornal de imensa importância e responsabilidade nos Estados Unidos, porta-voz do próprio Govêrno norte-americano a respeito do Brasil e de sua crítica situação política e financeira; os cochichos envolvendo nomes de prestígio como os dos senhores generais Zenóbio da Costa e Caiado de Castro; a convocação do Ministério pelo sr. Getúlio Vargas, visivelmente impressionado com a onda avassaladora de boatos em tôrno de sua gestão; o Ministro João Alberto, nome bastante respeitado em nossos meios oficiais e políticos, convocado para depor no Inquérito Parlamentar; a chegada do sr. Adolfo Berle, diplomata norte-americano contemporâneo ao famoso 29 de outubro de 1945, tudo isso e mais alguma coisa que seria fastidioso citar, levou o povo a perguntar, alarmado e ansioso: ATÉ QUANDO A CONFUSÃO?



Aqui vemos o momento em que discursava o sr. Manoel Gonçalves de Albuquerque, delegado do Est. do Pará, que falou por todo o Norte.



Momento de intensa emoção invadiu todos os espíritos, ao cantar-se o Hino Nacional. Tôda a grande assistência presente, de pé, entoou a composição patriótica, terminando sob uma delirante tempestade de aplausos, em ambiente de verdadeiro sentimento nacionalista.

Em verdade, porém, não há nenhum ciclone ameaçando devastar o país. E' exato que, para o fervilhar de tais inquietações, um discurso algo inadvertido do Ministro do Trabalho, levou mais cochichos às suspeições, quando declarou no Sindicato dos Metalúrgicos, que «a união dos trabalhadores, em tôrno dos seus Sindicatos era o único meio de combater o capitalismo explorador». Mas, raciocinando-se calmamente, o que disse o sr. João Goulart, está cansado de dizer o próprio sr. Presidente da República, antes e depois de ser chefe da Nação, pela segunda vez. Coincidiu com êsse discurso-bomba, a chegada do sr. Milton Eisenhower, o qual, deve ter sentido de perto o clima de muita espuma e

O Ministro da Agricultura, João Cleofas, objeto de tantos boatos, chega de mãos sôltas, alegre, satisfeito, sem precisar segurar a pasta.





O Ministro da Marinha, chega também sorridente, porém segurando a pasta. Mas dá a impressão de que acha que tudo acabará muito bem.

pouca profundidade dêsses peraus cavados no leito em que fluem as águas por onde vai singrando a nau do Estado... E' curioso notar, porém, que o «radar» dos norte-americanos funcionou nas colunas do grande órgão nova-iorquino, através de telegramas enviados daqui pelo seu correspondente no Rio, o sr. Sam Brewer, em cuja correspondência havia revelações da maior gravidade como esta: «Há fortes rumores de um possível golpe de Estado no Brasil, por intermédio de militares e de organizações trabalhistas», acrescentando ainda, «que o sr. Getúlio Vargas não via com maus olhos um tipo de govêrno peronista para o Brasil». Êsse fato, assim cruamente soprado do norte do continente, aumen-

O Ministro da pasta da Educação estampa um sorriso algo enigmático; mas, como vários dos seus colegas, também agarra bem a pasta.





Parece que a reunião não encerrava nada de mais grave. E' o que nos faz crer a euforia do Ministro da Justiça, T. Neves, com sua pasta.



Pelo jeito parece que o senhor José Américo de Almeida, titular da Viação, sente estar pesando a sua pasta, com muito papel e pouco dinheiro.

tou ainda mais o clima de suspeições e intranqüilidades em tôdas as classes sociais, refletindo-se nefastamente na área comercial e bancária do país no exterior. A notícia do jornal americano trouxe, porém, um benefício: clarearam-se os horizontes e os boatos foram dominados pelos que eram citados como bases de tamanha exaltação política. O govêrno reagiu. O general citado como articulador do golpe, general Zenóbio da Costa, falou à imprensa e desmentiu enèrgicamente o boato que envolvia seu nome. A' imprensa se mobilizou num dos mais ativos campos de batalha, a fim de informar o público sôbre o que se passava. Foram ouvidos os maiores responsáveis pelos destinos nacionais. Falou o Ministro da Justiça, sr. Tancredo Neves, o qual repeliu as insinuações generalizadas e mostrou que tudo o que se dizia era produto de uma psicose muito comum em situações como a que se processava no país, sem maiores conseqüências. A «pá de cal», porém, na onda de boatos foi lançada pelo general Caiado de Castro, chefe da Casa Militar da Presidência da República. Devidamente autorizado pelo sr. Getúlio Vargas, o general concedeu entrevistas a «O Globo» abordando o alarmismo que soprava pelo país, dizendo: «Tudo isso não passa de boatos sem qualquer fundamento. O nosso Presidente está firme no propósito de cumprir e fazer cumprir a Constituição!» As palavras do ge-

O Ministro da Guerra não conduziu a pasta. Assediado pela reportagem, o general sorriu gentilmente e contornou estratègicamente.



O senhor Osvaldo Aranha, Ministro da Fazenda, foi o centro de gravidade da reunião, expondo a grave situação financeira do nosso país.





Ademir Menezes, o conhecido e popular «crack» do nosso futebol profissional, foi à «Tribuna da Imprensa» adquirir uma ação do jornal, aproveitando a oportunidade para correr tôdas as dependências das oficinas dêste diário. E olha, sorridente, como se faz o jôgo dos tipos...



O senhor João Alberto, ao depor na Comissão Parlamentar de Inquérito. Revelou coisas interessantes sôbre o problema do papel de imprensa.

neral Caiado de Castro tiveram a maior repercussão e serviram para pôr um pouco de água na fervura. Já um tanto mais atenuada a confusão, veio a reunião do Ministério, no dia sete de agôsto, anunciada pelos órgãos do Catete. Era a primeira vez que os novos secretários de Estado se reuniam para discutir com o Chefe da Nação os problemas nacionias e acabar com o zum-zum generalizado. Embora realizada a portas fechadas, os representantes da imprensa tiveram oportunidade de saber do que fôra discutido, através de informações dos próprios Ministros, que, uns eufóricos, outros sisudos, não se recusaram a falar à reportagem. A palavra de ordem era a de que o país podia confiar no govêrno, aconselhava-se calma e espírito de disciplina. A reunião se prolongara por duas horas, havendo-se tratado, realmente, da situação política do país, de assuntos administrativos, das finanças e do caso «Última Hora». De tudo o que foi discutido no Catete foi fornecido à imprensa um comunicado. Apesar de ter baixado a temperatura e o termômetro haver descido alguns graus, novos acontecimentos surgiram para alimentar o clima de intranqüilidade. Um dêles foi a presença de dois indivíduos não identificados, que, à noite andaram rondando a residência do deputado Armando Falcão, cuja atitude na Câmara, como um dos maiores denunciadores do «affaire» Samuel Wainer, poderia ter atraído agentes de vinganças pessoais. O outro, e mais grave, se processava contra o jornalista Carlos Lacerda. Enquanto ocupava o microfone da «Rádio Globo», prosseguindo na campanha contra a organização «Última Hora», espalhou-se a notícia de que a redação de «Tribuna da Imprensa» iria ser atacada e empastelada por um grupo de partidários da corrente oposta. Imediatamente interveio o próprio Ministro da Justiça, que, secundado pelas providências do Chefe de Polícia,



Depois de longo e ruidoso debate judiciário, que terminou na Suprema Instância, o senhor Samuel Wainer compareceu, pela segunda vez, perante a Comissão Parlamentar de Inquérito, a fim de revelar o nome do quarto financista da emprêsa em que o mesmo é diretor.

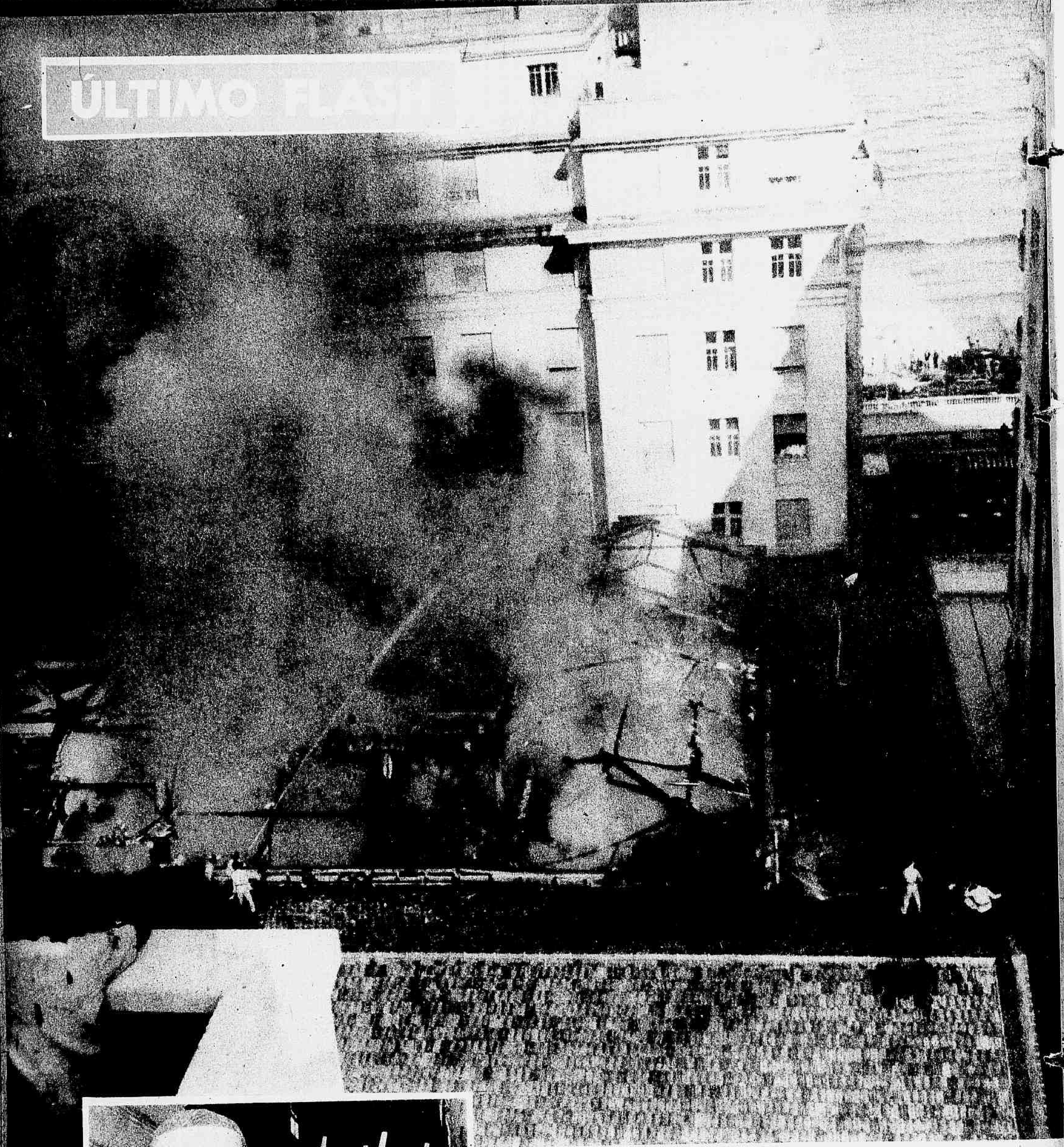
pôde conjurar o perigo que ameaçava a própria vida do diretor e fundador do jornal visado. Investigadores e outros elementos da segurança pública foram destacados para proteger a vida do sr. Carlos Lacerda e garantir sua redação e oficinas. Nada, porém, aconteceu. Desfazia-se, assim, mais uma vaga de boatos destinados a exaltar a opinião pública.

A marcha do inquérito parlamentar prossegue. Já foram ouvidos os srs. João Alberto, Lodi, Jaffet, Costa Miranda, etc., tudo girando em tôrno do caso Samuel Wainer, desde os financiamentos privados e os feitos pelo Banco do Brasil, até às falsificações nas listas de passageiros do navio em que, há 48 anos, vieram para o Brasil os genitores do acusado. E' evidente que o assunto já se vai tornando cansativo em face da morosidade e providências complexas que envolvem tão tumultuoso caso. O povo gosta das soluções rápidas, enérgicas, com definições positivas. Quando isso não é possível, pela natureza de cada episódio, o noticiário vai descambando para ponto morto, e o povo dirige suas atenções para novos acontecimentos. Mas, já ao fim da primeira quinzena de tanta agitação, chega ao Rio o sr. Adolfo Berle, despertando curiosidade entre os comentadores políticos do país, que viram na sua presença uma coincidência digna de registro, entre a «confusão» de 1945 e a que ora se processa, justamente em tôrno do govêrno do mesmo homem de oito anos passados, o sr. Getúlio Vargas. E o ilustre visitante, como se não percebesse o estado de alarma reinante no Brasil, deu entrevistas à imprensa, fazendo declarações que podem mostrar as suspeitas e robustecer a onda de boatos. E' possível que tudo isso seja «mera coincidência»; mas que concorre para aumentar a confusão, não tenham dúvida, os responsáveis pela tranqüilidade nacional.



O pessoal e amigos da «Tribuna da Imprensa», na noite em que circulavam insistentes boatos de que tramavam o seu empastelamento.

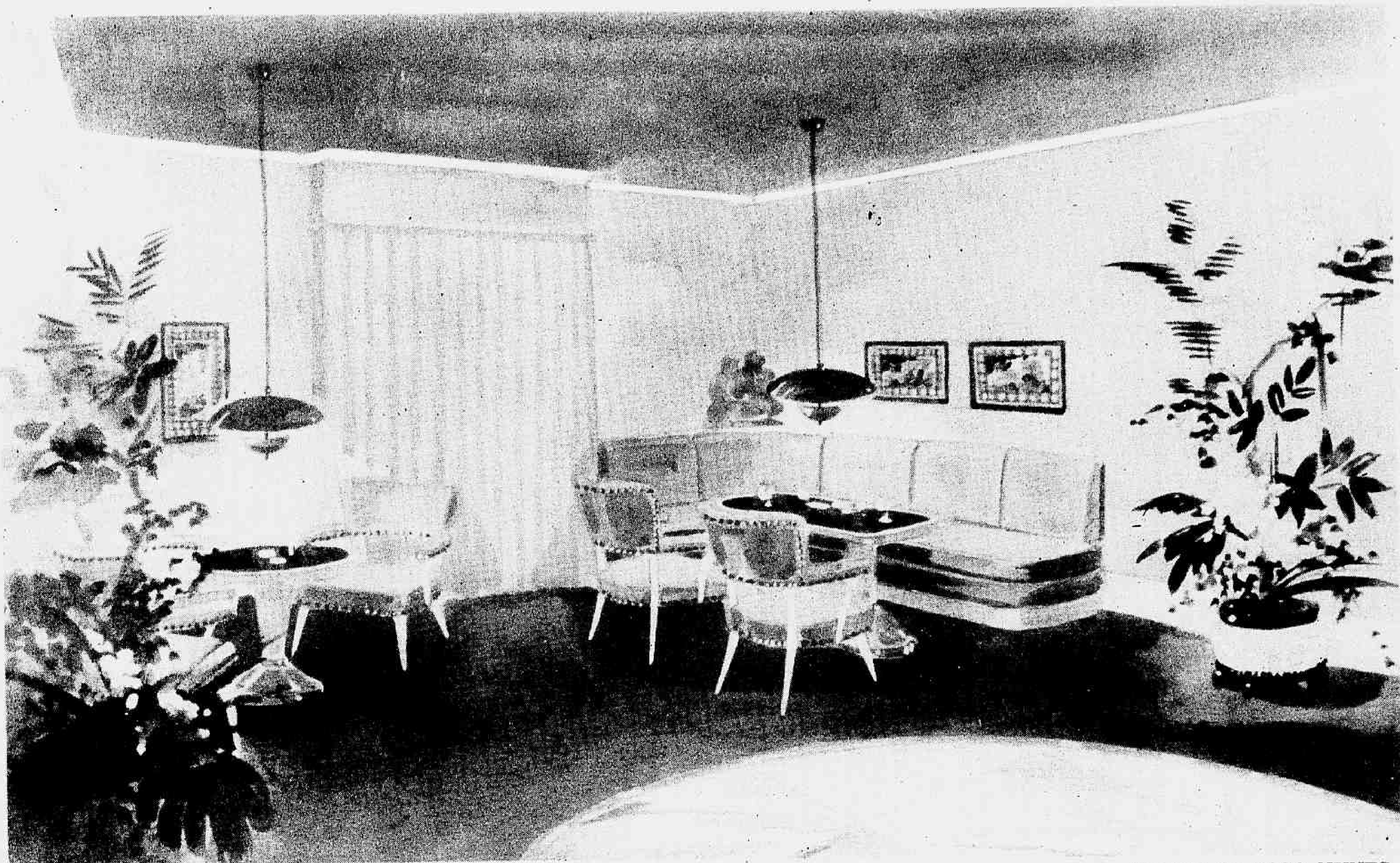
ÚLTIMO FLAS





INCÊNDIO NO COPACABANA-PALACE — Mais um incêndio de vulto se registrou no Rio: ardeu o Teatro Copacabana, instalado numa das dependências do edifício do Copacabana-Palace. Segundo ficou imediatamente apurado, a causa do incêndio partiu da explosão de uma lâmpada de iluminação, que, ao incendiar-se, atingiu umas cortinas do teatro e daí por diante tudo foi questão de alguns minutos. O teatro, o "golden-roon", salões contíguos, tudo se viu entre chamas. Os empregados do estabelecimento tentaram combater o fogo; mas em vão. Com a chegada dos bombeiros, outra tragédia se verificou: a falta dágua. Recorreu-se à da piscina, com o que se conseguiu alguma coisa. Os prejuízos são vultosos, avaliados em vários milhões de cruzeiros.

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

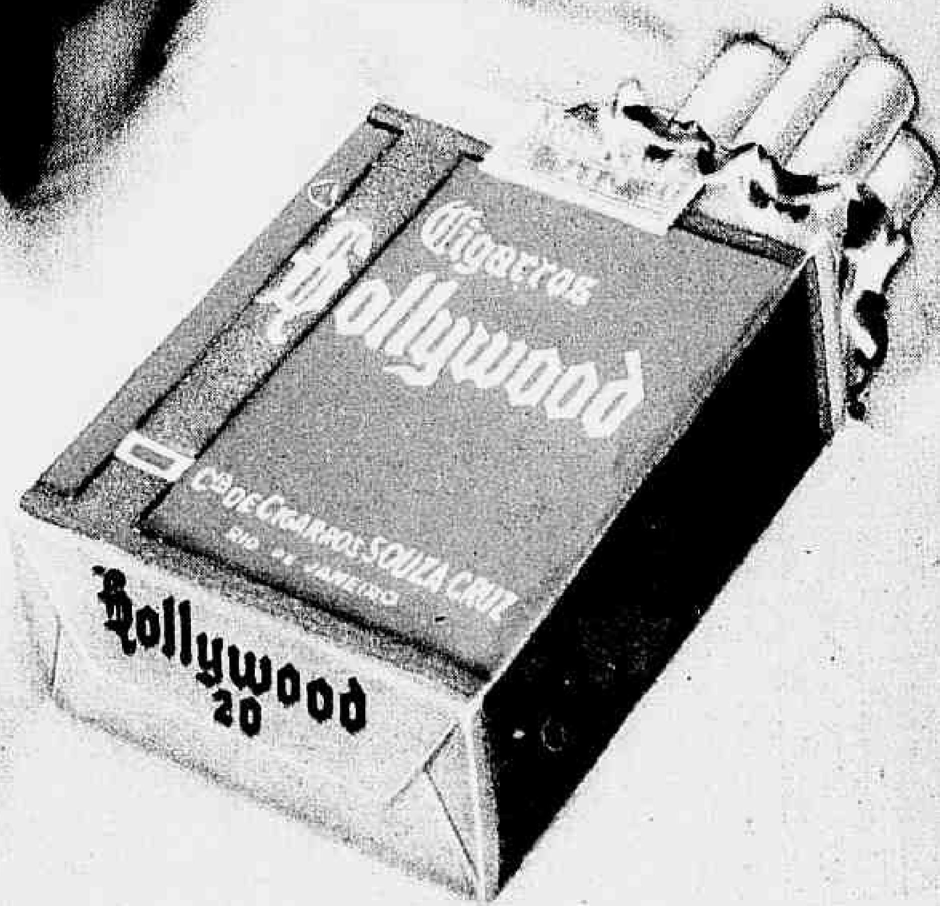
TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA E A PRAZO



Uma
tradição
de
bom gôsto



CIGARROS
hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

14-68 313